

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Natália Rolim Rosa**

**Ódio Coletivo: a perversão do rito**

**Doutorado em Ciências Sociais**

**São Paulo  
2021**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Natália Rolim Rosa**

**Ódio Coletivo: a perversão do rito**

**Doutorado em Ciências Sociais**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais sob orientação da Prof. Dra. Carmen Sylvia de A. Junqueira.

**São Paulo  
2021**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Natália Rolim Rosa

Ódio Coletivo: a perversão do rito

Doutorado em Ciências Sociais

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

São Paulo  
2021

Para Adam e Gal,  
coisas verdadeiras e sumarentas.  
Permaneçam malcriados  
– exigindo para si instantes completos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

## AGRADECIMENTOS

Não se faz uma tese sozinha. Ela se tece por meio da pluralidade de encontros, afetos e saberes da comunidade acadêmica em que se insere; enlaça-se por fios que se estendem pelo espaço-tempo de outras trajetórias. Poetisas, filósofas, cientistas, professoras... Num mundo que padece do individualismo, uma tese é uma obra que nasce da esfera comum. É profunda a gratidão por esta experiência, pelos encontros, desencontros, partilhas, diálogos, lições, aprendizados e afetos.

À Capes, pelo suporte financeiro sem o qual não poderia ter realizado esta empreitada.

À Carmen Junqueira, pela companhia generosa durante essa jornada com tantas curvas e descobertas.

Aos muitos e incandescentes afetos que a comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo me proporcionou durante esses 18 anos.

“Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.” - Hannah Arendt

**RESUMO:** O Ódio existe e é um dos grandes dilemas que o homem do século XXI deverá enfrentar. Na última década, os postulados de André Glucksmann, em *O Discurso do Ódio* (2004), tornaram-se preeminentes. O Ódio emerge num corpo bastante robusto, avultado e feroz. O que é este corpo? Como se estrutura? Por que agora? O Ódio é um fenômeno de violência coletiva que se estrutura por uma mecânica persecutória num contexto de crise social. Esta hipótese tanto se comprovou como se desmentiu. André Glucksmann, René Girard, Byung-Chul Han, Sigmund Freud, Frans de Waal, Roger Dadoun, Umberto Eco, Hannah Arendt, Theodor Adorno são alguns dos autores utilizados no exercício reflexivo para compreender sua ambiguidade. Enraizado nas estruturas sociais profundas, na genealogia da espécie humana e do desejo, o ódio aciona o mecanismo ritual do bode expiatório e o perverte. Destitui da cena ritual a centralidade do corpo e o substitui pelo discurso, instaura outra linguagem que ressoa de forma viral pela comunicação digital, mobilizando identificações coletivas pelo signo da violência. Fenômeno da positividade, não busca restaurar um corpo arraigado, converter uma violência nefasta; apenas propagar sua pulsão destrutiva. O Ódio Coletivo é o Eclipse Cultural de René Girard, o Estado de Nefas de André Glucksmann, o Ur-Fascismo de Umberto Eco.

**Palavras-Chave:** ÓDIO, ÓDIO COLETIVO, VIOLÊNCIA, RITO, PERVERSÃO.

**ABSTRACT:** Hatred exists and is one of the great dilemmas that the man of the 21st century must face. In the last decade, André Glucksmann's postulates in *The Discourse of Hate* (2004) have become prominent. Hatred emerges in a very robust, bulky and fierce body. What is this body? How is it structured? Why now? Hatred is a phenomenon of collective violence that is structured by persecutory mechanics in a context of social crisis. This hypothesis was both proven and disproved. André Glucksmann, René Girard, Byung-Chul Han, Sigmund Freud, Frans de Waal, Roger Dadoun, Umberto Eco, Hannah Arendt, Theodor Adorno are some of the authors used in the reflective exercise to understand their ambiguity. Rooted in deep social structures, in the genealogy of the human species and desire, hatred triggers the scapegoat's ritual mechanism and perverts it. The centrality of the body is removed from the ritual scene and replaced with speech. It establishes another language that resonates in a viral way through digital communication, mobilizing collective identifications by the sign of violence. Phenomenon of positivity, it does not seek to restore an ingrained body, convert a nefarious violence – it only disseminates its destructive drive. Collective Hatred is René Girard's *Cultural Eclipse*, André Glucksmann's *Nefarious State*, Umberto Eco's *Ur-Fascism*.

**Key-Words:** HATRED, COLLECTIVE HATRED, VIOLENCE, RITE, PERVERSION

**SUMÁRIO**

<b>O AMOR</b>	p. 11
<b>O ÓDIO</b>	p. 19
<b>I.</b>	p. 20
<b>II.</b>	p. 33
<b>III.</b>	p. 52
<b>IV.</b>	p. 75
<b>V.</b>	p. 94
<b>VI.</b>	p. 117
<b>VII.</b>	p. 139
<b>A CORAGEM</b>	p. 144
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	p. 147

## O AMOR

Quando ainda cursava a graduação em Ciências Sociais na PUC-SP, durante uma aula sobre metodologia científica, o debate se debruçou sobre a questão: “para quê, afinal, serve a ciência?”. Esta aula ficou marcada na minha memória pela fala da (estimada) professora Lúcia Rangel.

Ela narrou o momento em que encontrou sua resposta, quando convidada para ser membro da banca de uma tese sobre o uso de trabalho infantil em lixões. O primeiro capítulo fazia uma narrativa empírica da pesquisa, descrevia a condição de vida daquelas crianças em situação precária e desumana. Era a descrição de uma realidade horrível e triste: “Eu lia e chorava, chorava... Não conseguia parar de chorar. Fiquei aos prantos.” No segundo capítulo, a autora apresentou a análise dos dados e a discussão bibliográfica: “Aquele corte, foi um choque e imediatamente parei de chorar. Foi então que pensei: é isso! É pra isso que a ciência serve, para nos fazer parar de chorar.”

Sendo sincera, na época, eu não concordei com ela. A graduanda de 20 anos, movida pelo ímpeto de criticar o racionalismo enrijecido e o paradigma caduco do cientificismo, interpretou que parar de chorar era parar de sentir. Pensou ser uma amostra de uma ciência avessa ao campo do sensível. Mas, de tempos em tempos, a fala de Lúcia retornou à minha mente. Parte pelo que eu não havia compreendido e parte pelo que eu havia: essa é uma resposta que encontramos por meio da experiência. Todo pesquisador, um dia, depara-se com o mesmo choque, o momento em que a ficha cai e se entende não apenas para que serve a ciência, mas o que representa em sua vida.

O meu episódio ocorreu no dia 30 de outubro de 2018. Jair Bolsonaro havia sido democraticamente eleito presidente no dia 28, utilizando por estratégia de poder a mobilização política do ódio, fenômeno que tomei por objeto de pesquisa desde 2015. No dia posterior às eleições, os amigos que sabiam do meu tema de pesquisa começaram a me enviar relatos de agressões e manifestações de ódio (das quais foram vítimas ou conheciam as vítimas), além de me marcar em postagens nas redes sociais sobre acontecimentos do tipo. O Google Alertas havia enchido a caixa de entrada do meu e-mail com notificações de notícias similares.

Durante o dia todo, os relatos não paravam de chegar e a sensação de derrota não parava de aumentar. Eu estava amamentando minha bebê de oito meses, enquanto mais um relato era narrado: uma amiga da família havia sido agredida numa farmácia. Enquanto ela

comprava remédios, outro cliente entrou no estabelecimento se gabando de que iria arrumar uma arma para sair atirando em petistas. Ela confrontou sua fala: “o senhor iria ter que atirar em mim”. Pensou que a intervenção iria chocá-lo, afinal a petista era uma senhora de mais de 60 anos comprando remédios numa farmácia. Ele partiu para cima dela, derrubou-a no chão e só não conseguiu chutá-la porque os funcionários a puxaram e a retiraram rapidamente do estabelecimento.

Em 2015, eu coletava denúncias sobre conteúdos de discurso de ódio e rastreava *hashtags* com milhares de compartilhamentos incitando violência e discriminação. Apenas a ONG SaferNet Brasil contabilizou 104 mil denúncias e foram retirados 2,4 mil sites com conteúdos ofensivos. Acompanhei as manifestações em prol do impeachment na Avenida Paulista procurando conceber como o clima de domingo no parque era atravessado por falas que faziam ode à morte e casos pontuais de agressão física.

Em 2018, ao mesmo tempo em que os dados das agências de denúncias de crimes cibernéticos mostravam um declínio acentuado das denúncias, acompanhar e coletar esses conteúdos se tornava impraticável. Segundo dados da Agência Lupa, apenas no mês de agosto, as dez principais notícias mentirosas que rondavam as redes sociais foram compartilhadas 865 mil vezes (MELLO, 2020). No final de semana do segundo turno eleitoral, a operação conjunta de um grupo de checadores conseguiu identificar e desmentir 50 conteúdos falsos, uma média de uma nova notícia falsa por hora (TARDÁGUILA, 2018). Os números de *fakenews*, compartilhamentos de narrativas persecutórias e teorias da conspiração permaneciam em ebulição.

Em análise sobre a queda no número de denúncias, o diretor da SaferNet, Thiago Tavares, afirma que ela destoa da análise qualitativa sobre as redes. Conteúdos que antes chocavam e provocavam denúncias estavam sendo banalizados, assimilados e compartilhados (SOPRANA, 2017). Já não causavam mais revolta em grande parcela da opinião pública, faziam parte do cotidiano, além de serem legitimados por figuras públicas como Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Durante o período de quatro anos, o ódio havia recrudescido tanto, ao ponto de se banalizar. O resultado era a enorme quantidade de casos de violência física e crimes de ódio. Situações de pessoas xingadas, hostilizadas e cuspidas por usarem vermelho ou serem identificadas como membros da esquerda pareciam banais perto do aumento dos relatos de agressões graves, tentativas de assassinatos. As ONGs Open Knowledge Brasil e Brasil.IO e a Agência Pública de Jornalismo contabilizaram 36 casos de homicídios e agressões, entre 60

casos de ocorrências levantadas durante as eleições<sup>1</sup>. Na plataforma Violência Política no Brasil, do site Opera Mundi<sup>2</sup>, foram contabilizadas 133 agressões por motivação política no período. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) registrou 141 ameaças e agressões a jornalistas que cobriam as eleições (FOLHA, 2018).

De alguma forma uma senhora podia ser agredida na farmácia por conta do seu voto e, simplesmente, nada acontecia. Eu era mãe de uma menina de oito meses e tudo o que sentia, naquele dia, era medo. Do que estava surgindo, de pensar que ela nascia num mundo tomado pelo ódio – que tem nas mulheres uma de suas principais vítimas.

No outro dia, 30 de outubro de 2018, comecei a organizar os relatos, verificar as fontes das publicações em que haviam me marcado, separar o que era fato e o que era *fake*, levantar os dados oficiais das agências de monitoramento, fazer planilhas e pensar no método para organizar todas as informações, além de qual recorte seguir, qual o rumo dar à pesquisa... Foi aí que a ficha caiu! Pensei: é isso! É para isso que a ciência serve, para nos fazer parar de ter medo!

A ciência nos faz parar de chorar e temer e nos leva à ação, no sentido em que Hannah Arendt lhe confere. Oferece uma saída diante do que nos assombra e paralisa, coloca-nos em movimento. Este é o predicado deste trabalho: a ciência oferece uma saída ao ódio. No mundo em que as palavras estão sob ataque, atingidas em sua capacidade simbólica, em que a verdade é destituída de significado e a realidade obscurecida, a busca pelo conhecimento é uma ação política. Fazer ciência é um ato de coragem. Um ato erótico. Encontro com a realidade não para aceitar, subjugar-se e muito menos negá-la. Por mais cafona que parece e talvez seja, a ciência na minha vida é ação de amor. Amor pelo mundo.

O conjunto de todas as manifestações de violência, intolerância, raiva, detração. As tantas facetas que eu havia coletado sobre o ódio que eclodiram no cenário político brasileiro a partir de 2014. O aglomerado impreciso e assustador de acontecimentos. As narrativas persecutórias que o colocam em movimento. Sua ressonância como fenômeno global. Este corpo impreciso, avultado e feroz, que eu nomeei Ódio Coletivo. Este é o objeto de estudo desta tese.

Quando o projeto de pesquisa foi elaborado, em 2015, o ódio ainda era um tema pouco presente. Aparecia como assunto em debates jurídicos sobre crime e discurso de ódio e era objeto de núcleos de estudos sobre a violência. De lá para cá, tornou-se protagonista em

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.vitimasdaintolerancia.org/>. Acesso em: 12/02/2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/53622/relatos-de-violencia-com-motivacao-politica-se-espalham-pelo-pais-veja-mapa-e-informe-seu-caso-aqui>. Acesso em: 12/02/2021.

inúmeras pesquisas, reportagens e análises, que o tomaram como objeto de estudo da política, da filosofia e da psicanálise, como em: *Dilma Rousseff e o Ódio Político* (2015), *O Ódio como Política* (2018), *A Máquina do Ódio* (2020), *Os Engenheiros do Caos* (2019), *O Ódio à Democracia* (2005), *As Escritas do Ódio* (2018), *Todos Contra Todos: o Ódio Nosso de Cada Dia* (2017), entre outros...

Estes trabalhos abordaram aspectos do objeto aqui tratado: o uso político do ódio, sua relação com os mecanismos de identificação coletiva, sua raiz com as transformações na sociedade digital, sua relação com a insatisfação social. Minha abordagem se coloca como mais uma contribuição para problematizar o ódio propondo apreendê-lo num corpo, numa estrutura, e repensar a noção de causa, ou seja, não pensar sobre ele como um efeito colateral.

A afirmação de André Glucksmann de que o Ódio seria o maior dilema do século XXI (GLUCKSMANN, 2004) parece ter se concretizado. Esta tese se aproxima da filosofia do ódio proposta por Glucksmann em *O Discurso do Ódio* (2004) e contribui acrescentando algumas páginas ao seu esboço por um olhar antropológico, além de apresentar o Ódio Coletivo como um fenômeno em si, com características próprias, bem como sua articulação com outros fenômenos da sociedade contemporânea com os quais está relacionado.

Duas dificuldades acompanharam a execução da pesquisa. Primeira, o fato de se ter um objeto de estudo em tempo real, em pleno desenvolvimento, atravessado e fomentado por muitos acontecimentos políticos. Apenas no Brasil, nos últimos cinco anos, foram duas eleições presidenciais extremamente polarizadas, um processo de impeachment, três presidentes. Segunda, o fato de o fenômeno ser complexo, multifacetado e afeito a simbioses.

Como as sete flores do ódio fornecidas por Glucksmann (2004), este trabalho se organizada em sete partes que formam um todo, acompanhadas pelas estrofes do poema *O Ódio*, de Wislawa Szymborska. Esses blocos levantam mais questões do que puderam responder e não pretendi dar nenhuma delas por esgotada. Há no texto certo inacabamento. Se tivesse optado por analisar um único aspecto do problema apresentaria um trabalho melhor acabado. Mas esta não era a proposta. Não era o objetivo arrancar um de seus braços, mas mostrá-lo por inteiro: complexo, múltiplo, fluido, contraditório. Dar-lhe nome, corpo, causa. Este trabalho é uma provocação, um chamado à ação, à necessidade de pensar o Ódio – com “ó” maiúsculo. De apreendê-lo numa categoria do pensamento da qual ele insiste em escapar.

O Ódio existe em si mesmo. É a partir dos pontos centrais da filosofia de Glucksmann que o trabalho se inicia e os toma por alicerce para investigar como se mantém “em plena forma em nosso século”. Verso de Szymborska, mulher do século XX, revela que o Ódio sempre É: seus verbos se conjugam no presente. “Odeio, logo existo” (GLUCKSMANN,

2004) é o seu mantra. Esta pesquisa se desenha sobre uma característica central do Ódio<sup>3</sup>: ele é coletivo, um fenômeno de grupo. Isso carrega uma contradição: é uma força antissocial que veste um corpo coletivo, conjuga alguma forma de agrupamento sobre um Nós. Esta contradição é o nó górdio enfrentado, a problemática que se busca solucionar.

O Ódio é um fenômeno de violência coletiva. Esta hipótese foi o alicerce metodológico da pesquisa. Permitiu recorrer à estrutura do rito expiatório, descrita por René Girard em quatro estereótipos universais do *Bode Expiatório* (2000) que funcionassem como guia da investigação sobre a estrutura do fenômeno. A partir da observação direta e dos dados coletados sobre as manifestações de intolerância no contexto político brasileiro, pode-se constatar que o ódio se iniciou como um sentimento antipetista e tomou formas mais complexas, de teorias conspiratórias a mecânica persecutória. Da crise política e econômica surgiu em parte da população uma multidão mobilizada pela violência e organizada por um discurso de acusação e construção de inimigos. Poderiam o ódio à Dilma Rousseff e o processo de impeachment operarem como rito expiatório? Não foi o que aconteceu. A mecânica expiatória permaneceu operando em *looping*, caçando novas vítimas, articulando novas narrativas. O Ódio subiu nos palanques e ecoou seu discurso persecutor em plenos pulmões no cenário nacional.

O quarto estereótipo, a própria violência, não se cumpria. O Ódio apareceu como um rito falho – que não operava a reorganização social, ao contrário, perpetuava a condição anômica. A teoria de Girard foi insuficiente para compreender o fenômeno. Foi necessário aprofundar as reflexões sobre a própria estrutura da expiação e buscar o que estava faltando, ou o que estava sobrando. A comparação com os justicamentos populares estudados por José de Souza Martins, outro fenômeno contemporâneo de violência coletiva, foi utilizada para isto. Nos linchamentos, a cena ritual está completa e revela o que o Ódio deixa ausente: o corpo. O Ódio Coletivo aparece como um movimento persecutor que tira a centralidade do corpo e a coloca sobre o discurso. É um tagarela, um agitador. Ao corromper a centralidade do rito sobre o corpo da vítima, rompe a lógica ritual e perpetua o movimento da violência. Não apenas o quarto estereótipo de Girard (a passagem ao ato) se revelava ausente, o primeiro estereótipo (a crise) também não estava clara o suficiente.

Qual crise configurava o que René Girard chamou por eclipse cultural, uma crise de indiferenciação cultural? A crise política e econômica? Ou se trata de contexto mais profundo

---

<sup>3</sup> Escolho por manter no texto a palavra ódio em minúsculo, substantivo simples e maiúsculo, nome próprio. Compreender quando o objeto deixa sua forma simples para configurar-se como uma entidade, uma força com movimento e lógica própria que se sobrepõe aos seus próprios agentes, é o propósito deste trabalho.

de instabilidade. De qual crise emerge a mecânica do ódio? Byung-Chul Han deu o embasamento teórico para pensar este eclipse. Han apresenta sobre o paradigma da positividade outra topologia da violência, em que sob o signo do poder, a lógica imunológica de organização da violência coletiva, a conversão negativa/positiva que está presente no rito expiatório, não é mais possível. A violência não constitui mais uma cena: ela corrói os indivíduos isolados em si mesmos. A problemática se complica e a contradição do Ódio Coletivo como característico do século XXI fica ainda mais evidente sob o prisma da positividade. Há um Nós, uma comunidade de reserva, como chama José de Souza Martins, no Ódio? Para compreender a formação da turba, das multidões mobilizadas pela violência – o terceiro estereótipo de Girard –, recorro à *Psicologia das Massas e Análise do Eu* de Sigmund Freud e sua explicação sobre a identificação para compreender o laço coletivo do Ódio.

O Ódio remete à relação entre desejo, violência e laço social. Suas raízes estão não apenas na genealogia do desejo como na da própria espécie. É o *Homo Violens* de Roger Dadoun que tem violência por força nuclear das diversas esferas da vida humana. Na imagem do homem-contra de Henri Michaux<sup>4</sup>, o autor aponta para outra tríada indissociável: violência – olhar – identidade. Somos um animal bipolar, dirá Frans de Waal. É o aparato biológico, a longa trajetória evolutiva da espécie humana que explicam o quão profundas são essas estruturas, em que agressividade e empatia tornam-se faces de uma mesma moeda.

O fenômeno combina o tempo longínquo da genealogia da espécie ao tempo líquido do *Homo Digitalis*. O homem do mundo digital que tem por habitat sua ilha de ego. Hiperativo, ensimesmado, depressivo, indignado. Byung-Chul Han se opõe ao pensamento de Michael Hardt e Antonio Negri, das massas narcísicas da era digital não emerge nenhuma multidão, nenhum agente político. Incapaz de ação política, sua configuração coletiva é o enxame: barulho em movimento. Na estrutura psíquica da era digital, o Eu equivale a si mesmo. As gradações do Eu perecem quando a alteridade é apagada no totalitarismo do igual, que coloca tudo sob o mesmo filtro da transparência. A privatização da vida destrói a esfera do comum e torna translúcida a existência.

A *Big Tech* proporciona um estado de bem-estar privado para a massa atomizada de indivíduo e a transforma numa sociedade de consumidores, na qual são também, o produto. No setor do extrativismo de dado, descrito por Evgeny Morozov, livre de qualquer

---

<sup>4</sup> A imagem do homem-contra, inspirada no poema “Contre!” de Henri Michaux, presente em *La Nuit Reume* (GALLIMARD, 1967). Apresentada por Roger Dadoun na ideia do homem como um ser-contra, cuja violência é sempre reativa, uma contra-violência; que julga estar presente no conjunto da obra de Henri Michaux, compõem uma espécie de antropologia.

cerceamento ético a psique humana se torna produto. Tudo o que potencialize a comunicação digital, acelere a informação, atravesse todos os hiatos é favorável. Engajar, curtir, compartilhar, manter-se conectado intermitentemente. Bolhas digitais, câmaras de eco, *fakenews*, viralidade, memes, imediatismo: as redes digitais são bioma propício ao ódio. Ele aprendeu a falar a língua algorítmica. A política tornou-se uma narrativa digital que os *Engenheiros do Caos* (2020) aprenderam a coordenar taticamente pelo tecnopopulismo. O novo soberano é quem controla o barulho. O Ódio emerge das redes como a grande força mobilizadora do enxame. Nada engaja mais do que o ódio. É uma força da positividade que está em plena harmonia com o fluxo do capital. Gera lucro.

Machista, racista, xenófobo; negacionista; avesso à modernidade; cultuando a ação pela ação; dono da verdade e da justiça; paranoico; valendo-se da frustração e do ressentimento; conspiracionista; em guerra permanente; populista; cultuando a morte: o ódio cumpre todos os requisitos do eterno fascismo de Umberto Eco (1995). Theodor Adorno (1951) analisa como os agitadores fascistas recriam quase cientificamente a psique de massa freudiana. A propaganda fascista apela ao que Hannah Arendt coloca no cerne das origens do totalitarismo: a massa de indivíduos atomizados, completamente isolados em sua frustração e ressentimento. O tecnopopulismo das novas tiranias denunciadas por Agnes Heller (LEGRAND, 2018) não inova nesse quesito, apenas nas tecnologias disponíveis.

A psicopolítica coloniza as subjetividades, permite acessar a psique da massa narcísica e fazer emergir dela uma multidão mobilizada pela violência sem que seus membros ensimesmados precisem sair do sofá. Sem abrir mão da última barreira que Arendt coloca ao totalitarismo, o narcisismo burguês. É pelo engajamento do indivíduo narcísico que as novas modalidades de propaganda de massa do tecnopopulismo angariam a energia para suas plataformas políticas. A atual psicologia de massa que emerge se tece pela psicopolítica que tem acesso ilimitado ao inconsciente coletivo e o desenha como inconsciente digital.

Se os grandes horrores produzidos pela humanidade no século XX nasceram da banalidade do mal, o século XXI vive a banalidade do ódio. A quantidade dantesca de conteúdos de ódio disponíveis nas redes, ecoando nas bolhas digitais, produzem mais do que um mundo da pós-verdade e dos fatos alternativo: produzem a banalidade do ódio. Dão o cenário para que o indivíduo vivencie, sob a noção de performance trazida por Adorno (1951), uma simulação coletiva por meio do laço do ódio.

O Ódio Coletivo não é um rito falho, é a perversão do rito. Aciona o rito de expiação, que remete às estruturas sociais mais profundas, em que a violência e a ordem social se embrenham, para corromper sua operação simbólica. A mecânica da expiação constrói, sobre

a crise cultural, uma linguagem por meio da qual o corpo social pode se reconstruir, em que o imaginário pode reencontrar o real. Cria outra linguagem, nas quais os estereótipos se misturam: ao tirar a centralidade do corpo e colocar a cena sobre o discurso, perpetua o movimento de violência destrutiva e une o último estereótipo (a violência coletiva) com o primeiro (a crise). Este é o sentido da afirmação de Glucksmann de que o Ódio é autorreferencial e cria um Estado de Nefas. Nesta cena, o assassinato coletivo é do próprio corpo social.

O Ódio Coletivo é uma performance perversa, em que o imaginário se sobrepuja sobre o real e um Super-Eu mítico rompe com o mundo. Qualquer Nós que engendre é um simulacro. André Glucksmann denuncia os riscos de substituir o discurso da guerra pelo discurso do Ódio, da retirada da violência bélica do limite das trincheiras. A última década indica que Ódio não cria só um discurso, mas outra linguagem.

O Ódio é o Eclipse Cultural.

**O ÓDIO - Wislawa Szymborska** (Trad.: Regina Przybycien)

Vejam como ainda é eficiente,  
 como se mantém em forma  
 o ódio no nosso século.  
 Com que leveza transpõe altos obstáculos.  
 Como lhe é fácil – saltar, ultrapassar.

Não é como os outros sentimentos  
 ao mesmo tempo mais velho e mais novo do que eles.  
 Ele próprio gera as causas  
 que lhe dão vida.  
 Se adormece, nunca é um sono eterno.  
 A insônia não lhe tira as forças; aumenta.

Religião, não religião –  
 contanto que se ajoelhe para a largada  
 Pátria, não pátria –  
 contanto que se ponha a correr.  
 A Justiça também não se sai mal no começo.  
 Depois ele já corre sozinho.  
 O ódio. O ódio.  
 Seu rosto num esgar  
 de êxtase amoroso.

Ah, estes outros sentimentos –  
 fracotes e molengas.  
 Desde quando a fraternidade pode contar com a multidão?  
 Alguma vez a compaixão  
 chegou primeiro à meta?  
 Quantos a dúvida arrasta consigo?  
 Só ele, que sabe o que faz, arrasta.

Capaz, esperto, muito trabalhador.  
 Será preciso dizer quantas canções compôs?  
 Quantas páginas da história numerou?  
 Quantos tapetes humanos estendeu  
 em quantas praças, estádios?

Não nos enganemos:  
 ele sabe criar a beleza.  
 São esplêndidos seus clarões na noite escura.  
 Fantásticos os romances das explosões na aurora rosada.  
 Difícil negar o páthos das ruínas  
 e o humor tosco  
 da coluna que sobressai vigorosamente sobre elas.

É um mestre do contraste  
 entre o estrondo e o silêncio,  
 entre o sangue vermelho e a neve branca.  
 E acima de tudo nunca o enfada  
 o tema do torturador impecável  
 sobre a vítima conspurcada.

Pronto para novas tarefas a cada instante.  
 Se tem que esperar, espera.  
 Dizem que é cego. Cego?  
 Tem a vista aguda de um atirador  
 e afoito olha o futuro  
 – só ele.

## I.

**“Vejam como ainda é eficiente,  
como se mantém em forma  
o ódio no nosso século.  
Com que leveza transpõe altos obstáculos.  
Como lhe é fácil – saltar, ultrapassar.”**

Estavam, certa vez, um lobo e um cordeiro, a beber nas frescas águas de um riacho. Primeiro, ralhou o lobo: “Por que motivo me turvas a água que estou bebendo?”. Defendeu-se o cordeiro de que era impossível, já que estava abaixo da corrente. Rebatido, lançou outra acusação. “Aqui, haverá seis meses, sei que de mim disseste mal.” “Mas eu não havia nem nascido”, respondeu tremendo o cordeirinho. “Que importa? Se tu não foste, foi teu pai.” Devora, por fim, o pobre cordeiro. (FONTAINE, 1975).

O Lobo Carniceiro da fábula de La Fontaine é inspiração de André Glucksmann para corporificar o Ódio em seu estado puro: a vontade de destruir simplesmente por destruir (GLUCKSMANN, 2004). Na estória, o lobo esbraveja acusações e justificativas para sua fúria contra a vítima que, em vão, tenta defender-se. Os crimes do cordeiro são falsos pretextos. Seu destino estava selado. A fome é a força que mobiliza o Lobo Carniceiro.

O Ódio – com ó maiúsculo – existe. Esta é a tese defendida nas páginas de *O Discurso do Ódio* (2004), em que tece o rascunho de uma ciência do ódio humano. Esta fome de destruição que independe de fatores, condições sociais ou patológicas comumente atribuídas como causas. Os contextos em que o ódio eclode são apenas circunstâncias, ocasiões favoráveis para que a pulsão destrutiva engendre seu movimento.

Sua filosofia do Ódio tem como plano de fundo o avanço do Terror. Alega na evolução da Era da Bomba H para a Era das Bombas Humanas uma mutação ardilosa na eficácia dos ódios. O terrorismo, como prática de guerra, quebra os monopólios estatais sobre os meios de destruir e defender, são implodidos na lógica dos ataques imprevisíveis à população civil desarmada.

O terror constrói um Estado de Ódio que ultrapassa os liames das trincheiras e barricadas numa guerra sem fronteira. O discurso da guerra é substituído pelo discurso do ódio, os confrontos bélicos cedem lugar aos espetáculos de horror. O potencial destrutivo irrompe sem barreiras, emerge um estado nefasto.

Sem cessar-fogo, a guerra terrorista nutre a si própria e torna-se inextinguível; rompe todos os interditos a que a húbris destrutiva deve submeter-se. Conjuga a desértica

possibilidade tecnológica de Hiroshima com a deliberada busca pela aniquilação total de Auschwitz – cujo horror não cabe nem no pleonasmo.

O terrorismo que engendra em sua guerra sem fronteiras revelou-se apenas uma das modalidades possíveis para o Ódio. O Terror não detém a exclusividade na promoção do discurso e dos espetáculos do ódio. Os estados democráticos foram dragados por buracos negros no seio da própria sociedade civil. Esta reivindicou seu espaço no teatro do horror e encenou suas próprias performances no teatro do Ódio.

Glucksmann apresenta o ódio como um fenômeno global. “Um ódio infatigável toma conta do mundo” (2004, p.9), no contexto público e privado, arruinando projetos internacionais de paz e relações de amizade e familiares. Corrosivo, brutal, perverso, impiedoso, obstinado e incansável. Certo e quase profético, o filósofo proclamou que a disseminação do ódio iria arrebatá-lo o homem do século XXI e se tornaria seu maior desafio.

Se sua voz ecoou solitária nos primeiros anos da virada do milênio, diante dos anos irascíveis da segunda década a concepção de que há uma onda mundial de ódio tornou-se consenso. O ódio se tornou tema recorrente de debates acadêmicos, jornalísticos, nas mesas dos bares e dos jantares de família. Também se tornou recorrente a virulência com que esse debate é feito.

Seu avanço é factível. No panorama não está apenas a substituição do discurso da guerra pelo discurso do ódio, libertando sua potência destrutiva de um jogo ordenado por trincheiras e condutas bélicas. Progride por sobre o discurso político e público em seu todo, correndo a política, as fronteiras, tratados, acordos, códigos de conduta, direitos e deveres.

O ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo. (GLUCKSMANN, 2004, p.12)

Tomar esta onda de ódio como objeto de estudo acarreta alguns desafios. Não é possível fazer um recorte muito bem acabado do objeto, determinar quando e onde se inicia, muito menos pontuar a amplitude e as reverberações de seu movimento. Por toda esta investigação o fenômeno parece nos escapar sempre que o apreendemos, essas dificuldades se dão por sua própria natureza, sua lógica autônoma que usa tudo o que encontra como artifício para reproduzir e propagar, mas nunca se permite fixar. Ao mesmo tempo detém uma capacidade impressionante de contágio, é viral e epidêmico.

O ódio ataca de fora e simultaneamente desponta em cada um. (GLUCKSMANN, 2004, p.14).

Crise dos imigrantes e refugiados políticos, recrudescimento da extrema direita, movimentos neonazistas em efervescência, propagação acelerada do discurso de ódio e de apologia à violência, ascensão eleitoral de legendas e candidatos com discursos acusatórios e de exclusão, ataques constantes aos direitos humanos, defesa deliberada de racismos, homofobia, xenofobia e toda uma gama de intolerâncias e apologia à violência difundidas sob a bandeira da liberdade de expressão...

Em 2019, em discurso de divulgação da *Estratégia e Plano de Ação contra o Discurso de Ódio*, que visa a coordenar os esforços das Nações Unidas em uma resposta mais efetiva contra a propagação de crimes e manifestações de ódio, António Guterres afirmou que o ódio avança em todo mundo.

Seu discurso tinha por plano de fundo uma onda de intolerância e violência contra grupos religiosos, mas destacou que a retórica com ódio cresce também contra mulheres, migrantes, refugiados, negros e todos os chamados “outros”. “O ódio está se movendo tanto na corrente das democracias liberais como nos regimes autoritários e colocando uma sombra sobre a nossa humanidade em comum” (GUTERRES, 2019).

Em outubro de 2018, um atentado numa sinagoga em Pittsburgh deixou 11 mortos<sup>5</sup>. Seis meses depois, em abril de 2019, a cena se repetiu numa sinagoga na Califórnia: o atirador matou uma pessoa e deixou seis feridos<sup>6</sup>. Em outubro do mesmo ano, ocorre mais um atentado numa sinagoga em Berlim, com dois mortos e outros tantos feridos<sup>7</sup>...

Os judeus não são o único grupo religioso na mira dos perseguidores. Em março de 2019, um ataque terrorista contra mulçumanos na Nova Zelândia deixou 50 mortos – o episódio foi um dos mais sombrios da década e foi transmitido ao vivo na internet pelo atirador<sup>8</sup>. No Brasil, a perseguição religiosa volta-se principalmente para as religiões de matriz africana. Enquanto nos dados sobre a intolerância religiosa os números caíram no país, os crimes contra templos e membros de religiões com matriz africana aumentam vertiginosamente (CAPETTI, 2019). Em 2019, foram registrados mais de 200 ataques contra seus templos e seguidores apenas no Rio de Janeiro. Ataques e atentados são orquestrados por facções criminosas ligadas ao tráfico, cujos membros são neopentecostais. Em agosto, foi

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/atirador-deixa-varias-vitimas-em-sinagoga-nos-eua.shtml>. Acessado em: 14/02/2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/27/incidente-com-tiros-em-sinagoga-na-california-deixa-feridos-diz-policia.ghtml>. Acessado em: 14/02/2021.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/ataque-a-tiros-em-frente-a-sinagoga-mata-2-na-alemanha.shtml>. Acessado em: 14/02/2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/14/policia-e-acionada-apos-relatos-de-tiros-em-mesquita-na-nova-zelandia.ghtml>. Acessado em: 14/02/2021.

preso um grupo de oito traficantes que se denominavam o Bonde de Jesus e eram chefiados por um pastor (MARTON, 2019).

Mas a intolerância e a perseguição religiosa não são um fenômeno isolado e estão inseridas num contexto mais amplo. A narrativa do ódio e a apologia à violência emergem contra todos que podem ser apreendidos sob o signo de um “outro”, uma onda persecutória e irascível procura vítimas em diversos espectros.

Em Charlottesville, Estados Unidos, uma multidão com tochas nas mãos entoava em coro “Burn, Burn, Burn” (SENRA, 2017) enquanto lançam-se sobre os estudantes negros que cercavam a estátua de Thomas Jefferson. No outro dia, um dos manifestantes avança com o carro contra o grupo da marcha antifascista deixando dezenas de feridos e uma vítima fatal. Na cidade de Quatzenheim, na França, suásticas profanam os túmulos em um cemitério judaico, uma das pichações assina “Os Lobos Alsacianos Negros” (G1, 2019). Nas ruas de Paris, um grupo de manifestantes dos “coletes amarelos” hostiliza o escritor Alain Finkielkraut: “sionista de merda” (FOLHA, 2019).

Em Chemnitz, na Alemanha, centenas de ultradireitistas, entre *hooligans* e neonazistas, saem em uma caçada coletiva contra imigrantes aos gritos de “Nós Somos o Povo”. No dia seguinte, milhares de manifestantes saem às ruas em apoio à perseguição xenófoba (FOLHA, 2018). Dias depois, na cidade de Wismar (leste da Alemanha) um imigrante é violentamente espancado por três agressores. No Brasil, em Pacaraima (estado de Roraima), moradores locais armados com paus e pedras expulsam mais de mil imigrantes venezuelanos aos gritos de “bota fogo”. Barracas e locais de acampamentos foram destruídos e queimados (COSTA, 2018). Três semanas depois, em Boa Vista, um venezuelano morre linchado após ser acusado de assaltar e assassinar um comerciante brasileiro (BRANDÃO, 2018).

Nos últimos anos, o relatório anual da *Anistia Internacional* sobre o estado dos direitos humanos no mundo apresenta cenários desconcertantes e reverberam a mesma preocupação da ONU diante do recrudescimento do ódio e sua incursão sobre a noção de uma humanidade comum. Em 2016, o relatório apresentou o ano em que o mundo se tornou mais sombrio e instável. As ideias de igualdade e dignidade estiveram sob o ataque das narrativas de culpa e medo, construtoras de bodes expiatórios, utilizadas por grupos e pessoas que buscavam subir ou manter-se no poder.

No cenário político, talvez o mais vistoso de muitos acontecimentos desastrosos tenha sido a eleição de Donald Trump para a presidência dos EUA. Sua eleição veio depois de uma campanha em que ele, com frequência, fez comentários

profundamente desagregadores, marcados pela misoginia e xenofobia, e prometeu restringir liberdades civis e introduzir políticas que podem ser bastante contrárias aos direitos humanos.... A retórica venenosa da campanha de Donald Trump exemplifica uma tendência global em direção a uma política mais raivosa e fragmentada. (Anistia Internacional, 2016)

Nos anos seguintes, essa tendência repetiu-se. Na França, Áustria, Alemanha, Países Baixos, Brasil e Quênia candidaturas converteram as demandas e anseios socioeconômicos da população em temor e culpa. O espectro do ódio pairou sobre as eleições em discursos pautados pela perseguição e desagregação, dirigidos principalmente contra imigrantes, refugiados e grupos étnicos.

O Lobo Carniceiro subiu no palanque. Narrativas de ódio e medo foram incorporadas nos discursos eleitorais criando, na figura do outro, um inimigo. Um bode expiatório que pudesse ser culpabilizado pelas queixas do eleitorado. As candidaturas de Donald Trump e Jair Bolsonaro são destaques dessa nova tendência mundial. Políticos que demonstram inabilidades com os mecanismos e articulações políticas tradicionais, mas que ascenderam ao poder com o uso de novas linguagens midiáticas articuladas às narrativas persecutórias e forte mobilização de turbas virtuais.

O relatório de 2018 ressalta como os espaços públicos foram tomados pela polarização dos extremos. EUA e Polônia são exemplos dessa polaridade. Enquanto uns marcham pedindo a proteção dos direitos humanos, fascistas tomam as ruas em Varsóvia e supremacistas brancos marcham em Charlottesville. “Políticas e práticas abusivas que negam direitos humanos a certos grupos desfrutaram de apoio popular em vários países” (ANISTIA, 2018, p.12). O uso das tecnologias de comunicação e das mídias sociais tornou a internet o espaço central dessa disputa e manipulação da opinião pública “e inclui o potencial praticamente ilimitado de incitar o ódio e a violência” (idem).

Nas redes sociais, a disseminação do discurso do Ódio ganha proporções dantescas. O uso dos algoritmos para a propagação de conteúdos discriminatórios e de apologia à violência pelas redes sociais trouxe um novo drama no combate ao ódio, ao Terror e à intolerância. Guterres, no discurso acima mencionado (2019), não deixa de pontuar como as mídias sociais estão sendo exploradas pelos interesses de grupos extremistas e associa a sua retórica inflamada ao crescimento de grupos neonazistas e de supremacia branca pelo globo, alerta que já havia feito no ano anterior (GUTERRES, 2018). No Brasil, dados coletados pela antropóloga Adriana Dias alertam para a expansão de células neonazistas no país. Segundo a pesquisadora “a sociedade brasileira está nazificando-se” (DIAS, apud DEUTSCHE WELLE 2019).

O levantamento realizado pela ONG SaferNet Brasil corrobora a pesquisa de Dias. Em junho de 2020, a ONG recebeu um número recorde de denúncias sobre conteúdos neonazistas nas redes sociais. Foram 3.616 denúncias recebidas pela SaferNet Brasil sobre o assunto, referentes a 1.614 páginas diferentes. Em junho de 2019, foram 31 denúncias, referentes a 25 páginas. Um aumento de 11,564% – e a organização afirma que a curva é ascendente. Em abril, foram 307 denúncias, referentes a 109 páginas; em abril de 2019, 87 denúncias e 46 páginas. Em maio, foram 498 denúncias e 204 páginas. (SAFERNET, 2020)

Não é apenas o avanço do neonazismo que soa o alarme nas redes sociais. A SaferNet, criada em 2007 com o objetivo de defender e proteger os direitos humanos na internet no Brasil, contabilizou até 2018 quase 4 milhões de denúncias com conteúdos de racismo, intolerância religiosa, homofobia, apologia a violência, incitação de crimes contra a vida e pedofilia.

Frente ao avanço do Estado Islâmico, as nações europeias travam uma verdadeira guerra para o controle do ódio na internet. A criação de plataformas para prevenir, detectar e remover conteúdos considerados perniciosos e o reforço de leis para punir as empresas que não se prontificarem à contenção foram algumas das medidas para procurar frear a sua disseminação virulenta nas redes. Em 2017, o parlamento alemão aprovou um plano para a aplicação de multas que podem atingir a marca de 50 milhões de euros para as redes que não retirarem os conteúdos em até 24 horas.

No mesmo ano, o Google e o Facebook sentiram os efeitos negativos das controvérsias do ódio em suas plataformas. As polêmicas envolvendo o papel das *fakenews* na eleição norte-americana e denúncias de anúncios antissemitas sendo produzidos por seus algoritmos publicitários fizeram com que a empresa contratasse milhares de funcionários para checar manualmente os conteúdos.<sup>9</sup> O mesmo ocorreu no Google após a empresa perder importantes anunciantes no Reino Unido. A empresa ressaltou a dificuldade de rastrear e eliminar tais conteúdos diante da velocidade de dados disponibilizados na plataforma: no Youtube são inclusas mais de 400 horas por minuto<sup>10</sup>.

Desde então, a saga contra o ódio nas redes se estende e o fim desta batalha não aparece no horizonte. Em 2020, depois de mais uma campanha de boicote das empresas

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/facebook-contrata-funcionarios-para-analisar-posts-privados-e-treinar-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 14/02/2021.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://tecnoblog.net/211503/boicote-marcas-youtube-google/>. Acesso em: 14/02/2021.

anunciantes, num período de apenas três meses (maio, junho e julho) o Facebook retirou um total de 22,5 milhões de publicações com conteúdo de ódio<sup>11</sup>.

Nos EUA, desde o anúncio da candidatura de Donald Trump, os números dos crimes de ódio entraram em ascensão. No primeiro ano de seu governo, o FBI anunciou um aumento de 17% dos casos reportados. A maioria dos ataques ocorreu contra a população negra, os casos de antissemitismo tiveram um aumento de 37%. O número de mortes causadas por armas de fogo também entrou em ascensão (INGRAHAM, 2017).

No Brasil, os ataques à noção de uma humanidade partilhada e da dignidade como preceito ganham cada dia mais espaço na sociedade e nos discursos. O ódio no Brasil é estrutural e constitutivo, mas desde 2014 o discurso do ódio vem ganhando espaço como uma narrativa legítima e, principalmente após a eleição de Jair Bolsonaro, pode-se falar de uma banalização do ódio na sociedade brasileira. Os direitos humanos tornaram-se estampas em porretes e tacos de beisebol que são utilizados para torturar internos em centro educativos (RESENDE, 2015) ou adquiridos por cidadãos de bem em sites de venda online, para serem ostentados em redes sociais.

Numa reportagem sobre o assassinato de um menino de 10 anos, com um tiro na cabeça durante perseguição policial<sup>12</sup>, os internautas comentam aclamando a ação policial: “o fim de uma semente do mal”, “menos um lixinho, vai tarde! Não interessa a razão! Roubou, matou, estuprou é MORTE! Assim não faz mais”, “menino está na escola estudando, quem está na rua roubando é bandido e merece morrer”, “bandido não tem idade, fogo na cabeça desses miseráveis!”.

As falas dos internautas não estão fora de contexto. Em 2014, após uma reportagem do Jornal do SBT mostrar a ação de justiceiros no Rio de Janeiro que acorrentaram um adolescente num poste e o espancaram (a ação seria justificada pelo roubo de um celular), a âncora do telejornal faz um eloquente discurso em apoio “a legítima defesa coletiva” e sugere aos defensores dos direitos humanos que “apiedaram-se do marginalzinho” que adotem um bandido.

Quem tem ódio só reconhece em si e a seu redor o contágio moral que ele mesmo propaga como uma lei única e universal. (GLUCKSMANN, 2007, p.31)

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://tecnoblog.net/358386/facebook-remove-225-milhoes-de-posts-com-discurso-de-odio/>. Acesso em: 14/02/2021.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/corpo-de-menino-de-10-anos-morto-em-acao-da-pm-e-enterrado-em-sp.html>. Acesso em: 14/02/2021.

Em entrevista para a Revista *Época* em junho de 2009, Glucksmann enfatiza que seu livro procurava defender a liberdade, um posicionamento contra a questão totalitária que avança sob o signo do discurso de Ódio. Sua perspectiva de resistência estava na liberdade civil, na luta pela vida civil. Via em países como o Brasil, na vida precária da população nas periferias e nas favelas e na luta “pelo direito de não viver sob a ameaça permanente de um punhal” (GLUCKSMANN apud FONTENELLE, 2009) a batalha que definiria a vida no século XXI.

A propagação e a naturalização do ódio na sociedade brasileira, os ataques sistemáticos aos direitos sociais, o número crescente de crimes de Ódio, o esfacelamento do âmbito político numa polarização irascível, a ascensão de grupos partidários de extrema direita e do bolsonarismo que banalizou o discurso de ódio e a apologia à violência: tudo isso parece indicar que a batalha está sendo perdida.

O ódio alastrou seu discurso pelo globo e emerge como portador de uma linguagem própria, reorganiza a vida coletiva sob sua estrutura bipolar: Nós versus Eles. Fez das redes sociais sua Torre de Babel. Na nova torre da discórdia, os algoritmos são a língua adâmica, universal. A racionalidade tecnológica não consegue imunizar-se do mal: a barbárie segue como lepra da civilização e é epidêmica.

Por toda parte ouve-se o ranger de dentes de turbas enfurecidas e o hálito pútrido do discurso de ódio. Bravejam, acusam, condenam e perseguem tecendo justificativas vãs para sua ferocidade, cuja razão está em si própria. Há uma epidemia do ódio e a sanha parece ser o signo que compõe as relações. Espalha-se como uma peste, uma infecção fisiológica e também mental. Ele toma conta dos corpos, das mentes e da coletividade.

As faces aterradoras da violência e do ódio preenchem as páginas da História, mas, diante delas, o homem do século XXI permanece estarecido e atordoado, entoando um eco de mais de 100 anos, “o horror, o horror, o horror”<sup>13</sup>. Tão impactante quanto o recrudescimento da cólera e da intolerância é o espanto e o horror que geram por toda parte.

A pretensão de ter virado a página governa a opinião alheia. Já não havíamos relegado os ódios coletivos aos livros de história e remetido as perversões individuais para os bons psicólogos? Mas como, em pleno século XX? Ou agora na mais nova versão, mas como em pleno século XXI? (GLUCKSMANN, 2004, p.10)

---

<sup>13</sup> Fala do personagem Capitão Kirk que encerra as páginas de “O Coração das Trevas”, romance publicado pela primeira vez em 1899.

O ódio avança. Sobre o corpo social e sobre os corpos de suas vítimas. São parcas e frágeis as bases epistemológicas capazes de capturá-lo enquanto fenômeno, dotar-lhe de sentido e fornecer ferramentas para enfrentá-lo.

Na sua filosofia do ódio, Glucksmann (2004) tece as características basilares para a apreensão do Ódio como uma categoria do pensamento: autorreferencial, segue uma lógica autônoma. Sua expansão é autopropulsada, produz-se e amplia por um trabalho de si sobre si mesmo. Essa progressão é ritual e parte de um núcleo gravitacional de afetos encoleirados. É discursivo, é uma paixão lógica. Sempre assertivo, não admite dúvidas. O ódio tem sempre razão. Decide o que é o justo e a verdade: aos seus olhos não há fatos, apenas interpretações.

Glucksmann apresenta um buquê epistemológico com as sete flores do ódio, que em conjunto com os versos de Wislawa Szymborska, são o fio de Ariadne que guia este trabalho na tarefa de delimitar o Ódio enquanto um fenômeno, identificar sua estrutura e problematizar o seu avanço sobre o corpo social.

**O Ódio existe.** Com Ó maiúsculo. Ele é independente de causas, circunstâncias, agentes e vítimas. Fome de destruir em estado puro. Desejo de aniquilação. Pulsão de morte, Thanatos. Com estrutura e movimento próprio, as condições sociais e econômicas das quais emana são circunstâncias e não causas. O ódio não é produto, não é efeito colateral. Não pode ser eliminado e extinguido. Ele não será extirpado da vida humana assim que esta solucionar os conflitos e as patologias que a atingem.

A face nefasta, violenta, da humanidade existe e lhe é constitutiva. Os que se espantam diante dessa face, os que acreditam que as faces tomadas pelo horror e a cólera sejam ilustrações dos livros de História, da infância da civilização se deixam seduzir pelo paradigma positivista.

**O Ódio se reveste de álibis.** As circunstâncias, os agentes e as vítimas que enredam suas manifestações e espetáculos do ódio são apenas oportunidades. Álibis para que engendre o movimento destrutivo que lhe é próprio. Possui causa em si mesmo. Como o Lobo Carniceiro usa pretextos para devorar suas vítimas, mas a sua motivação é a fome e o destino delas está travado assim que cruzam seu caminho. Produz as causas que o justificam, cria as referências que o propagam, ele próprio cria a sua existência e a sua expansão.

Camufla-se em ternuras, bons propósitos, causas nobres: realizar o propósito religioso, agir como força da justiça, lograr pelo bem maior; defender a família, as instituições, os valores. Toda causa lhe serve de artifício para “por a correr” em seu nome. Depois, já corre sozinho. O êxtase que o promove e alimenta, a violência crua é o motor intemporal que o move.

**O Ódio é insaciável.** Uma vez que irrompe seu movimento não cessa, propaga-se ao infinito. Sem trégua, sempre famigerado, eternamente insatisfeito. Não há vítima que sacie sua voracidade. Não há corpo que preencha sua boca carniceira, ele avança pelo corpo social como um todo. Depois de devorar os cordeiros, voltar-se-á para as ovelhas... Esta fome é a sua força. O que o difere dos outros sentimentos “fracotes e molengas”. Ele é Violência, com V maiúsculo. Excessivo, voraz, insaciável, contagioso. O movimento incessante com que se propaga, devora e mobiliza é a Violência: contagiante e intestinal.

**O Ódio promete o paraíso.** Consertar o mundo, fazer o bem. Eliminar o inimigo mau e perverso que o corrompe. Acabar com os párias, os corruptores, os detratores e depravados. Sua destruição avança prometendo elevar, seu mal é promessa do bem. Ele se camufla sob o manto da moral. Dita preceitos, regras e os bons costumes como o caminho para um mundo idílico, liberto da imoralidade corruptora. Se o inferno são os outros, o paraíso é um mundo sem eles.

**O Ódio deseja ser o Deus criador.** O paraíso que promete aos seus seguidores será construído a sua imagem e semelhança. Sua destruição cria. Ergue monumentos. Institucionaliza práticas. Exerce poder. Articula estruturas discursivas. Fornece narrativas simbólicas. Elaborar uma linguagem. Figura um imaginário próprio. Realiza espetáculos.

**O Ódio ama até a morte.** A paixão que devota a seus objetos exige deles a aniquilação: que eliminem suas identidades, suas existências, suas vidas. O deus Ódio exige sacrifícios. E estes são realizados por ritos persecutórios e por práticas ancestrais: a tortura e a crueldade. O ódio é narcísico. Sua paixão exige que toda alteridade seja destruída, só ele pode existir. O que ama em seus devotos é a si próprio, sua violência.

Glucksmann reitera que Medéia, absorva pela fúria, morreu simbolicamente. Ela já não existe como individualidade, foi despojada de qualquer signo individual para tornar-se idêntica à sua violência. O sujeito na turba sofre dessa mesma morte simbólica, é destituído das suas distinções pessoais e torna-se apenas o sujeito da coletividade irascível, sob a identidade que o discurso do ódio lhe confere.

**O Ódio se nutre de sua devoração.** O que ele odeia é a si próprio. Quer destruir a si mesmo. “A vergonha que sente de si mesmo e o projeto de ser deus, navegam lado a lado”. (GLUCKSMANN, 2004, p.269). Seu narcisismo é atravessado pela ambivalência: o objeto de adoração é o mesmo da destruição. A violência que direciona para outro é a mesma com que gostaria de autodevorar. O homem tomado pelo ódio faz recair sobre o outro a cólera que dirige a si mesmo, “impõe ao mundo o vazio interior do qual deseja ser a própria encarnação” (idem, p.59). Faz recair sobre os outros o seu próprio martírio. O estado nefasto que seu

projeto engendra é transformar o mundo, o espelho de seu vazio interno, perpetuar a fúria de sua violência contagiando a todos.

O ódio é um fenômeno em si, ele manifesta-se sob a oportunidade das condições sociais, políticas e trágicas de cada tempo e sociedade, mas existe independente delas. Sempre existiu na história humana e sempre existirá. Alimenta a si próprio e cria as causas da sua existência, é ensimesmado. Veste-se de álibis, camufla-se sob o manto da moral. É movimento e violência. É contagiante e possui uma capacidade exemplar de mobilização. Conjuga e carrega multidões. É contraditório, uma força destrutiva que constrói, um logos, um ethos. Devora tudo o que encontra em seu caminho e transforma em artificios para avançar ainda mais. Está sempre faminto por vítimas e apaixonado por seus aliados. Mas, ao fim, devorará a ambos.

É eficiente, potente, ativo, fluido, catalizador. É afirmativo, só possui certezas. Seu logo não concebe dúvidas, pausas, brechas. É espetacular, esplendoroso: precisa emocionar, empolgar, efervescer, chocar.

O autor faz um mergulho nas tragédias de Sêneca para demonstrar a cegueira da cólera: sua virulência não enxerga nada além de sua fúria, sua fome. O mundo é a imagem e semelhança da sua paixão destrutiva, suas razões são as únicas razões, suas mágoas a única verdade. Mas o ódio, que classifica como paixão, difere da cólera, classificada como afeto. Ele é conjunto de cóleras, de afetos irascíveis e explosivos, utiliza-as como núcleo gravitacional de sua mecânica, como seu motor autopropulsor.

Se o estado encolerizado é cego, o ódio não o é, ao contrário, é clarividente. Média mata os próprios filhos. Ela aniquila o futuro, achata a realidade ao signo da cólera: constrói um estado nefasto absorto pelo ódio, tornado tudo. Age movida pela cólera, mas realiza o projeto certo do ódio. “Exacerba a consciência e a capacidade de reflexão de quem o possui, até alcançar os requintes mais sutis da perversidade” (GLUCKSMANN, 2004, p.191).

Szyborska utiliza a imagem do atirador, sua mira perfeita, para dizer que longe de ser cego, seu olhar é preciso e certo. Ele sabe como atingir e destruir suas vítimas como nenhum outro. Por isso é tão adepto à prática do torturador que sabe arrancar da vítima seus saberes, destitui-la de sua identidade e convicções. O ódio enxerga perfeitamente, age com lógica e precisão. Na sua mira está o futuro, seu movimento engendra um projeto.

O olhar certo e a cólera cega, que devora o que estiver ao seu caminho, são uma das contradições que o fenômeno suporta. Seu projeto para o futuro é assassiná-lo. O estado máximo da destruição é aquele em que o novo nunca nasce, não há crianças. Perpetua-se por um presente eternizado: torna a realidade, as práticas e a linguagem um espelho de sua face

aterradora. Renega a existência de qualquer coisa para além de si próprio. O movimento que o ódio engendra é sempre totalitário.

Partindo da premissa de que o ódio é um fenómeno de existência própria, não um produto de mazelas sociais e patologias individuais e por referencial a filosofia de Glucksmann, este trabalho se debruça sobre um aspecto nuclear e pouco explorado na obra do autor: o ódio é coletivo.

É um fenómeno social, que emerge, produz-se e é propagado sobre os componentes elementares da vida humana, este animal social: a relação com o outro, a constituição de códigos simbólicos, do imaginário e da identidade.

Sua fisiologia é sempre coletiva. Um conjunto de corpos, uma pluralidade de membros, mãos, pés. Sua voz emana por meio de muitas gargantas e suas narrativas se tecem por meio do imaginário coletivo. Não quaisquer corpos e quaisquer vozes: as enfurecidas. O corpo do Ódio é a turba.

Na máxima “odeio, logo existo” está implícito um Nós. Uma relação grupal que organiza, valida e mobiliza a fúria. Está também implícito um Eles, as vítimas sobre as quais a agressividade este corpo se ergue. Não se odeia só. A existência exercida por meio do ódio só é possível no coletivo: o grupo afirma e confirma o indivíduo, a coletividade valida sua virulência. O campo simbólico em que o discurso do ódio se tece, o imaginário em que tece suas representações de um outro odioso é coletivo. E este mesmo campo simbólico fornece uma identidade para o indivíduo. O ódio é um fenómeno de massa: odiamos, logo Nós existimos. Fora da irascibilidade coletiva, fora da turba, sua identidade desfalece.

Sua existência coletiva implica uma contradição. É ao mesmo tempo uma pulsão destrutiva apaixonada por si própria, que consome tudo o que toca e uma força constitutiva de uma coletividade. O ódio é para o corpo social uma anomia e um laço. Esse paradoxo é explicado pela sua natureza: O ódio é um fenómeno de violência coletiva. O paradoxo do ódio é o paradoxo antropológico da violência, uma força destrutiva que nos é constitutiva.

O discurso do ódio, as práticas persecutórias, a formação de turbas, a construção de inimigos, os crimes e todas as formas de machucar, lesionar e destruir que seu movimento implica e exerce são mecanismos que organizam a violência por meio da prática coletiva. Em seu poema, Szymborska chama atenção sobre como o ódio sabe o que faz. O aspecto caótico que sua face excessiva e virulenta possui não pode distrair da sua visão aguda, sua maestria, da capacidade de construir, criar o mundo a sua semelhança.

Quando Glucksmann denuncia a substituição do discurso da guerra pelo discurso do ódio e a substituição da disputa de trincheiras pelos ataques terroristas, estão em jogo disputas

pelo monopólio e controle dos usos da violência pelos acordos estatais e órgãos mundiais da política externa. Na segunda década do século XXI, essa disputa também se estendeu no cenário interno, entre a população civil. O ódio engendra uma forma não institucional de organização da violência, o indivíduo do ódio reclama para si a legitimidade do uso da violência; quer ser policial, juiz e carrasco.

Como fenômeno de organização coletiva da violência, mesmo num movimento destrutivo que aparente ser uma irrupção de desordem e anômica, o ódio coloca em ação uma força ordenadora. Ele constrói um ethos, uma ordem. Por isso sua ação é ritualística. O ódio coletivo é ação simbólica. Cria uma percepção simbólica, um modo próprio de ver o mundo, produz valores, códigos, signos que produzem uma identidade, uma representação de Nós na qual a identidade individual passa a se endereçar. O ódio cria sua própria comunidade e sua própria tradição.

Na medida em que é autorreferencial e autopropulsor, cria suas próprias causas e faz de sua causa si próprio, ele é, simultaneamente, mito e rito. Promove uma ruptura no corpo e na ordem social para erigir seu próprio corpo e sua própria ordem. É um invasor, uma deformidade e até mesmo monstruoso em sua contradição, mas sua mecânica, estrutura e matéria são feitas dos aspectos mais essenciais da vida humana, dos quais nascem a vida cultural.

É um fenômeno que disputa com os poderes e as formas institucionais legais. Ele pode usar a justiça e a legalidade em seu favor, mas seu movimento está sempre acima e a despeito delas. Depois ele sempre “correrá sozinho”.

Implica uma segunda contradição: seu corpo múltiplo é, no entanto, um monólito. Os todos e os muitos que o compõem lhe conferem voz e movimento, são sempre só Um. A turba é mais que um conjunto congruente ou homogêneo, ela é uníssona. O indivíduo se dissolve para tornar-se apenas o todo, só há Um. O ódio coletivo é essencialmente antidemocrático. Não comporta a pluralidade, a divergência e a discordância, tudo o que não está com ele, está contra ele. Todos os que não são como Nós, são CONTRA nós.

Glucksmann está correto ao compreendê-lo como o corpo próprio do Terror e ao afirmá-lo como um Estado. O ódio é sempre Próprio. De movimento e força totalizante, é um Estado totalitário. O projeto que possui para o futuro é sempre totalitário: apreender o corpo social sob sua narrativa, tecer a identidade coletiva sob sua percepção simbólica e eliminar todos os dissonantes tornados seus inimigos.

## II.

**“Não é como os outros sentimentos  
a um tempo mais velhos e mais novos que ele.  
Ele próprio gera as causas que lhe dão vida.  
Se adormece, nunca é um sono eterno.  
A insônia não lhe tira as forças; aumenta.”**

Não muito longe do riacho em que o pobre cordeiro teve seu infeliz encontro com o lobo, uma ovelha é encurralada por um cão. Este a acusou de estar em dívida com ele. Alegou ter lhe dado alguns dias atrás um grande pedaço de osso de pernil, posto que ela estava faminta. A ovelha argumentou que nunca lhe pediu nada e era impossível que tal coisa tivesse se sucedido, posto que nem seus dentes e nem seu estômago poderiam dar-se com um osso. O cão insistia na dívida absurda, mas não estava só. Estava acompanhado do lobo, do urubu e do gavião que se puseram como suas testemunhas e juraram terem visto o ocorrido. A ovelha foi então condenada e devorada pelos quatro<sup>14</sup>.

O ódio, que avança sobre a vida social no século XXI, é coletivo. Não é uma emoção individual, vivida na intimidade; mas uma comoção de grupo, um fenômeno social e epidêmico. Como na fábula, o predador irascível não está só, ele caça em grupo. O delírio persecutório que sua fúria constrói é asseverado pelo grupo carniceiro. É a força coletiva que os permite ser, simultaneamente, delatores, testemunhas, juízes e carrascos.

É este fenômeno que chamo Ódio Coletivo e tomo por objeto deste trabalho. Seu corpo monstruoso é multiforme, plástico. Formado por dezenas, centenas, milhares de membros condensados em uma mesma mobilização violenta. Simultaneamente unidade e multiplicidade. Um Minotauro às avessas: bestial, multiforme, com inúmeros braços e pernas em uma única cabeça.

Guia-se pela lógica racionalizada de um discurso equânime. A estrutura discursiva é a espinha dorsal desse corpo coletivo. Necessariamente explanativo, argumentativo, ecoa por meio de mil gargantas e se dissemina em mais mil bocas. Está por toda parte e não se prende a lugar algum.

O Ódio Coletivo é um fenômeno de violência coletiva, esta é a tese aqui defendida. É um fenômeno de turba, uma coletividade fundamentada pelo exercício da violência sobre outro. É o exercício, a organização e a narrativa da violência sobre o outro o que une seus membros. A violência é o propósito da sua existência.

---

<sup>14</sup> Inspirada na fábula de Esopo, *O Cão e a Ovelha*.

Nos agrupamentos do ódio, ser e odiar não se distinguem. A fúria coletiva busca incessantemente por bodes expiatórios, esse é o propósito de sua existência. Qualquer movimento de refreamento a sua pulsão agressiva é tomado como ataque direto às suas existências. E, na verdade, o é.

Os autores sobre os quais essa tese se sustenta são de áreas e linhas de pensamento diversas (filósofos, antropólogos, historiadores, neurocientistas, psicanalistas, primatólogo) e por vezes dissonantes, mas possuem uma característica comum: abordam a violência como um elemento basilar da vida humana. Seja esta manifesta no ódio, compreendida como pulsão destrutiva ou pulsão de morte ou como força motora das estruturas sociais mais profundas.

Um desses autores é René Girard, para quem a violência é intestina ao homem e elemento fundante das sociedades. Sua teoria fundamenta a afirmação do ódio como violência coletiva e norteia a reflexão proposta sobre sua mecânica persecutória, força nuclear do fenômeno.

Em *O Bode Expiatório* (1982), apresenta o mecanismo expiatório como um esquema transcultural de violência coletiva estruturada em estereótipos universais. Trata-se de um rito no qual a vítima encarna a culpa por uma crise instaurada no corpo social. Ao ser sacrificada pela coletividade, sacia a sede de agressividade que tomou conta das relações e expurga a violência do corpo social, reinstaurando a ordem. O sacrifício fornece uma vítima substituta para a violência e, assim, consegue apaziguar sua fúria e estancar a sangria social.

Só é possível ludibriar a violência fornecendo-lhe uma válvula de escape, algo para devorar. (GIRARD, 1982, p.15)

O sacrifício do bode expiatório é rito de transformação da violência. Num contexto de crise do corpo social, de profunda desordem, a violência é uma força nefasta que se encontra desenfreada, generalizada. Ao se condensar sobre a vítima, ela é organizada e torna-se uma força restauradora do corpo coletivo. A violência sacrificial, compartilhada de forma ritual pela coletividade, é purificadora, é sacra. Por isso, toda vítima expiatória é posteriormente sacralizada.

O mecanismo expiatório tem por fundamento a concepção de violência intestina e a teoria do desejo mimético. “A violência é o pai e o rei de tudo”, a máxima de Heráclito resume a primazia da violência em René Girard e sua relação íntima com o sagrado. Glucksmann abordou a existência do ódio não como um produto das condições socioculturais e de patologias, mas de si mesmo. Girard afirmou que a violência é elemento nuclear da vida humana e das estruturas socioculturais. É o rito que, ao organizá-la, funda as sociedades

humanas e as restaura em momentos de crise estrutural. O ódio, ao instaurar a mecânica persecutória, coloca em movimento esta ritualização da violência.

Para Girard, o homem é um ser que deseja intensamente. Esse desejo, no entanto, é desprovido de objeto e direção. “Ele não sabe exatamente o quê, pois é o ser que ele deseja, um ser do qual se sente privado e do qual algum outro parece-lhe ser dotado” (GIRARD, 1988, p.184). Este outro se torna, diante do sujeito, um modelo. O desejo do modelo torna-se espelho para o desejo do sujeito. Na posição de discípulo, o sujeito simula a si próprio (o seu ser) no desejo do outro e elege para si o mesmo objeto do seu modelo, que agora toma a posição de rival.

O desejo é essencialmente mimético. O que resulta invariavelmente em conflito, numa relação de rivalidade pela identificação de dois desejos. Este duplo imperativo contraditório (*double blind*) é, para Girard, o fundamento das todas as relações humanas. Estas se tecem sobre uma teia de imperativos contraditórios na qual os homens se aprisionam mutuamente através da reciprocidade e da identificação, alterando entre as posições de modelos e discípulos uns dos outros.

Há no homem, no nível do desejo, uma tendência mimética que vem do mais essencial dele mesmo, frequentemente retomada e fortificada pelas vozes de fora. O homem não pode obedecer ao imperativo “imite-me”, que ressoa por toda parte, sem se ver quase imediatamente remetido a um “não me imite” inexplicável, que vai mergulhá-lo no desespero e fazer dele o escravo de um carrasco na maioria das vezes involuntário. (GIRARD, 1988, p. 186)

A mecânica mimética sustenta a concepção de violência intestina. A rivalidade que eclode da reciprocidade faz com que a resposta do modelo ao desejo do sujeito seja a violência. A identificação não simula no sujeito apenas o desejo, mas também a violência do modelo. Identificação, escolha do objeto e rivalidade não se distinguem entre si, como três etapas de um processo, as coisas não se passam numa lógica linear.

No processo mimético em que se fundamenta a vida humana não há separação entre ser, desejo e violência. O desejo humano é pelo ser, como encontra sempre a violência por resposta, esta se torna seu significante absoluto.

Por um processo de abreviação ao mesmo tempo lógico e demente, ele se convence rapidamente que a própria violência é o signo mais seguro do ser que sempre se esquiva. A partir de então, violência e desejo permanecem ligados. (GIRARD, 1988, p. 187)

As relações humanas pautadas por uma rede de interações mútuas e de imperativos contraditórios tornam-se, num piscar de olhos, um tsunami desenfreado de violência.

É o que o autor chama de crise sacrificial ou de indiferenciação. A operação mimética entra num estado em que os homens todos se igualam, passam a ser uns espelhos dos desejos dos outros. Como Medusa numa câmara de espelhos, tudo é violência reproduzindo-se sobre si mesma.

A função do sacrifício é catalisar e direcionar essa violência desenfreada sobre uma única vítima, contendo sua fúria e diferenciando-a do corpo social. Apaziguando as violências intestinas. É uma revivescência de um ato original. O assassinato coletivo é o ato fundador de toda e qualquer sociedade humana. Girard compreende a sociedade como um sistema de trocas, diferenciação e reciprocidade que organiza o desejo e a violência humana permitindo o emergir da cultura e das relações sociais.

Apenas um ato coletivo de violência pode fundar a sociedade. É a única força capaz de quebrar o mimetismo vicioso (má reciprocidade), expulsar e fixar a violência fora da comunidade, estabelecendo uma corrente de identificação ordenada, pautada pela diferenciação. Apenas a violência unânime é capaz desse feito. O assassinato coletivo instaura a ordem social, é ato fundador.

A violência, intestina e mimética, é elemento basilar da vida humana. O movimento da violência urde o corpo social num fluxo que transpassa o mimetismo da vida íntima do indivíduo e as estruturas da vida íntima da coletividade.

O mecanismo do Bode Expiatório reconstrói ritualmente o ato original nos contextos do que Girard chama por crise sacrificial. A ordem social perece, as posições sociais entram em homocromia e a violência instaura um movimento de vazão desenfreada. A mecânica expiatória é um rito de ordenação social que segue uma estrutura universal descrita em quatro estereótipos.

O primeiro estereótipo pontuado por Girard é o que origina o processo persecutório e refere-se à crise sacrificial ou de indiferenciação. Um estado de derrocada das instituições e dos sistemas de diferenciação no qual as diferenças hierárquicas e funcionais do corpo social se dissolvem, “conferindo a todas as coisas um aspecto simultaneamente monótono e monstruoso” (1982, p.21). É o que chama por “eclipse cultural”, em que a teia de relações e contraposições que permitem o fluxo do sistema social entre em homocromia e o que se instaura é o fluxo da violência mimética. Uma crise cultural profunda que arrebatada todo o corpo social, decompondo sua organização e desestruturando as relações.

A crise de indiferenciação é, essencialmente, uma crise de violência. O sistema entra em colapso e a violência torna-se desenfreada. Entra num processo de má reciprocidade em que cada indivíduo passa a ser o espelho da violência de todos.

Nesse cenário obscuro, eclipsado, a ordem social se desfaz, as relações se dissolvem: a sociedade se ausenta. Emerge outro tipo de agrupamento: a turba, multidão persecutória. Girard utiliza o termo multidão proveniente do inglês *mob*, “multidão inclinada ou comprometida com violência ilegal” (1982, p.24), que difere de *crowd*. A mobilização contra um inimigo é o elemento próprio de sua formação, a multidão “constitui tão somente uma unidade com o apelo obscuro que a reúne” (1982, p.24). Este é o apelo por violência.

O segundo estereótipo do mecanismo expiatório é o acusador. A acusação é o elemento que mobiliza a turba, sua existência é pautada por uma busca implacável por culpados pela crise instaurada. O laço que une os membros da turba é a violência, a sede de incidir culpa e punição sobre o outro. A mecânica da perseguição coloca em ação um entrelaçamento de representações imagéticas e acusações.

A multidão enfurecida ou a turba opera no imediatismo, não há distinção entre as representações que constroem no imaginário coletivo sobre a culpabilidade da vítima e o efeito acusador da sua narrativa. É um único mecanismo: ser, pensar, agir - perseguir, acusar, violentar.

A multidão tende sempre à perseguição... Procura, então, uma causa acessível e que satisfaça seu apetite de violência. Os membros da multidão são sempre perseguidores em potência, pois sonham purificar a comunidade de elementos impuros que a corrompem, de traidores que a subvertem. (GIRARD, 1982, p. 23)

A causa da crise é sempre outorgada a um crime hediondo que lesa os próprios fundamentos da ordem cultural e fere os mais severos tabus. O autor ressalta que a veracidade dessa causa e dos responsabilizados não é importante ao processo. Mesmo quando motivada por fenômenos naturais ou biológicos, como pestes e catástrofes, em resposta à crise de indiferenciação, a multidão irá sempre buscar causas sociais e morais.

No processo persecutório o crime, sua causa ou veracidade, não são relevantes. É a sede de violência e o estereótipo acusador da multidão que governam o fenômeno em direção a uma vítima em que possa despejar sua fúria. A violência precisa de unanimidade.

O caráter persecutor fundamenta a existência do ajuntamento sob a necessidade criar uma rede de representações e diferenciações que destaquem a vítima dos outros indivíduos e com ela, a violência. Tudo deve se passar de forma que se crie o Outro, mas não um outro qualquer, um que seja subversivo.

A subversão da vítima justifica a violência que recai sobre si. Torna-a culpada por essa própria violência. Não há qualquer violência que não a da própria vítima, a violência se torna sua própria identidade, a vítima a corporifica.

Todo o processo persecutório é um mecanismo que cria sobre suas vítimas – os inimigos, os culpados – um polo negativo. Como se a turba criasse um ímã moral para toda negatividade descarregada pela crise cultural sobre o corpo social. Assim, ela está sempre certa e a vítima é sempre culpada. A acusação é a mecânica que garante esse processo de expurgo.

Os perseguidores acreditam sempre na excelência de sua causa, contudo, na realidade eles odeiam sem causa. (GIRARD, 1982, p. 137)

Quem tem ódio só reconhece em si e a seu redor o contágio moral que ele mesmo propaga como uma lei única e universal. (GLUCKSMANN, 1982, p. 31)

O terceiro estereótipo apontado por Girard é a seleção vitimária. Trata-se do processo de escolha da vítima sobre a qual recairá a fúria da multidão, o indivíduo ou o grupo que será responsabilizado e penalizado pela crise. O autor afirma que tal escolha é aleatória e não possui relação com responsabilidade ou a veracidade do suposto crime. Ela se dá por meio do sistema de representação persecutória estabelecido. São as marcas vitimárias que constroem no imaginário coletivo a culpabilidade e atraem para a pessoa a violência da turba. Como o infeliz cordeiro que foi matar sua sede no riacho errado, qualquer um pode ter para si essa má sorte.

Essa seleção, no entanto, segue traços universais. Há, em toda sociedade, grupos de pessoas pertencentes a categorias particularmente expostas a discriminação e a perseguição. Pertencem aos grupos mal integrados socialmente por possuírem características destoantes ou extremas, sejam físicas ou sociais. Trata-se das páreas sociais, as chamadas minorias. Nos processos persecutórios essas características dissonantes são identificadas como marcas vitimárias.

Acontece que as vítimas de uma multidão são sempre aleatórias embora aconteça também que não o sejam. (GIRARD, 1982, p. 25)

As vítimas expiatórias e sacrificiais são sempre pessoas que estão às margens do corpo social ou que podem ser facilmente destacadas deste. É ao lado dos preconceitos e estigmas sociais que os acusadores recorrem para criar a representação dos culpados.

O quarto estereótipo corresponde à própria violência. O fim do processo persecutório se dá com o ato sacrificial, na concretização da violência sob o corpo da vítima. O sacrifício expurga e sacia a sede de violência da multidão, realiza a pacificação do corpo social e a restauração da ordem. Ao concentrar sobre si a agressividade e unificar a coletividade contra si, a vítima possibilita que a violência desenfreada seja contida e exteriorizada. O sacrifício realiza o desvio da violência do interior do corpo social para sua exterioridade canalizando a

violência sobre o corpo da vítima. Consiste, portanto, em um mecanismo de controle e organização da violência.

O bode expiatório é um rito de transformação da violência: de um estado destrutivo (violência nefasta) – em que se propaga de forma descontrolada e contagiante pelo corpo social destruindo as estruturas e relações – para um estado positivo (violência sacra), em que é coletivamente organizada, pacificando os ânimos, reestruturando o corpo social, fortalecendo os laços e a identidade do grupo. O mecanismo persecutório é um processo de organização coletiva da violência acionado diante de uma profunda crise cultural que permite reconstituir o arraigado tecido social. É rito de ordem.

O pensamento de Girard é implacável. A violência possui propriedade sobre o desejo e é o fundamento da vida social. Sua teoria provoca incômodo no consolidado paradigma moderno do homem como um ser racional assolado numa visão religiosa que o diz imagem e semelhança de Deus. Mas também é desconfortável o quanto o pensamento girardiano ressoa sobre os tempos atuais.

No ano de 2014, no contexto das eleições presidenciais, a pulsão à violência coletiva que já havia sido exposta nas manifestações populares do ano anterior entrou em combustão com a polarização política e eclodiu um barril de pólvora, que transformou em cinzas qualquer possibilidade de acordo nacional. Desde então o ódio se alastrou pela sociedade brasileira e não deixou mais de ser pauta na conjuntura política.

O contexto brasileiro serviu como laboratório do ódio. Observando os eventos e a narrativa que dominou o embate político ficaram evidentes as fortes características persecutórias do fenômeno.

A disputa eleitoral, principalmente no segundo turno, entre Aécio Neves e Dilma Rousseff, foi pautada por polêmicas, ânimos acirrados e extrema virulência que trouxe à tona os preconceitos e a violência estrutural da sociedade brasileira. Discursos de ódio e de intolerância atravessaram a disputa não apenas sobre projetos políticos e sociais, mas sobre a própria identidade de povo brasileiro. O uso de robôs e da capacidade viral das redes sociais foi um elemento potencializador das controvérsias e conflitos.

No primeiro turno, a fala preconceituosa do candidato Levy Fidelix sobre homossexualidade<sup>15</sup> já havia incitado uma onda de agressividade e de discurso de ódio contra a população LGBTI+. Após o anúncio de um acirrado resultado eleitoral que elegeu Dilma Rousseff presidente, a virulência que havia se espalhado entre os eleitores e a frustração de

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/09/comentarios-de-levy-fidelix-sobre-gays-geram-indignacao-nas-redes.html>. Acesso em: 14/02/2021.

grande parte deles desencadeou um processo de caça às bruxas que impregnou a pauta nacional até o impeachment de Dilma em 2016.

As vítimas dessa incursão foram os nordestinos e os beneficiários do Programa Bolsa Família, associados como um mesmo grupo e responsabilizados pela reeleição de Dilma Rousseff à presidência. Num discurso recheado de preconceito, intolerância e racismo, o voto desse suposto grupo teria sido condicionado pela pobreza, sinônimo de preguiça, ignorância e vagabundagem. Todas as características do bode expiatório: a busca de uma vítima estereotipada sobre a qual depositar a fúria coletiva.

As plataformas das redes sociais foram tomadas por uma enxurrada de vídeos, memes e postagens de cunho ofensivo e discriminatório contra a região nordeste, dando visibilidade e audiência para movimentos separatistas. Essa narrativa partiu de páginas políticas de grupos opositores, de perfis robôs, celebridades e até políticos. Como o deputado Coronel Telhada, que pediu o “processo de independência de um país que prefere esmola do que o trabalho”, o jornalista Paulo Navarro, a vereadora Eleika Bezerra, que publicou no Facebook a imagem do mapa dividido em Nova Cuba e a sugestão de que Minas Gerais fosse implodido para se tornar um lago, entre outros.

O vídeo da modelo Deborah Albuquerque foi um destaque entre essas publicações. Com mais de sete milhões de visualizações em quatro dias, a fala irascível da moça se tornou um ícone da fúria eleitoral:

Quer saber? Me preparando para viajar para Orlando, onde mora o meu pai. Sou rica, bem sucedida, muito bem de vida e tentei ajudar vocês miseráveis, imbecis e burros que votaram na porra da Dilma para ser reeleita.... Vocês são muito burros e vão depender de Bolsa Família e Bolsa Miséria para o resto da vida, porque quanto maior o número de dependente de bolsas existir, maior o número de pobres. Vocês vão continuar na merda... Eu não, eu tenho condições de sair desse país... Que vai virar Cuba, que vai virar uma ditadura. Vocês são burros e vão ficar na merda. Querem parar de me seguir? Parem, eu faço questão. Estragaram o Brasil, merda de petistas.” (fala transcrita do vídeo postado no Youtube)

O uso de robôs por partes das legendas dos partidos para promover postagens com esse teor irascível e assim mobilizar seus eleitores também foi um destaque. Uma investigação da Polícia Federal descobriu posteriormente que parte desses perfis falsos e automatizados eram controlados por uma célula neonazista, já conhecida por sua ação catalisadora na internet em outros episódios, como o do atirador de Realengo.



**Paulinho Navarro**  
2 de outubro às 20:08 · Belo Horizonte · 🌐

To pensando aqui: nesta onda internacional de plebiscito sobre separatismo, a gente podia pensar em um dividindo o Brasil em dois: o do norte/ nordeste e o do sul/sudeste. Dessa forma, a Dilminha, com patrocínio da Friboi, ficaria com seus preguiçosos eleitores bolsistas fazendo uma cesta em redes nordestinas e nos ,com Aécio e demais trabalhadores esclarecidos, na "banda de baixo", de mangas arregaçadas continuando a botar lenha na produção deste país ..  
O que acham?  
Sabem que mais de 50% do eleitorado de Dilma são da "banda" de

**#orgulhodesernordestino É O CARALHO!**  
Maldição, Nordeste só atrasa a porra desse país, e to nem aí se tem algum nordestino lendo isso.

**@CrlsJnr**  
Carlos A. Júnior

Dividam o Brasil no meio, me nego a ser da mesma nação dos nordestinos.

**#oposicao**  
Ofereço 5 mil reais a cada um que matar um nordestino temos que chegar daqui a 4 anos sem eles no Brasil hauhauhauhauhuhua

Esses nordestinos desgraçados parecem que não sabem que a culpa da falta de agua é da lazarenta da Dilma  
7:04 PM - 5 Oct 2014  
2 RETWEETS

gente esses nordestinos tdo pobre acha que a dilma vai aumentar o bolsa familia deles  
7:47 PM - 5 Oct 2014  
1 RETWEET

Esses Nordestinos malditos q vota na Dilma por causa do Bolsa família, pqpp  
7:14 PM - 5 Oct 2014

**Ingrid Berger**  
há 27 minutos · 🌐

Desculpem nordestinos, mas essa região do Brasil merecia uma bomba como em Nagasaki, pra nunca mais nascer uma flor

**Coronel Teihada**  
há 1 hora 🌐

Por um São Paulo livre da corrupção e do PT. Já que o Brasil fez sua escolha pelo PT entendo que o Sul e Sudeste (exceto Minas Gerais e Rio de Janeiro que optaram pelo PT) iniciem o processo de independência de um país que prefere esmola do que o trabalho, preferem a desordem ao invés da ordem, preferem o voto de cabresto do que a liberdade. Porque devemos nos submeter a esse governo escolhido pelo norte e Nordeste?? Eles que paguem o preço sozinhos...

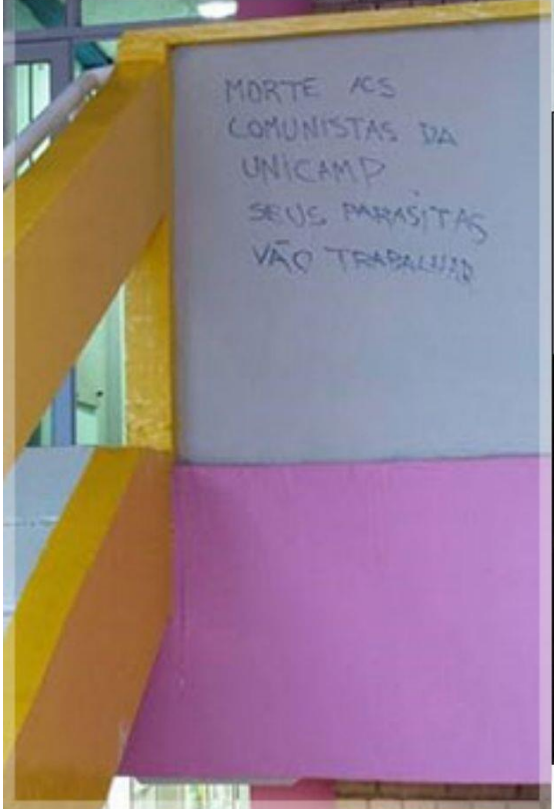
Colagem de posts coletadas no Facebook em outubro de 2014.

Embora as redes sociais tenham sido um espaço de destaque para a proliferação da narrativa persecutória intolerante, o ódio coletivo não foi uma exclusividade do mundo virtual. O próprio mapa do Brasil dividido, símbolo do movimento separatista, foi retirado da reportagem do Jornal Nacional, que, ao criar uma representação visual do percentual de votos, fez a infeliz divisão do território nacional numa perspectiva binária, vermelho para norte/nordeste e azul para sul/sudeste. Não se pode alegar, como muitos fizeram e continuam nessa perspectiva, que o ódio e a violência são um produto das mídias digitais.

A comoção eleitoral também ocorreu nos comitês eleitorais, nas ruas e nos bares. A imagem de um país dividido, rachado e polarizado passou a estar presente nas relações cotidianas, inflamando os ânimos, os debates sobre a crise política e econômica e resvalando para as relações privadas, provocando brigas e rompimentos entre familiares, vizinhos e amigos.

Na mesma medida em que esta chamada polarização avançou, o ódio se alimentou e avançou junto com essa tensão social multiplicando as ofensas e os ataques direcionados a esse grupo expiatório, que foi aprimorado no imaginário coletivo e contagiou o corpo social. Desde 2014, o ódio entrou na pauta nacional e não saiu mais.

Elaborado nesse contexto, o projeto de pesquisa propôs pensar o avanço do ódio no Brasil como um mecanismo expiatório descrito de René Girard. A investigação sobre o ódio acompanhou as manifestações contra Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores e sua estruturação como um fenômeno de violência coletiva, e procurou identificar se sua estrutura comportava sobre os estereótipos apontados pelo autor e se o processo de impeachment operaria como um rito sacrificial. Ao longo da pesquisa, os acontecimentos foram revelando o ódio coletivo como um fenômeno em si, que, embora siga uma mecânica persecutória, não se apreende sobre essa.



Meu filho meu maior orgulho... Gui se manifestando em sua aula de artes... Vamos para as ruas domingo, vamos lutar por um país digno para nossas crianças  
#forapt #foradilma #vempraruabrazil



Pichação no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp: para Ortiz, "no caso brasileiro, no momento atual, o tema da intolerância vincula-se diretamente à polarização política"

**HAITIANOS JÁ ESTÃO ENVOLVIDOS NA CUT E MOVIMENTOS DO PT !! ELES JÁ SOMAM 60.000 !!**



Colagem de imagens propagadas nas redes durante o ano de 2015.

Nos anos seguintes (2015-2016), a ação mobilizadora dos grupos organizados opositores ao governo do Partido dos Trabalhadores (MBL, Revoltados On Line, Nas Ruas, entre outros) nas redes sociais e orquestrando manifestações de ruas que batiam a cada evento recordes numéricos, foram fundamentais para manter e alimentar essa dinâmica persecutória.

Tanto o embate político como as ações e os discursos desses movimentos foram permeados pela formação de uma turba<sup>16</sup> (multidão) no sentido em que René Girard usa o termo: um agrupamento coletivo reunido sobre a sede de punição numa mobilização acusadora sobre vítimas selecionadas de acordo com estigmas. Tanto acompanhando as páginas destes grupos organizados e o seu público, como na observação dos atos de rua, a simbiose entre o engajamento político e a fúria coletiva operou de forma a impulsionar ambos os fenômenos.

Embora as manifestações de rua tenham sido veiculadas nas mídias e pela polícia como atos pacíficos, sua pacificidade estava associada à ausência de confrontos com a polícia e aos chamados quebra-quebras que costumam acompanhar os atos políticos de causas sociais consideradas de esquerda. Como, por exemplo, nos confrontos entre polícia e manifestantes em 2013, nos atos contra o aumento das passagens do ônibus que desencadearam os chamados Movimentos de Junho. Apesar de pacíficos, a violência estava presente em todas as manifestações de rua contra o governo. Pessoas identificadas como petistas sofreram agressões físicas e verbais, foram perseguidas, assediadas e hostilizadas nas ruas.

Cartazes pedindo a morte de Dilma e outros políticos, bonecos enforcados em viadutos, os posteriores adesivos da presidente com as pernas abertas simulando violência sexual e a banalização do discurso do ódio como um discurso político. Gritos de guerra entre os manifestantes remendando à Dilma e a outros políticos como Delcídio, o suicídio. Apologia à tortura e aos assassinatos políticos durante o período da ditadura. Enforcamento, guilhotinas, espancamentos, estupros, porretes, armas, tiros, pauladas e outros tantos símbolos de violência e formas de violentar estavam presentes nas falas tanto dos mobilizadores nos carros de alto falante na Avenida Paulista (e em outras avenidas das cidades brasileiras) como nos manifestantes. O ápice dessa pulsão pela violência e pelo ato de violentar foi a fala execrável de Jair Bolsonaro no dia da votação do impeachment homenageando um torturador.

---

<sup>16</sup> Neste trabalho, utilizo o termo turba no sentido de *mob* (multidão), utilizado por René Girard para designar o objeto de estudo: um grupo constituído pelo laço do ódio. No próximo capítulo, essa categoria será melhor aprofundada utilizando autores como Le Bon, Freud, Reich, entre outros. A escolha do termo se deu para evitar a confusão com os conceitos desses autores e deixar claro que seus pensamentos são utilizados para a compreensão do meu objeto de estudo e não para travar um debate conceitual, embora este possa ser feito quando for necessário.

Embora muito entrelaçadas aos embates e à conjuntura política e econômica, as manifestações de ódio revelam um fenômeno distinto, com mecânica e estrutura própria. O estereótipo acusador foi se desenvolvendo prodigiosamente e o estereótipo vitimário se sofisticou no imaginário coletivo, agregou novas características e criou o espectro de um inimigo. Se no início, embalada pela frustração eleitoral, a hostilização visava eleitores do Partido dos Trabalhadores e os grupos considerados responsáveis pela reeleição da legenda, o clima de revolta alimentou uma narrativa que requintou o estigma vitimário.

Todo posicionamento político divergente foi generalizado como petista, de esquerda e comunista, dotando-os de uma noção pejorativa, corrupta e corruptora. Num espectro conspiratório e até demoníaco, a mecânica expiatória criou a imagem fantasiosa de um inimigo nacional. Estudantes, professores e profissionais da área de humanas, artistas, defensores dos direitos humanos, Organizações Não Governamentais, quilombolas, indígenas, LGBTI+, feministas, membros de movimentos negros, militantes de causas sociais das mais diversas áreas foram todos estigmatizados dentro dessa imagem expiatória e maléfica do esquerdista ou esquerdopata.

A repulsa à cor vermelha na emblemática frase “nossa bandeira jamais será vermelha” – que nasce no diretório do PSDB logo após o anúncio do resultado eleitoral em 2014 – foi o estandarte dessa empreitada anticomunista. A presença dos grupos que pediam a volta da ditadura militar, de cartazes e discursos que diziam lutar contra uma ditadura comunista instaurada no Brasil e a sua responsabilização pela crise política e econômica que se desencadeou em meio aos escândalos de corrupção revelaram como a militância política contra Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores ocorreu em meio a uma onda de ódio coletivo – e como este é um fenômeno que traz a estrutura expiatória da violência coletiva.

Foram inúmeros os casos de pessoas assediadas e agredidas na rua por usarem roupa ou objeto da cor vermelha, mesmo sem qualquer alusão partidária; ela passou a operar como um estigma. As manifestações de violência e repúdio resvalaram por mimetismo a qualquer pessoa que de alguma forma fosse associada como pertencente a esta categoria. A imagem do inimigo vermelho retornou como o grande corruptor da sociedade. Numa das manifestações de rua, ao questionar uma senhora que carregava um cartaz anticomunista sobre o que era o comunismo, ela responde: “é tudo aquilo que o diabo deixou na Terra”.

A violência exercida contra a vítima expiatória é justificada pela narrativa acusadora que a torna execrável. Foi muito comum pessoas acusadas de propagar o ódio justificarem suas falas e atos dizendo que não se trata de ódio, mas de nojo. O nojo pela vítima é o resultado de uma mecânica que retirou dela sua humanidade e a tornou uma maldita Geni,

como na música de Chico Buarque, “boa de apanhar e boa de cuspir”. O maldito, nojento e asqueroso, é responsável pela própria violência que sofre.



A fúria coletiva no Brasil tornou evidente o estereótipo acusador e vitimário na estrutura do ódio coletivo. A acusação é o motor propulsor da mobilização coletiva contra um outro que desempenha o papel de bode expiatório para a indignação. É o próprio movimento persecutor o laço de coesão do agrupamento.

A semelhança do Lobo Carniceiro com a turba girardiana não passa despercebida. É uma fera famigerada e sedenta de violência. Move-se por uma lógica autônoma e autopropulsada. Pura excitação contagiante, mimética e impetuosa. Como vislumbra Gluksmann na cólera narrada por Sêneca: “Um espelho jamais demoveu ninguém de sua cólera... Para o homem encolerizado, nenhuma imagem é mais bela do que aquela que é atroz e horrível, em que parece tal como ele é” (GLUKSMANN, 2004, p. 53).

O irresistível reflexo no espelho é a vida interior do homem: sua violência instintiva. Os membros da turba estão numa casa de espelhos, fascinados pela imagem sedutora e irascível da violência. Arbitrária e irascível, a turba é um ajuntamento apaixonado por um único objeto: a violência.

A proliferação das narrativas persecutórias, apontadas pelos relatórios da Anistia Internacional, pela ONU e por outras organizações, que caracterizam o ódio coletivo e o revelam como um fenômeno global, indicam que esta mobilização colérica possui uma matriz argumentativa. O ódio é, como pontua Gluksmann, uma paixão lógica. É argumentativo. Não basta odiar ou violentar, há uma veemência orgástica na sua explanação coletiva própria da estrutura universal do bode expiatório.

O lobo não devorou simplesmente o cordeiro, há uma necessidade acusatória da construção da culpabilidade da vítima. O ódio não é saciado apenas pelo ato sacrificial, é uma paixão lógica; organizada por um discurso tal como no caráter acusador da turba, que mobiliza sua existência persecutória. O cordeiro, a ovelha e as demais vítimas das feras carniceiras precisam ser culpadas para serem devoradas e essa culpabilidade é legitimada pelo coletivo.

“As pessoas se impõem. Não querem linchar sozinhas, querem linchar em grupo”. A frase é da professora Caroline Borges<sup>17</sup>, que teve o número do telefone celular confundido com o do ex-presidente Lula, numa reportagem do Jornal Nacional (R7, 2016). Seu contato foi imediatamente adicionado em centenas de grupos de *WhatsApp* e passou a receber uma hostilização massiva. Mesmo após esclarecer a confusão numérica, as agressões continuavam

---

<sup>17</sup>Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/fotos/professora-tem-celular-confundido-com-o-de-lula-e-recebe-ate-pedido-de-nudes-22032016#!/foto/1> . Acesso em: 30/10/2020.

e, ao sair dos grupos, era insistentemente readicionada. “Querem xingar alguém, não importa quem”, afirma Caroline.

As pessoas não querem odiar sozinhas, querem odiar em grupo. É a coletividade que sustenta a lógica persecutória e suas narrativas. O caso de Caroline não é ato isolado. As hostilizações públicas, tanto virtuais como presenciais, tornaram-se uma febre na sociedade brasileira nesse período. Políticos e membros de partidos foram alvos constantes da violência coletiva. Mesmo quando essas ações foram praticadas individualmente, o ato nunca é isolado do contexto maior da fúria coletiva, é endossado por essa – de forma concreta ou no imaginário do sujeito que o pratica.

É o caso do jovem brasileiro que, em 2015, infiltrou-se numa comitiva da presidente Dilma Rousseff para lhe hostilizar. Em entrevista para a Folha de S.Paulo, o rapaz explicou, orgulhoso, que suas ações eram parte da luta por um Brasil melhor, enquadravam-se num contexto de luta política e tinham o apoio de 90% da população. A estimativa foi embasada nas mensagens e curtidas que recebeu no Facebook ao postar o vídeo da agressão. Outro exemplo foi relatado pela filósofa Djamila Ribeiro, abordada no aeroporto de Madrid por um grupo de brasileiros lhe convidando para xingar Dilma.

As pessoas não querem xingar sozinhas, querem xingar em grupo, como o cão que carregava consigo o lobo, a raposa e o urubu como suas testemunhas, juízes e algozes. O estereótipo acusador e o estereótipo vitimário se confundem e se implicam mutuamente. Para acusar é preciso ter uma vítima e, ao mesmo tempo, essa vítima é tecida no imaginário coletivo pela mecânica da acusação. O caso da professora Caroline mostra como a vítima da fúria coletiva pode ser qualquer um que acabe por beber no riacho errado. Mas Girard alerta para um aspecto importante dessa escolha vitimária: ao mesmo tempo em que é aleatória, ela segue parâmetros bem definidos, que são os preconceitos estruturados no corpo social. A fúria coletiva se volta sempre para os páreas.

Os ataques aos nordestinos em 2014 não representaram nenhuma novidade, estavam arraigados aos preconceitos da sociedade brasileira: nordestinos, pobres, negros. Não por acaso, grupos separatistas com décadas de existência tiveram dias de glórias e de exposição massiva e angariaram novos entusiastas. O discurso de preconceito que deprecia o nordeste como pobre, vagabundo, preguiçoso em oposição a um sul e sudeste próspero, trabalhador e culto, é um componente estrutural da sociedade brasileira assim como o racismo.

Outorgar a vitória de Dilma Rousseff sobre a explicação de que os eleitores nordestinos, em sua maioria beneficiários do Bolsa Família, votam no PT para não perder o direito ao benefício e assim não precisar trabalhar, pois são vagabundos, articula uma

associação discriminatória muito antiga e consolidada. O vídeo de Deborah Albuquerque é diretamente virulento e ofensivo, mas não está muito distante de falas como a do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso de que o PT estava fincado nos grotões e na ignorância.

A sofisticação do estereótipo vitimário nos anos seguintes em narrativas sobre ditadura comunista e conspirações ideológicas também seguiu o mesmo padrão, elencando para o estereótipo vitimário grupos sociais que sofrem historicamente com a discriminação e o preconceito. As falas que pregam uma ditadura das minorias nas políticas de esquerda, misto de corrupção econômica e moral, voltam-se contra negros, mulheres, homossexuais e criminosos (dentro do espectro do delinquente, principalmente do menor delinquente associado diretamente a jovens negros).

Na revolta com os médicos cubanos do Programa Mais Médicos, com as políticas de cotas, no ódio às teorias e militância feministas, na rede de desinformação e teoria conspiratória do que é chamado de ideologia de gênero, a fúria coletiva e seu discurso de culpabilidade segue elegendo as mesmas vítimas expiatórias de sempre: os páreas, os excluídos, os que a opinião pública insiste em colocar sobre o signo de minorias. Pessoas que carregam as marcas vitimárias construídas historicamente sob as relações de poder e dominação.

Se até então a teoria do bode expiatório serviu como guia para descrever o ódio coletivo, a partir de 2017, passado o processo de impeachment, a cassação do mandato de Dilma (2016) e a prisão de Lula em 2018, ficou evidente que estes eventos não foram suficientes para apaziguar os ânimos e pôr fim à fúria coletiva. Não ocorreu nenhuma expiação, a violência coletiva não orquestrou nenhum rito sacrificial, as vítimas não serviram para apaziguar os ânimos. O embate partidário foi paulatinamente abandonado como material de pesquisa e um panorama mais complexo se apresentou.

A mecânica acusadora perpetuou sua propagação. As narrativas acusadoras foram naturalizadas e sua capacidade mobilizadora e contagiante foi utilizada como trampolim para discursos eleitorais. A ascensão política de Jair Bolsonaro, e do que passou a ser chamado de Bolsonarismo, deu-se nesse contexto e revelou como o ódio coletivo se consolidou como prática social e não como um fenômeno que emerge num período de anomia (embora também o seja). Outras vítimas foram procuradas, outras polêmicas fomentadas. A narrativa acusadora permaneceu em ativa e o neonazismo também ganhou novo fôlego.



**Comunistas realmente comem criancinhas!**  
só não te explicaram como...

**Ano que vem o amigo do seu filho pode estar indo pra escola com o revólver do pai na mochila. Pense nisso hoje.**

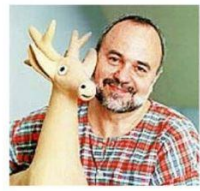


Santander Cultural da esquerda exalta a pedofilia



Museu de Arte Moderna de esquerda, exhibe peça que exalta a pedofilia

PAULO GHIRALDELI (prof. de esquerda) ALEM DE DEFESA DO ESTUPRO ELE TAMBÉM ADMITE A PEDOFILIA "Ele diz: A pedofilia de todos nós"



Luiz Mott (escritor LGBT de esquerda) "Voto no Haddad porque quero pedofilia já"



Código  
Selec  
Diálc  
5x de  
R\$ 110

Jair Bolsonaro aparece nesse momento como um elemento importante. Ao utilizar o ódio para se promover, ele operou como força potencializadora do próprio fenômeno. O ódio cria as causas que lhe dão vida, usa as causas que estiverem disponíveis, capta todos os agentes e forças para alimentar sua autopropulsão. O ódio não opera um rito expiatório, pois ele nunca expia, nunca cessa. “Se adormece, não é um sono eterno”.

Da estrutura universal do bode expiatório definida por René Girard, o estereótipo acusador e o vitimário foram facilmente identificados no fenômeno definido como objeto deste estudo. O mesmo não ocorreu com os outros dois estereótipos: crise de indiferenciação e violência sacrificial.

Há crise. Disso não há dúvidas. Política, econômica, social, cultural, ética... Mas há uma problemática mais complexa na dinâmica desse estereótipo no ódio. Como a violência que ele orchestra não é sacrificial, não é restauradora, o ódio é consequência e causa da crise. Qualquer panorama que possa ser pensado como a crise instauradora da violência coletiva o ódio o perpetua, potencializa e aprofunda. A partir de 2016, passei a me debruçar sobre a dinâmica entre crise e violência, que se tornou o material de investigação e reflexão da pesquisa. Este trabalho se tece sobre seus desdobramentos e o que puderam ensinar a respeito da sociedade contemporânea e do ódio que se alastrou sobre ela.

### III.

**“Religião, não religião –  
contanto que se ajoelhe para a largada  
Pátria, não pátria –  
contanto que se ponha a correr.  
A Justiça também não se sai mal no começo.  
Depois ele já corre sozinho.  
O ódio. O ódio.  
Seu rosto num esgar  
de êxtase amoroso.”**

A estrutura universal do bode expiatório de René Girard não se mostrou suficiente para a compreensão do fenômeno do ódio. Embora os estereótipos do mecanismo expiatório estejam presentes, o ódio escapa do arranjo bem formatado do rito. Ainda assim, a estrutura girardiana pode nortear a investigação para questões centrais associadas ao fenômeno: violência coletiva, mecânica persecutória, formação de turba, crise sociocultural. É na relação simbiótica entre essas problemáticas que busco a questão maior deste trabalho: por qual estrutura ou mecanismo o ódio se alicerça como fenômeno contemporâneo.

André Glucksmann escancarou a relutância que há em aceitar o ódio e a violência como integrantes da vida humana. Imagens de feições furiosas, multidões persecutórias com tochas nas mãos, remetem a cenas medievais ou a retratos da barbárie – de um homem rudimentar e incivilizado que a força do progresso e da razão deveria ter deixado para trás. Após os horrores vivenciados nas duas Grandes Guerras do século XX, retorna o ímpeto por considerar a hùbris destrutiva página virada na história da civilização.

Quando estas feições passam a despontar por toda parte – nas milhares de pessoas que tomam as ruas de Charlottesville com tochas nas mãos gritando “burn, burn, burn”, num grupo de manifestantes mascarados segurando tochas em frente ao congresso brasileiro, em ondas de linchamentos coletivos na Índia motivados por mentiras digitais, na epidemia da justiça popular no Brasil, na ação de justiceiros que amarram e espancam suspeitos de furtos em postes no Rio de Janeiro – um profundo mal-estar emerge. A reação pública se indigna diante da sensação de retrocesso, de retorno à barbárie.

A miopia perdura, e aqueles que, decididamente desejam morrer idiotas entoam a eterna cantilena do: ‘como isso é possível no século XX?’ ou adaptada ao gosto de hoje: ‘Como isso é possível em pleno século XXI?’ (GLUCKSMANN, 2004, p.10)

Em “Linchamentos: a justiça popular no Brasil” (2015), José de Souza Martins faz um inventário da familiaridade da sociedade brasileira com a violência coletiva ilegal. Sua pesquisa destrinça a prática da justiça popular no Brasil desde a década de 1970 e demonstra

que se trata de uma ocorrência contínua, acentuada em períodos de transição política e social (como no período posterior à ditadura militar). Com um número aproximado de 1,5 milhão de brasileiros que já participaram de justiçamentos populares, estes não podem ser considerados um fato excepcional. O linchamento é uma prática consolidada na sociedade.

A pesquisa de Martins indica que, a partir de 2013, esses números entraram em espiral crescente no país. No ano de 2015 ocorreu, em média, um linchamento por dia. Os dados acompanham o contexto de instabilidade política desde as Jornadas de Junho em 2013, a polarização política em 2014, o conturbado período do impeachment etc... Esta onda crescente da justiça coletiva não é uma exclusividade nacional e abrange outros países da América Latina, como Venezuela, Colômbia e México.

Sua compreensão dos linchamentos se atrela à concepção de violência intestina de Girard. Todos os estereótipos persecutórios são facilmente identificados na justiça popular: crise cultural, turba acusadora, estigmas vitimários, violência sacrificial. O que os coloca como versões atuais de rito expiatório, fenômeno de ritualização da violência que emerge no comportamento coletivo de suas estruturas profundas e opera como mecanismo (re)fundador da ordem social. Diante de uma crise de desagregação social – instaurada por um crime hediondo – a sociedade utiliza-se da formação das turbas persecutórias num tumultuado empenho de restabelecer a ordem rompida.

A obra de Martins é bastante importante neste trabalho para compreender a mecânica da violência coletiva em outras práticas contemporâneas de violência coletiva e pelas possibilidades de entendimento sobre o contexto de instabilidade social no qual elas eclodem, em que as instituições tradicionais são questionadas em sua eficiência e legitimidade. Ressalto que o linchamento se aproxima do ódio por serem ambos fenômenos de violência persecutória, mas que há profundas diferenças entre os dois: na motivação, na duração e no exercício da violência.

Os justiçamentos populares operam por lógica e estrutura bem definidas. São motivados por crimes (hediondos) pontuais, possuem curta durabilidade e centralizam-se no corpo, na necessária violação deste como ápice do fenômeno persecutório e dissolução da turba. Os linchados praticaram ou são acusados de praticar um crime imperdoável, são perseguidos e cercados por uma turba que se une pelo ódio contra esta vítima repulsiva. A vítima é agredida com socos, pauladas, pedradas, na maioria das vezes até a morte e seu corpo mutilado. Depois da violência, a turba se dispersa.

No ódio coletivo esta estrutura é mais nebulosa. Enquanto o linchamento é bastante centralizado na vítima (no seu crime e no seu corpo), o ódio se exerce pela descentralização.

Não há uma motivação pontual, um crime central que instaura o movimento. Seus gatilhos são plurais. São muitos e incertos os crimes que compõem sua narrativa acusadora assim como também se volta para uma pluralidade de vítimas, que compõem um grupo cada vez maior de inimigos. O ódio se instaura, ganha força e se dissemina por um exercício da detração – assim, não está focado na vítima, mas em si próprio.

O corpo, que é central no justicamento popular, está ausente no ódio coletivo. Tanto o corpo da vítima, quanto dos algozes. Mesmo nos atos de violência física não há o aspecto ritual da destruição do corpo da vítima. Este aspecto ritual da mutilação, do enforcamento, da violação é transportado em performances (como nos bonecos de Dilma Rousseff, Lula e tantos outros políticos nas manifestações de ruas ou nos memes e posts compartilhados pelas redes digitais) e no discurso. A narrativa exerce a mecânica ritualística de tecer e violentar o bode expiatório. No ódio, o discurso e a imagem tomam o lugar do corpo.<sup>18</sup>

Sua durabilidade também é outra. O linchamento possui uma temporalidade circular do rito, de curta duração. O ódio corrompe este tempo circular: pode alternar ápices eufóricos e espetaculares com períodos de latência; para, então, repentinamente reaparecer em nova onda persecutória. Mas, ao mesmo tempo, cria uma progressão ritual deste círculo da violência. O ódio coletivo é uma prática discursiva e não corpórea. Por isso sua durabilidade é longa e, até mesmo, infinda. Pelo discurso se estende no tempo e se fragmenta por diferentes espaços sem nunca compor um grande ato, mas agregando múltiplas ações. Sua turba nunca se dissolve pois ela não é uma, são múltiplas que se formam e de(s)formam na ressonância da propagação.

Martins diz que o linchamento possui a durabilidade do ódio – da ânsia de violência da turba, que inicia na cólera por seu crime e termina com a violação corpórea, com o ato consumado. Como na teoria de Girard, é a durabilidade da operação ritual que transforma uma violência nefasta em positiva, sagrada. No ódio essa operação transformadora não existe, ele é ensimesmado. Trabalha para autopropagação, perpetuando o movimento nefasto. Tende para Nefas – o grande buraco negro que a tudo consome.

Da conquista de si à conquista do mundo, até chegar à destruição universal, uma progressão ritual não se deixa distrair por qualquer incidente exterior. Ela se reproduz de modo idêntico nos diversos personagens e em circunstâncias favoráveis. O ódio nada deve a ninguém. Sua lógica é autônoma. Sua expansão é

---

<sup>18</sup> Em muitos momentos enfatizo o caráter discursivo do ódio, mas é importante salientar que seu discurso e sua linguagem fazem vítimas, exercem violência física e tiram vidas. Compreender o deslocamentos de suas narrativas, sua operação ritual (perversa) não é enublar a violência ou endossar posições que consideram estas narrativas apenas falatório, coisa de internet, desabafos e assim, não apenas endossam o ódio como o banalizam.

autopropulsada. Ele se produz e amplia por meio de um trabalho de si sobre si mesmo. (GLUCKSMANN, 2004, p. 52).

Mesmo no terrorismo, utilizado por Glucksmann como o exemplo central do ódio como discurso, os ataques são antes uma explanação do que uma expiação. São um espetáculo. O ataque da bomba humana não expurga, não transforma, ele afirma: odiamos vocês até a morte. (GLUCKSMANN, 2004).

O justicamento popular é centrado no corpo da vítima, o ódio é centrado em si mesmo. O primeiro dramatiza uma operação sacrificial, o segundo exerce a perpetuação da violência. Mas a pesquisa sobre os linchamentos fornece um material importante para pensar o ódio, mesmo que a partir dessas diferenças.

Em Martins (2015), a situação epidêmica dos linchamentos populares revela uma situação de crise das instituições e dos usos legítimos da violência. O autor associa a prática ao processo caótico de urbanização e à fragilidade das instituições formais. A busca de uma solução anômica para a restauração do corpo social reflete a fragilidade dos processos legítimos de manutenção da ordem, a falta de confiança da sociedade civil nas instituições sociais.

Os linchamentos reavivam o que Martins chama de estruturas sociais profundas, “as quais permanecem como que adormecidas sob as referências atuais de conduta” (MARTINS, 2015, p.64). Diante da falência das instituições formais os homens recorrem ao referencial que permanece oculto nas profundezas da cultura humana. No inconsciente coletivo há estruturas supletivas de conduta e regeneração social, acionadas em períodos de crise anômica como referência para as ações e relações sociais. O grupo passa a operar por mecanismos rituais inconscientes, um sistema enraizado de valores que está subjacente ao comportamento coletivo, dramatizam o “rito de definição do estranho e da estraneidade da vítima, o recusado e o excluído” (MARTINS, 2015, p.114).

Ao estereótipo do eclipse cultural de René Girard é relacionada a noção de anomia. Estado de desordem, de falência institucional e dissolução das regras pelas quais a sociedade se organiza. Um contexto de profunda desagregação no qual o pacto social é rompido. Nesse momento de ruptura, emerge uma estrutura subjacente, ritualística, que fornece ao grupo uma solução à situação caótica. O linchamento “constitui num meio de compreender a ocorrência anômica e num meio de reparar a situação anômica” (MARTINS, 2015, p.65). Institucionalmente ilegítimo e ilegal, é uma solução anômica. Ato restaurador improvisado para reparar crises e ocorrências problemáticas.

Já a relação de intimidade com esta prática ilegítima diz sobre a fragilidade dessas instituições e sua distonia com a população – na sociedade brasileira, legitimidade e legalidade não são instâncias bem condensadas. A situação epidêmica da justiça popular revela mais que desconfiança institucional, um abismo entre a sociedade e os órgãos públicos. Este contexto de precariedade urbana e institucional brasileira faz parte de um quadro maior do caráter retrógrado e violento do Brasil profundamente analisado por toda a produção acadêmica de José de Souza Martins. Esse caráter explica a familiaridade da sociedade brasileira com práticas ilegítimas de violência, sua sedução pelo autoritarismo e pelo populismo. Esta peculiaridade brasileira ajuda a compreender por que o ódio se alastrou com tanta força no Brasil e foi naturalizado – há uma banalização do ódio. Sua violência não choca e, até, seduz.

O ódio coletivo é de caráter persecutor, aciona os mesmos mecanismos dos ritos expiatórios, refere-se às mesmas estruturas sociais profundas, mas está longe de ser uma tentativa anômica de reordenar um corpo social arraigado. Opera uma sistematização da violência. Não busca restaurar a ordem, engendra uma ordem nefasta.

O ódio coletivo é uma perversão. Permanece no *looping* persecutor sem engendrar uma dramatização unânime e efetiva. A ausência do corpo não permite que nenhuma vítima conjugue e sacie a fome de violência. Sua lógica, autorreferencial e autopropulsória, perpetua os ajuntamentos de turbas e lhes confere uma maior plasticidade e durabilidade. O ódio não é uma solução anômica de expiação. A função ordenativa do rito é deslocada e cria outra lógica, gerando mais e mais caos. Como disse anteriormente: o ódio é um rito que falha, por falhar, é bem-sucedido em seu propósito.

Assim como os linchamentos, as perseguições virtuais, o recrudescimento da intolerância, o fortalecimento da extrema direita e de movimentos neonazistas, o ódio coletivo não é uma exclusividade nacional, mas um fenômeno global. Por isso neste trabalho escolhi não aprofundar a investigação sobre os dilemas nacionais e voltei o enfoque para um panorama mais amplo, com o objetivo de que possa então embasar futuras reflexões sobre como o contexto brasileiro se insere nele.

Ao apontar no ano de 2013 o início de uma nova onda crescente do justicamento popular, Martins nos fornece um gancho para essa reflexão. Neste ano, ocorreram os chamados Movimentos de Junho, que eclodem após as ações de brutalidade policial contra estudantes de classe média nos atos contra o aumento da passagem de ônibus. As manifestações de rua tomaram uma proporção dantesca e o descontentamento popular foi deslocado para uma diversidade de demandas e insatisfações populares. Neste embrolho

surgiram os primeiros símbolos persecutórios e estigmas vitimários que se tornaram veementes nos discursos de ódio e intolerância dos anos seguintes: os gritos de sem partido, uma construção fantasiosa de povo brasileiro que repercutia em frases como “o gigante acordou” e o sentimento de aversão à classe política e à militância de direitos sociais, as primeiras agressões e a destruição das bandeiras vermelhas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Partido dos Trabalhadores...

Junho de 2013 contém tanto o embrião da onda irascível que tomou o cenário brasileiro a partir de 2014, como também se insere num contexto global de movimentos populares semelhantes que se iniciou em 2010 com que foi chamada por Primavera Árabe. Para estes levantes populares, as análises sociopolíticas passaram a abordar insistentemente o panorama de crise: das democracias, do Estado-Nação, da representatividade, das identidades, das articulações da paz, dos Direitos Humanos...

O espectro da crise se instaurou de modo global na segunda década do século XXI e é de natureza pluridimensional: econômica, política, social, ambiental, internacional, regional, humanitária. Nos últimos dez anos, o suicídio tornou-se a segunda maior causa de mortes entre os jovens e houve um crescimento de quase 20% no número de pessoas acometidas com depressão. Esses números escabrosos revelam a crise na contemporaneidade também como saúde pública, psíquica. O fenômeno do ódio coletivo se insere neste contexto.

Muitos autores poderiam servir de guia para a reflexão sobre a sociedade contemporânea ou a dita pós-modernidade. Bauman, Edgar Morin, Richard Sennett, Zizek são alguns dos autores que fazem apontamentos bastante ricos sobre as configurações da sociedade atual e suas mazelas sobre o indivíduo e a vida coletiva... Também poderiam ser elencadas para este debate as discussões na ciência política sobre a temática da representatividade, da democracia e as análises do uso político do ódio na atualidade. Minha escolha é pelo pensamento fulgurante de Byung-Chul Han. Ela se justifica, para além do encantamento pessoal pelo autor, por como suas reflexões promovem um diálogo direto (e um contraste) com René Girard e Sigmund Freud. Como os outros autores dessa tessitura, a violência desempenha um papel central no seu pensamento.

Byung-Chul Han descreve a sociedade contemporânea sob o movimento de globalização, que acelera a suspensão de barreiras e diferenciações (HAN, 2012), como uma sociedade do desempenho, que segue os mantras da possibilidade, da liberdade, da capacidade, do desenvolvimento, do empreendedorismo.

O modelo de sociedade disciplinar descrito por Michel Foucault, instaurado pelo processo produtivo no século XIX, que tem por ordem a repressão (a obediência e o dever),

cuja expressão era o modelo arquitetônico panóptico das prisões, cede diante de outro paradigma: o da positividade.

O panóptico – ao tudo ver, controlar e punir – é a imagem de uma violência coercitiva, exercida de fora pelo outro, detentor do poder e fonte da violência. Este é um paradigma da negatividade, segue a lógica da imunologia de que é preciso se defender do outro (o negativo). Na positividade, a categoria de alteridade se desfaz, a figura do outro que pune e de quem eu me defendo desaparece. O sujeito está livre, não está mais sob a repressão do dever. Por isso, nem sequer é mais sujeito, não é mais sujeitado por ninguém. Se torna o colaborador, o empreendedor, o empresário de si mesmo.

Na sociedade do desempenho, a lógica da produtividade é positiva. Segue o mantra do poder e não do dever. Não se produz mais sobre a violência do outro repressor a quem se deve obedecer. O indivíduo do desempenho é livre. Está-se sob o império do poder. Ele pode tudo, o único obstáculo a sua frente é ele próprio. Sob a lógica da colaboração, da gestão do conhecimento, da conquista, do empreendedorismo. Ele tudo pode ter e conquistar, basta se desenvolver, empenhar, aprimorar, gerar valor, ser criativo, dinâmico, habilidoso, buscar mais conhecimentos, desenvolver mais habilidade, aumentar a sua capacidade produtiva....

A positividade não conhece a impossibilidade, nem a repressão. Mas sua liberdade é uma armadilha para a autoçoação. É totalmente livre para coagir e explorar a si próprio. Sob todos os vernáculos de ação positiva em que busca construir a melhor versão de si mesmo. A produção na positividade é um modelo muito mais sofisticado, o indivíduo incorpora o panóptico em si mesmo e vive pela autoexploração. Ele não precisa ser regulado, observado, controlado... Faz isso espontaneamente na competição consigo mesmo.

O novo paradigma descrito por Han, da sistematização da positividade, abre à reflexão sobre a crise outra topologia da violência. A violência repressora da disciplinariedade se pauta pelo combate à alteridade. No sistema do desempenho, a lógica binária, imunológica do combate à violência que vem do outro, não mais se sustenta. Na positividade não há polarização, o Outro esvanece enquanto categoria de alteridade, fonte de violência.

O autor chama essa característica sistêmica por totalitarismo do igual e associa a ele as novas modalidades de adoecimento psíquico: depressão, esgotamento mental, transtornos de atenção, aumento do suicídio... Nessa nova tessitura, a violência é positiva e neural. A vida interna sucumbe pelo excesso. Leva à exaustão, provoca infartos psíquicos. A liberdade de poder do empresário de si mesmo retira a possibilidade de exteriorizar a violência, desfaz o polo negativo do Outro. Não há como imunizar-se, combater ou sequer notá-la.

A teoria de René Girard colocava o eclipse cultural que instaura nos mecanismos de expiação uma crise de indiferenciação – a desestabilização da estrutura social diferenciadora e hierarquizante que evita o mimetismo dos desejos e o domínio da violência sobre o corpo social. Não se pode apressar o pensamento e equiparar a massificação do positivo como uma crise de indiferenciação. Han descreve outro panorama. O totalitarismo do igual se tece pela transparência, por um tecido social translúcido. Não se está num estado de indiferenciação com o outro, mas num sistema em que o outro desaparece da cena e a própria dimensão pública, a esfera do comum, destitui-se.

Na teoria mimética de René Girard, a diferença é o polo que possibilita o movimento de exteriorização e conversão da violência intestina. Na crise da indiferenciação, essa polarização cessa. Como numa casa de espelhos, cada indivíduo torna-se reflexo da violência do outro. O corpo social é corroído, eclipsado. Girard descreve uma sociedade em relevos: diferenciações, contrastes e dissimetrias. Essa geografia acidentada é de fundamental importância para tecer uma rede de relações que permitam fluxo, trocas. Permite que a ambivalência do desejo humano dinamize o corpo social. O pensamento de Girard segue a lógica imunológica, está no paradigma da negatividade.

No pensamento de Han, não há mais possibilidade de reverter a violência. Na crise sacrificial, há uma queda das diferenciações entre Eu X Outro, no totalitarismo do igual o Outro já não está mais presente... Sem o polo negativo da alteridade, a violência não pode ser detectada, nem exteriorizada num bode expiatório. Só o negativo pode ser detectado como um inimigo, um mal.

Assim, a violência neuronal, ao contrário, escapa a toda ótica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não é excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta. (HAN, 2017, p.20)

Han descreve uma geografia planificada e, mesmo, invisível – uma sociedade da transparência<sup>19</sup>. Há uma mudança topológica da violência. O corpo social deixa de ofertar contraponto e oposição para a vida psíquica individual. É o corpo e a psique do indivíduo que sucumbem pela violência sistêmica. No infarto neural, da Síndrome de Burnout<sup>20</sup>, a vida íntima é corroída pela violência.

<sup>19</sup> A noção de sociedade da transparência apresentada por Byung-Chul Han será discutida mais adiante nas reflexões mais aprofundadas sobre a sociedade digital e sua relação com o ódio coletivo.

<sup>20</sup> Também chamada por síndrome do esgotamento profissional, este distúrbio psíquico foi descrito em 1974 pelo médico americano Freudenberg. Caracteriza-se por um colapso mental e físico causado pela tensão emocional e pelo estresse crônico provocados pelo trabalho. De acordo com pesquisa realizada pela International Stress Management Association (Isma), em 2018, 30% dos trabalhadores brasileiros sofriam deste distúrbio e, em 2020, ele ocupou o segundo lugar de país com maior taxa de pessoas com a síndrome.

A violência saturante e exaustiva da positividade, da qual o indivíduo nunca escapa e não pode oferecer qualquer barreira, o que a torna eminente e difere em absoluto da que se deflagra nas turbas, polarizada e explosiva, sempre iminente. A turba é a mobilização por sobre a negatividade do outro.

Byung-Chul Han abre novas problemáticas para o fenômeno do ódio coletivo e o estereótipo da crise. Não se está diante de um cataclisma pontual, incitado por um evento ou causa específico, um crime capital que provoca a derrocada das estruturas e das diferenciações sociais inviabilizando o trânsito do jogo de identificação. Está-se diante de um sistema que opera por lógica igualitária, da transparência, a rede de coidentificações descrita por René Girard não se sustenta. Não é nem uma casa de espelho, é um corpo social translúcido. Neste novo paradigma, a violência coletiva fundamentada pela identificação não pode se sustentar ou, nem sequer, constituir-se. Ela passa a ser uma experiência exclusiva da vida íntima. Han está a todo tempo, em seu pensamento, debatendo sobre a morte da coletividade, da esfera pública na sociedade pós-moderna.

Seu pensamento impõe uma dificuldade para minha investigação: abre uma contradição entre pensar o ódio como fenômeno de violência coletiva e característico do século XXI, sob uma lógica da positividade e não imunológica. Se ele impõe dificuldades, ressalta e sustenta pontos importantes do problema do ódio. Primeiro, a falência do social. Se, ao pensar em violência coletiva ilegal, estamos sempre num contexto de anomia, eclipse cultural; o pensamento de Byung-Chul Han aponta que os desdobramentos da produção neoliberal estão edificando uma lógica sistêmica insustentável tanto para a vida psíquica individual quanto para a vida do corpo social. O ódio é neste cenário um movimento estertor da comunidade. Segundo, há uma contradição inerente ao fenômeno, que, longe de anulá-lo, fortalece: o ódio é um rito que falha. E, por falhar, é bem-sucedido. É tentando desvendar essa sentença que prossigo.

O ódio coletivo desponta como fenômeno que se tece sobre problemática da relação outro-desejo-violência na vida íntima do homem. Ao mesmo tempo em que parece acionar estruturas de violência coletiva e mecanismos expiatórios cuja congruência com a lógica social é bastante questionável, traz uma construção fantasmagórica do outro num movimento persecutório que não opera as funções de rito – não expia, não reordena, não apazigua.

No parágrafo acima, o jogo com os parônimos eminente e iminente concebe um sentido mais profundo da minha análise. É neste jogo que a essência do ódio como fenômeno se revela. Uma violência que nos ameaça constantemente como se fosse eclodir a qualquer instante; deste estado de presença constante, de nunca cessar e nunca descarregar, ganha força

e proporção cada dia mais notável sobre a vida social. Ao não eclodir sobre o corpo de um bode expiatório (o que não significa que não recai sobre o corpo de muitos), o ódio avança e dilacera o corpo social em seu todo. Ele assassina sem clímax, para perpetuar-se. Como a metáfora do buraco negro de Gluksmann.

Seja pela ótica da indiferenciação, seja pela da transparência, há uma crise da alteridade. A cada dia, o Outro se torna mais rarefeito, tanto na dinâmica social como psíquica. Há, portanto, uma crise do desejo e da violência.

Pensar o contraste entre as duas topologias da violência (negativa e positiva) não anula o exercício epistêmico feito até aqui. Ao contrário, enfatiza a pressão exercida na vida psíquica, o mal-estar que as dinâmicas socioculturais provocam no indivíduo e as enfermidades decorrentes de sua virulência. O ódio pode ser pensado como uma dessas enfermidades, um padecimento não do corpo individual, mas coletivo. É com a problemática de pensar um fenômeno coletivo numa sociedade que encerra cada vez mais o indivíduo dentro de si próprio e destitui o outro de sua alteridade, que esta tese segue seu percurso.

Chamo por turba os agrupamentos formados pelo ódio. Em congruência ao sentido que Girard lhe confere: uma multidão empenhada no movimento da violência. E considero o mesmo tipo de formação descrita por José de Souza Martins nos linchamentos populares. Enquanto o primeiro explica essa formação sob o traço mimético (do desejo e da violência), e que desencadeia o mecanismo expiatório, a leitura de Martins aponta para a noção de sociabilidade de reserva que emerge de camadas sociais profundas em contexto de anomia e é caracterizada por uma estrutura ritualística na qual o corpo detém centralidade. Ambas as análises remetem para uma constituição que não ocorre no registro do consciente, mas do inconsciente.

As características da turba e suas bases em uma estrutura inconsciente possuem ressonâncias nos teóricos da psicologia das massas, entre eles Gustave Le Bon. Em *Psicologia das Multidões* (1895), postula uma psique coletiva que emerge nessas formações e se sobrepõe sobre a individual. O autor se fundamenta na ideia de inconsciente racial – uma consciência coletiva<sup>21</sup> que perpassa a espécie humana. O pensamento de Le Bon é relevante

---

<sup>21</sup> A noção de inconsciente coletivo que se torna bastante latente na reflexão sobre a transformação do comportamento do indivíduo nas massas poderia ser explorada sob a linha de pensamento de Émile Durkheim, no conceito de consciência coletiva (que talvez faça um ponte mais firme com o pensamento de José de Souza Martins, que faz uso, por exemplo, do conceito de anomia) ou mesmo na linha da psicologia analítica de Carl Gustav Jung sob o conceito de inconsciente coletivo. No entanto, este trabalho não segue por essas linhas e nem se aprofundou nelas para não romper com o fio condutor a que se entrelaçou - a violência. A noção de inconsciente que utilizo se entrelaça ao pensamento de Sigmund Freud, tanto pela afinidade com a formação psicanalítica da pesquisadora, quanto por considerá-lo, entre os citados, o autor que melhor se entremeia ao fio condutor desta tese.

nesta investigação pelo uso que Sigmund Freud faz dele em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), texto basilar para a reflexão que faço sobre os agrupamentos do ódio.

No seu texto, Freud resume o tipo de formação descrita por Le Bon como massas efêmeras, bastante heterogêneas, constituídas por interesse passageiro e com baixo grau de organização. Uma construção de multidão bastante influenciada pelas massas revolucionárias. O que se difere das reflexões de McDougall, que pensa multidões com graus mais complexos de organização e, portanto, com níveis intelectuais mais desenvolvidos. As massas de Le Bon estão próximas das turbas persecutórias, ou seja, multidão mobilizada por uma violência ilegal.

Le Bon ressalta a distinção profunda de comportamento e intelecto entre a constituição psíquica individual e coletiva. Há uma transformação no indivíduo enquanto membro da massa<sup>22</sup>. Nela, a personalidade consciente é sobreposta pelo domínio da personalidade inconsciente, o heterogêneo se decompõe no homogêneo. O indivíduo perde suas singularidades, sua capacidade intelectual é reduzida e seus afetos intensificados. Le Bon equipara este comportamento a um estado hipnótico no qual o indivíduo é como um autômato, desprovido de vontade. Torna-se imediatista, sugestionável e tomado por uma sensação de invencibilidade.

A psique coletiva é caracterizada por sua impulsividade, ausência de refreamentos e intensidade de seus afetos. O autor descreve uma massa sem senso crítico, influenciável e extremamente crédula. Com capacidade intelectual limitada, movida pelos instintos, guiada

---

<sup>22</sup> Para evitar complicações adicionais ao exercício reflexivo aqui proposto pela multiplicidade de termos e traduções dos autores – que adiante ainda encontraram a noção de enxame de Byung-Chul Han e os teóricos da propaganda de massa fascista – é importante clarear a qual tipo de agrupamento este trabalho se dedica e o recorte que faz dos teóricos apontados. Na obra *O Bode Expiatório*, de René Girard, o termo utilizado é multidão. Mas há um imprescindível esclarecimento do autor pelo sentido que lhe confere (multidão inclinada ou comprometida com a violência ilegal, “multidão da multidão”) que só é possível na língua inglesa, *mob* (de *mobile*) e não *crowd* (ajuntamento), dissonância que não existe na língua portuguesa ou francesa (GIRARD, 2004, p.24). Ao optar pelo termo turba, como o agrupamento do ódio, proponho justamente abarcar o sentido que lhe confere o autor: formações pelo laço da violência. A leitura de Gustave Le Bon, como dito acima, está embasada na de Sigmund Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, cuja tradução escolhida é a de Paulo César de Souza para a Companhia das Letras (2011). O tradutor utiliza massa para traduzir *masse* (termo utilizado por Freud). Vale ressaltar, por nota do tradutor, que o termo massa é utilizado por Freud em diversos sentidos ao longo do texto (2011, p. 14). Compreendo aqui, que a leitura de Freud sobre Le Bon descreve formações do tipo turba (massas simples e espontâneas; multidões mobilizadas pela violência) e indicarei na minha análise como o pensamento freudiano é esclarecedor sobre a dinâmica psíquica que perpassa e condensa estas formações. Embora Freud utilize o termo massa, e isso é respeitado em meu texto, penso que é no sentido de multidão (*foule* ou *mob*) que é empregado. Em nome de clarificar o uso dos três termos – massa, multidão e turba – ofereço uma descrição simplista de como são empreendidas neste texto. Massa é uma soma numérica de indivíduos isolados, atomizados, destituídos de identificação e interesse de classe, característica das sociedades modernas. Multidão é a formação de laço entre estes indivíduos, o surgimento de um agrupamento pelo processo de identificação, é a formação na qual emerge uma psicologia da massa que pode se dar num *continuum* de complexidade e organização desde formas mais simples, espontâneas e apolíticas até mais complexas, organizadas e políticas (como na noção de Multidão de Hardt e Negri). Turba é a forma mais rudimentar de multidão, a “multidão da multidão”, mobilizada pela violência.

exclusivamente pelo inconsciente. Opera uma regressão da vida anímica que, numa visão bastante evolucionista, é associada à descida na escalada evolutiva. A massa está no nível dos primitivos e dos bárbaros.

As inibições individuais – conquistadas por meio do senso de moral, dos valores e regramentos socialmente instituídos – são destituídas. A massa é suscetível para a livre fruição de todos os instintos que dormitam no ser humano com ênfase sobre os destrutivos, cruéis e brutais. Não possui refreamento contra a violência, está entregue a ela.

Perde o raciocínio lógico e a argumentação. Pensa por imagens, sempre respondendo às mais fortes, simples e repetitivas que apelam para a sugestibilidade (LE BON, 1895). É incapaz de questionar a veracidade de suas impressões, perde a capacidade de uma percepção afinada da realidade. Sede, constantemente, para a fantasia.

Não é capaz de fazer a distinção entre o real e o irreal, as duas instâncias se confundem. A massa permanece no predomínio da vida onírica, no registro do ilusório. Está sob sua influência e é incapaz de renunciar às suas ilusões. Tudo lhe é sempre fato concreto. O mundo se apresenta pela certeza irrefutável. O que lhe confere uma relação ambígua com a verdade: a verdade não lhe importa ao mesmo tempo em que, sem a diferenciação real/irreal, tudo lhe é sempre verdade. O que diz sobre outra de suas principais características: a capacidade de suportar a contradição e fazer coexistir ideias opostas sem que disso resulte um conflito.

As características apontadas por Le Bon indicam que a massa opera sob o predomínio da vida psíquica inconsciente – falta de refreamento, narrativa onírica (das imagens), não distinção entre real e irreal, predomínio da fantasia, contradição –, vão de encontro à noção do inconsciente freudiano. Na atividade anímica da massa, a realidade recua ante a força dos desejos desprovidos de refreamento, assim como no sonho e na hipnose (FREUD, 1921).

Para Freud, o teórico da psicologia das massas faz uma primorosa descrição do comportamento e do funcionamento psíquico na massa, mas não dá conta de explicar o elo que sustenta essa formação e a natureza da sugestibilidade, cujo poder se sobrepõe sobre o da sociedade em seu todo. A massa toma o papel da autoridade social.

A análise freudiana sobre a psicologia das massas é bastante oportuna na investigação do ódio coletivo por inserir numa concepção maior sobre os papéis que o Outro ocupa na vida anímica do indivíduo – modelo, objeto, facilitador, adversário –, o que o faz afirmar que a psicologia individual é uma psicologia social (FREUD, 1921).

A psicanálise freudiana quebra com a noção de uma psique coletiva (ou inconsciente coletivo) como instância separada da individual, que se sobrepõe a essa, concebe-as como

uma só. O indivíduo carrega em si a coletividade, o Outro é uma categoria imprescindível à vida anímica, ao seu desenvolvimento. Tanto na esfera micro (da família nuclear) como na esfera macro (sociocultural). A superestrutura psíquica individual, a heterogeneidade da personalidade, é em relação dinâmica e inseparável da estrutura cultural a que se pertence. Por isso, a reflexão sobre a psicologia das massas é uma análise do Eu. O sujeito freudiano nasce a partir da sua inserção na cultura.

Byung-Chul Han, ao dizer que o inconsciente freudiano não se sustenta na sociedade do desempenho, argumenta a partir da intersecção das instâncias psíquicas com o paradigma disciplinar, das funções repressoras incorporadas (subjetivadas) ao Eu (sob a lógica do dever). Esse argumento não se sustenta se seguir esta simplicidade. O Outro do inconsciente freudiano, embora seja por toda obra enfatizado seu papel repressor, castrador, é muito mais do que um elemento disciplinar que impõe o dever – e isto está presente neste texto de Freud. O Outro é antes de um rival, um modelo. É, para além de objeto de desejo, uma instância que diz sobre o desejo. O Eu é membro de muitas massas, sua identidade é parte de uma relação dinâmica com a pluralidade cultural.

No entanto, ao propor uma topologia em que a alteridade está se esfacelando, liquefazendo, tornando-se translúcida, a afirmação de Byung-Chul Han de que a dinâmica psíquica freudiana se torna insustentável, ganha outra dimensão. É nesta problemática que este trabalho se insere: não reduzindo o debate se a disciplinabilidade não possui mais um papel ativo na vida social e íntima, se a castração edípica é o modelo central do funcionamento psíquico; mas o realocando sobre as consequências nocivas tanto para a vida social como psíquica (e o ódio é um fenômeno que ocorre simultaneamente nestas duas esferas), quando a alteridade é destituída de seu papel, quando o Outro padece.

Freud tece suas reflexões a partir das brechas deixadas pelos teóricos da psicologia das multidões: se a alteração do comportamento e o rebaixamento intelectual do indivíduo é explicado pelo poder de sugestibilidade da massa, a natureza dessa sugestão não é clara e nem o elemento aglutinador que reúne seus membros.

A primeira ponderação que chama atenção é de que a renúncia à singularidade e à vontade própria que torna seus membros autômatos, que os rebaixam ao estado hipnótico é uma atitude inversa à disposição regular da vida psíquica: o narcisismo. Primário e regente. A psique humana opera pela busca das satisfações e realização dos desejos individuais.

Este estado de entrega, de renúncia de si próprio, só pode ocorrer por uma motivação: o amor. A massa é uma formação amorosa. São laços libidinosos o elo entre seus membros. “O amor a si encontra limitações apenas no amor ao outro, amor aos objetos” (FREUD, 1921,

p.58). O narcisismo só pode ser abandonado por amor. Toda limitação ao movimento narcísico ocorre unicamente em favor de ligações libidinosas por um objeto. Por um movimento em direção ao outro.

O conceito de libido, basilar na psicanálise, compreende uma categoria que atrela à sexualidade humana a noção de Amor – com A maiúsculo (assim como o Ódio, com Ó maiúsculo)<sup>23</sup>. Categoria em que se fundamenta a cultura, a vida social: a pulsão por vida é relacional, deseja o outro e permite criar laços. São aos impulsos de Eros que Freud concerne à coesão de todas as coisas: é o Amor que cria os laços humanos e entremeia o tecido social. A pulsão de Eros como força que leva ao movimento de exteriorização, do encontro com o outro, da tessitura de laços, da criatividade, mobiliza a produção do mundo sociocultural. O ser humano é uma espécie social, uma espécie erótica.

A massa é uma formação erótica. Tecida por laços libidinais entre os seus membros. No entanto, Freud ressalta que a intensidade da supressão da personalidade individual neste tipo de grupo indica que há especificidades nestas ligações.

Elas se travam em duas direções: na relação entre os membros do grupo e na relação deste com um objeto amoroso, personificado na figura do líder. O que os membros da massa possuem em comum, seu elo, é o amor por um mesmo objeto. A escolha objetal comum faz com que se identifiquem mutuamente.

A identificação, elemento aglutinador das massas, é dita por Freud como a mais precoce manifestação de ligação emocional do indivíduo, laço libidinoso primordial. Anterior ao Complexo de Édipo e fundamental para sua articulação. Ela refere-se à atitude da criança diante do pai – deste terceiro elemento que difere da mãe com que a criança estabelece uma ligação libidinoso objetal. Ou seja, a mãe é um objeto amoroso. Na identificação, o outro não é um objeto, mas um modelo. A figura paterna é tomada por ideal: desperta o desejo de ser como ele e, também, pela triangulação edípica, de tomar o seu lugar. É pautada pela ambiguidade.

Alguns aspectos do pensamento freudiano são importantes pontuar. O Complexo de Édipo é nuclear para o desenvolvimento e dinamismo da vida anímica. Da dinâmica edípica derivará a complexidade e a riqueza da personalidade individual. Toda uma série de aparatos e instâncias psíquicas lhe são associados: complexo de castração, mecanismos de recalçamento, a consciência de culpa, a formação de ligações libidinosas desviadas da meta sexual, o ideal

---

<sup>23</sup> Não irei aprofundar a reflexão sob a perspectiva do pensamento freudiano, mas as noções de Amor e Ódio podem ser pensadas sob a dinâmica pulsão de vida e pulsão de morte, Eros e Thanatos. Essa aproximação entre ódio e pulsão de morte é feita por André Glucksmann em sua filosofia do ódio (2014).

do Eu e o Supereu – instâncias que internalizam o Outro (representante da ordem social) dentro do Eu. O Édipo freudiano se refere à inserção do indivíduo na cultura.

O pensamento freudiano apresenta uma vida íntima rica e dinâmica, que se estrutura por meio do atravessamento do Outro: como ideal, objeto, modelo, adversário, repressor, espelho... A maturação psíquica, a sofisticação intelectual e a singularidade só emergem a partir de uma relação ambivalente com o outro. Aspectos que esvanecem na estrutura psíquica da massa. Ao reencontrar a identificação, como uma mecânica pré-edípica, cuja primeira aparição remete aos estágios psíquicos regidos pela primazia narcísica, Freud fornece o campo de investigação para o estado psíquico subversivo da turba.

O Édipo não se limita a uma triangulação do desejo na intimidade individual. Em *Totem e Tabu* (1913), Freud insere na dinâmica edípica uma continência filogenética da espécie humana, perpetuada pela hereditariedade psíquica. Esta concepção que pretendeu abordar na sua análise bastante criticada do totemismo é reafirmada na *Psicologia das Massas e Análise do Eu* ao retomar o mito do assassinato do pai primordial pela hora primitiva. A despeito dos equívocos e brechas que atravessam a teoria construída nesse *just say so*<sup>24</sup>, o argumento freudiano é de que o caráter originário da cultura, representado pelo nascimento da consciência moral, ou seja, a internalização dos regramentos impostos aos impulsos individuais na vida social humana, é fundante do desenvolvimento psíquico da espécie aos níveis de complexidade obtidos.

Este caráter originário, dum passado remoto que vivíamos em bandos, nas cavernas, caçados aprendendo a caçar<sup>25</sup>, assim como as estruturas psíquicas mais primordiais da espécie – que chamará por Psique de Horda –, permanece resguardado em cada indivíduo e é transmitido geração após geração. O assassinato do pai primordial traduz a ruptura de uma psique de horda para uma psique individual que só emerge na e pela cultura. É uma leitura da

---

<sup>24</sup> O termo *just say so* é usado por Freud no texto em referência às críticas que recebeu por *Totem e Tabu*. Embora ciente da problemática que essa obra de Sigmund Freud abre para a Teoria Antropológica e da rica discussão que pode emergir dela, principalmente a partir de Levi-Strauss, não entrarei nesse debate e faço um recorte teórico que ajuda a avançar na investigação aqui proposta: a relação dinâmica Eros/Psique/Cultura.

<sup>25</sup> O mito da hora primordial de Sigmund Freud, como descrito em *Totem e Tabu*, é construído com base na sua leitura de Darwin sobre a evolução da espécie humana, de que nos primórdios o homem também deve ter vivido em uma horda liderada por machos alfas como os grandes primatas. Ao mencionar o caçado sabendo caçar faço referência à obra *O Enigma do Homem*, de Edgar Morin, como uma leitura mais sofisticada sobre a evolução da espécie humana, atravessada pelo desenvolvimento cultural, cerebral, biológico e psíquico, outro paradigma na qual natureza e cultura não se dissociam. Este ponto é importante por dizer que o mito de Freud, com as críticas cabíveis de noções do século XIX que hoje não se sustentam, não diz respeito a um tempo que nunca existiu, mas ao tempo milenar da espécie em que a complexidade psíquica capaz do desenvolvimento cultural, da linguagem, da política e todos os atributos que o ser humano defende como seus maiores feitos emergiu. Se no século XIX o abrolhar da humanidade era buscado como um ato de travessia, hoje isso não mais se sustenta. O pensamento complexo de Edgar Morin pode, por meio da contribuição das descobertas científicas de diversas disciplinas, fornecer uma visão mais rica e verossímil da natureza humana.

passagem entre natureza e cultura pela atemporalidade e inacabamento, uma passagem nunca ultrapassada. A genealogia da espécie permanece nas estruturas profundas da memória anímica.

O mito da hora primordial de Sigmund Freud, descrito em *Totem e Tabu* (1913), é inspirado na teoria de Charles Darwin de que a configuração primeira da sociedade humana teria sido uma horda governada hierarquicamente por um macho dominante. O assassinato do pai primordial remete ao tempo milenar da espécie e busca traduzir um ato de passagem de uma psique primitiva para uma psique mais sofisticada capaz do desenvolvimento cultural. Freud está dizendo que a triangulação edípica que impulsiona a criança para a individuação, e a insere na cultura, possui uma carga filogenética da entrada do homem na cultura – da passagem natureza/cultura.

Freud, dentro de um pensamento do século XIX, aborda a problemática da natureza humana, do abrolhar da consciência, da tão buscada saída do homem da natureza – mas, o autor ultrapassa seu tempo e abre uma perspectiva não linear e não definitiva dessa passagem. A horda primitiva permanece nas estruturas profundas da cultura, assim como o homem primitivo permanece na vida íntima de cada um. Ao mencionar o caçado sabendo caçar, faço referência à obra *O Enigma do Homem*, de Edgar Morin, com uma abordagem sofisticada sobre a evolução da espécie humana por meio da relação dialógica de aspectos e desenvolvimentos diversos: cultural, cerebral, biológico e psíquico...

No pensamento complexo de Edgar Morin, natureza e cultura estão concomitantemente implicadas em todas as dimensões da vida humana. Freud diz na *Psicologia das Massas* que o homem rompe com a psique da horda quando surge o mito. Essa mesma colocação está em Morin. Quando o mito irrompe sobre o mundo e o imaginário sobre o real, articula-se no *sapiens* um aparelho mitológico-mágico que libera a psique humana para as potencialidades da cultura.

O mito é a emergência de um grau mais complexo do intelecto humano (MORIN, 1973), na articulação entre consciência objetiva e subjetiva o destino humano é desassociado do destino natural (saída da natureza para a cultura), também há um progresso da individualidade, emerge a consciência de si: “o desenvolvimento desse novo epicentro que é a consciência de si próprio no mundo” (MORIN, 1973, p.104). O mito, ao irromper sobre o real, permite que a singularidade irrompa sobre percepção, antes atrelada à difusão geral e à uniformidade dos atos psíquicos. Abre uma brecha entre a percepção e a subjetividade.

“O mito é o passo com que o indivíduo emerge da psicologia da massa.” (FREUD, 1921, p.103), é ao primeiro poeta que concede o primeiro ato de “transmentir” a realidade e

criar o primeiro ideal de Eu. Morin atrela o pensamento mágico e mítico à percepção da morte, sua consciência e aos ritos funerários que passaram a organizá-la, transmentir seu determinismo sob o símbolo. Tanto na leitura sobre o assassinato coletivo de Girard, do pai primordial em Freud e da consciência da morte em Morin estamos diante do aparelhamento simbólico e imaginário da violência que abre para a transmentira da cultura e a singularidade individual.

Retomando a psique da massa, Freud concede seu poder de sugestão pela especificidade das ligações libidinosas que a formam: a identificação. Esta ocorre tanto entre os membros, como em relação ao objeto de amor que os une: o líder. Esta ligação é explicada como uma regressão. Não se trata de uma escolha objetual – tal como a criança faz com a mãe; mas, uma identificação – tal como faz com o pai no estágio primeiro da vida psíquica. A decorrência desse regresso é a introjeção do objeto no eu. O objeto amoroso passa a ocupar o lugar de uma instância denominada por Freud por ideal do eu. O líder é um objeto de amor que foi colocado no lugar do ideal que o indivíduo cria para si.

Na maturação psíquica, a identificação abre a via para o complexo edípico. A identificação narcísica cede espaço para a escolha objetual, é um movimento em direção ao outro, para a exterioridade. Seu desenvolvimento ocorre por meio dos desastres e dos louros dessa escolha. No caso da ligação libidinal regressiva, há uma identificação entre o Eu e o objeto. “A sombra do objeto caiu sobre o eu”, dirá Freud em *Luto e Melancolia* (1918), na massa ocorre o mesmo. O objeto se impõe sobre partes do psiquismo do indivíduo, algo se perde e obscurece. Na melancolia, uma parte do eu não cabe mais ao mundo. Na massa, uma parte do mundo não serve mais ao eu.

O ideal do eu, como apresentado no texto de 1921, é uma instância psíquica criada a partir do Outro, dos valores e expectativas que o modelo irá apresentar ao Eu como aquilo que se deve ser. Entre suas funções são apontadas a auto-observação, consciência moral, censura onírica, prova da realidade, atuação no processo do recalçamento. Funções de autocritica e refreamento.

Partes dessas funções serão posteriormente concedidas ao Supereu, instância herdeira do complexo edípico, a consciência de culpa que, em Freud, encarna a função de força refrutora das pulsões narcísicas. A despeito da possível simbiose entre as duas categorias na *Psicologia das Massas* de 1921, o ideal do eu se apresenta como a instância que faz a conexão com a realidade por meio da internalização do outro na vida psíquica. Este Outro, a princípio muito conectado ao Pai, à ordem, à interdição do social (a lei), abre para o exterior, para a realidade.

Inserir-se no contrafluxo do narcisismo primeiro regido pela satisfação compulsória dos instintos e pulsões, como urgência pela manutenção de sua integridade (tal qual o bebê exasperado por sugar o seio materno). O ideal intercede pela exterioridade, provoca fissuras no domínio onírico e fantasioso do eu narcísico que toma o mundo como uma representação de si mesmo. Dessas fissuras se abrem as possibilidades de constituições mais ricas, amplas e complexas de ser, sentir e pensar. É a intervenção da cultura, da sociedade – do grande Outro; de onde também emergirá o mal-estar na cultura do qual não se pode escapar.

Numa formação de grupo em que a ligação libidinosa regressa até a identificação, o ideal do eu é destituído dessa função. A identificação com o objeto amoroso é regresso da dinâmica psíquica, um empobrecimento do Eu. Para um registro infantil, o que faz correta a afirmação de Le Bon de que o indivíduo na massa retorna ao estado mental de uma criança. Mas também para um estado psíquico das reminiscências da filogênese, o que faz correto o apontamento de José de Souza Martins para as estruturas profundas do social. Freud afirma, “a massa é uma revivescência da horda primeva” (1921, p 79).

O enfraquecimento da aptidão intelectual, a desinibição dos afetos, a incapacidade de moderação, o imediatismo, a falta de regramento das emoções, a tendência a ação “são um quadro de regressão da vida anímica a um estágio anterior em que o impulso afetivo e o ato intelectual pessoal do indivíduo são muito fracos para se impor.” (FREUD, 1920, p.77). Um estado da atividade anímica primitiva.

A leitura de Freud permite compreender a alteração do comportamento enquanto um regresso, um empobrecimento da vida anímica para estruturas psíquicas que permanecem no registro anímico. A massa é um ajuntamento coletivo regressivo, de características mais primitivas, em que os aspectos mais complexos da cultura e do conjunto maior do corpo social se decompõem.

Há um grau no interior do Eu (FREUD, 1921). Freud confere uma graduação no Eu provocada pela intersecção do Outro, das autoridades paternas que promovem a nível nuclear a introdução do indivíduo no corpo social. Em Freud, o eu não é igual a si mesmo. O Outro fornece os valores, códigos, moralidade, signos e símbolos para que a personalidade se forje. Provoca também fissuras e feridas num eu ideal que se tinha por centro de todo mundo “a majestade o bebê”. Na massa, esse grau se perde. O indivíduo na massa é um sujeito sem feridas narcísicas.

Imprescindível ressaltar que a vida anímica é múltipla e dinâmica. O sistema de ideais do indivíduo não é marcado por um único símbolo. Freud afirma que um indivíduo participa de muitos grupos, múltiplos processos de identificação forjam essa graduação e são

condensados no Ideal do Eu. É a multiplicidade e o dinamismo que sustentam a personalidade. E são justamente os pontos que estão empobrecidos na massa.

Cada indivíduo é o componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Assim, cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc., e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade. (FREUD, 1921, p.92).

A alteridade se perde. A reflexão sobre a psicologia da massa encontra o fio da meada do totalitarismo do igual de Byung-Chul Han. Quando o Outro padece enquanto categoria de alteridade, a sociedade se torna transparente, a vida anímica do indivíduo perde sua graduação, a violência ganha outra topologia.

Han aponta um cenário em que a única forma de coletividade possível é a massa de tipo mais efêmero e simplório (o enxame<sup>26</sup>). Nessa perspectiva, a afirmação de que o inconsciente freudiano não se sustenta está correta. Na sociedade do desempenho a vida anímica está sujeita às precipitações da filogênese da libido. Uma vida psíquica num grau mais complexo de estruturação, com maior trânsito e capacidade intelectual, está prejudicada.

O texto de Freud abre outros exercícios reflexivos para esta investigação. A turba é uma multidão de formação efêmera e baixa organização. Está sob o registro onírico do inconsciente, pensa por imagens, sem refreamento de seus impulsos, sem capacidade crítica ou senso de realidade. Um ajuntamento regressivo, uma horda. Cujas ligações são a identificação mútua de seus membros por amor a um objeto que faz sombra ao Eu. Este objeto é a violência, a pulsão destrutiva.

Não se trata de substituir um objeto amado por um odiado, mas de tomar a Violência no lugar de objeto amoroso. É esta a conexão descrita por Girard no mimetismo: a identificação pela violência. O bode expiatório apenas condensa sobre si sua mecânica persecutória, se uma peça na engrenagem estrutural, ela não é a princípio o elemento aglutinador da turba. O rito expiatório descrito por Girard possui justamente a função de deslocar esse elemento, de permitir que a vítima se equipare a violência, tome o seu lugar. Por isso ao ser assassinada, violada, a mecânica cessa, a sombra é retirada.

A turba não é uma multidão apaixonada por um ideal que não pode refrear seus impulsos agressivos. É uma massa apaixonada pela violência, cuja reminiscência de Horda

---

<sup>26</sup> Mais adiante, num capítulo dedicado ao debate sobre as redes sociais e sua relação com o ódio, retomarei o termo Enxame utilizado por Byung-Chul Han para designar o agrupamento coletivo no mundo digital e nas redes sociais como uma espécie de turba digital, de formação ainda mais espontânea, desorganizada e fugaz – um zunido.

reencena o assassinato coletivo primordial – seja do bode expiatório em Girard, seja do pai primordial em Freud. Ambos apontam, no primórdio da constituição cultural, um ato de violência coletiva – a organização coletiva da violência é basilar na cultura. O ato coletivo da violência atua em favor dos laços sociais – em função do Amor. A partir dele emerge a via simbólica, o aparato imaginário, a capacidade de dramatização do rito.

Essa discussão revela o paradoxo antropológico da violência<sup>27</sup> na vida humana: um jogo complexo entre sua face destrutiva, de desordem absoluta, e sua potência criativa, de função fundadora. Esse paradoxo teria que dar conta de resolver os problemas da turba no Ódio Coletivo se o fenômeno operasse a mecânica expiatória, dramatizasse um grande ato de fundação social. Mas ele não o faz. O Ódio falha como rito para ser bem-sucedido – ele não restaura, não funda. A mecânica expiatória não se sai mal no começo, depois ele (o ódio) já corre sozinho (SZYMBORSKA, 2016).

Não está sob os desígnios de Eros – o Amor que une todas as coisas. Freud sugere que há massas que se formam pelo ódio, mas não desenvolve esta abordagem neste texto – são em outras obras que fornece as pistas para sua compreensão. Como diz André Glucksmann, o Ódio é a freudiana desilusão; há uma presença enigmática que “corrói silenciosamente envolta nos ruidosos langores e perfídias de Eros” (GLUKSMANN, 2004, p.21). Presença enigmática que insiste em revelar-se no violento, repugnante e inumano que habita o humano, no homem de rosto nu de Georges Bataille. Eros não reina sozinho na vida íntima do homem, há a pulsão de Morte – Thanatos.

É por Thanatos que Freud apelida esta presença de difícil acesso na vida íntima humana. Pulsão que opera no fluxo contrário do Amor (o que constrói), desatando os laços, um movimento regressivo que tende para os estágios primordiais e simplórios da existência dos organismos até sua forma inanimada, inorgânica. Se o Amor impulsiona ao mundo e à existência, a Morte impulsiona para a destruição de si.

Quando exteriorizada, sua força é redirecionada do Eu para o mundo na forma de impulsos destrutivos. A agressividade é a face com que se pode conhecer Thanatos. A violência, aqui apresentada como categoria paradoxal, explicita justamente essa dinâmica: para além de estar presente tanto nos movimentos de vida e de morte, é uma constante implicação e transformação de um em outro.

Ódio é pulsão de morte. Se a formação das massas é articulada pelos laços libidinosos

---

<sup>27</sup> Para um mergulho mais profundo na reflexão sobre essa relação paradoxal da violência com a vida humana (sociocultural) indico a leitura DRAWIN, Carlos Roberto. "O paradoxo antropológico da violência." In: *Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica*. Barbacena: EdUEMG (2011): 12-32.

de Eros, o Ódio Coletivo articula-se pelos laços da violência. Sua compreensão está na esfera do sadismo: uma forma libidinosa que se combina a impulsos destrutivos. Ao explicar o sadismo, a teoria freudiana diz que há um desvio de meta que possibilita a satisfação dos impulsos de morte com a preservação do Eu e até a obtenção de prazer. As ações dos indivíduos nos agrupamentos do ódio não operam em função do amor por mútuo ou a um líder (Freud, 1921), apenas por ódio ao outro.

Esta dinâmica explica um aspecto peculiar dos agrupamentos no ódio: são mais efêmeros e imediatos, seu laço é bastante frágil e liquefeito. Não há abandono das pretensões narcísicas, ao contrário, são intensificadas. Os laços se mantêm apenas enquanto não interferem aos propósitos individuais. Assim que um dos membros aparecer como empecilho, um destoante, ele é facilmente transposto para o lado de lá.

No Ódio, a identificação regressiva não cria a sombra de um objeto sobre o Eu, é a pulsão mais primitiva do Eu que cria sombra sobre as partes de si que contém o Outro, e os próprios desejos objetais libidinosos. O sujeito do Ódio não pode amar, sua libido foi drenada pela sede de destruição.

A falta de relação com o outro provoca acima de tudo uma crise de gratificação. A gratificação como reconhecimento pressupõe a instância do outro ou do terceiro. Também Richard Sennett liga a crise da gratificação a uma perturbação narcisista e à falta de um relacionamento com o outro: “Enquanto distúrbio de caráter, o narcisismo é exatamente o oposto do amor-próprio característico. Mergulhar no si mesmo não cria nenhuma gratificação, ele traz dor e sofrimento ao si-mesmo”. (HAN, 2017, p. 83)

O narcisismo da positividade apresentado na leitura de Richard Sennett por Byung-Chul Han como distúrbio do caráter, é uma crise da identificação e da identidade, fonte de sofrimento e dor. Violência neural. Ódio não interfere neste movimento narcísico, opera em favor dele – talvez, como uma tentativa desesperada de se salvar. Uma projeção do ódio de si, da violência que o indivíduo engendra a si próprio ao competir consigo mesmo, explorar a si mesmo – sem gratificação, sem o reconhecimento e o olhar do outro. Na dinâmica sádica do ódio ao exercer a violência em direção ao outro, o indivíduo busca esta gratificação como uma afirmação de si, mais ainda, uma realização idealizada de si: daquele eu (ideal)<sup>28</sup> que se

---

<sup>28</sup> Na psicologia das massas, Freud postula que na massa o objeto toma o lugar do ideal do eu, instância que representa um modelo ideal de si construído a partir da identificação com os valores socioculturais. Há outra instância chamada por Eu Ideal que remete à formação narcísica mais primária, em que o Eu tomava o mundo como um modelo de si. No Ódio, é esta instância que passa a reinar na vida anímica, um Eu identificado com sua pulsão mais primordial, um Eu sem fissuras e feridas narcísicas: este é o sentido do termo Super Eu aqui utilizado. Um indivíduo que se identifica à realidade como uma configuração fantasiosa de si, de seus desejos e impulsos. Cujas violência sobre o outro é a realização e reafirmação dessa ilusão. Por isso, aos indivíduos do ódio, qualquer tentativa de refreá-los ou dissuadi-los é tida como uma tentativa de aniquilação.

equiparava ao mundo. No ódio, tanto o outro é uma construção imaginária (do inimigo) quanto a identidade do Eu.

Ocupar-se de forma torturante de si – para falar com Schmitt, em virtude de autorrelacionalidade, acaba não levantando a nenhuma “configuração própria” – também pode favorecer a construção imaginária de um inimigo externo, uma vez que desonera sua alma, que está sobrecarregada e agastada de si, guerreando-se. As imagens hostis produzidas pela imaginação ajudam o si-mesmo a formar uma “figura” objetivável que o liberta da relação narcisista paralisante e que o resgata de seu mergulho no vazio subjetivo. A hostilidade de hoje ao estranho é um indício dessa dimensão imaginária (HAN, 2017, p.102).

A perda da alteridade é uma perda de si. Não há configuração própria, gratificação sem os processos múltiplos de identificação. Lança o indivíduo no vazio subjetivo de um Eu igual a si mesmo. O Ódio responde e potencializa esta operação do imaginário sobre o real – que não configura um encontro com a exterioridade, ruptura do narcisismo. Permite ao indivíduo da massa narcísica contemporânea um movimento de vazão do seu isolamento abissal para a dimensão imaginária.

O indivíduo se torna um Super-Eu, em todos os sentidos que esta sentença pode tomar. Um Eu inebriado pela sensação de onipotência da turba, que opera no silenciamento do senso crítico e da prova da realidade, permanece no registro da fantasia, reafirma e confirma o mundo pela via onírica. Um Eu que não está sob o julgo do refreamento dos valores sociais, personificado na consciência de culpa (Superego), que destituiu os valores morais e com sua narrativa persecutória e delirante do Nós versus Eles, substitui o sistema de ideais socialmente constituídos: é um Super Eu.

A psique de massa empobrece a personalidade individual constituída na pluralidade de identificações multifacetadas que a dinâmica do corpo social proporciona. No laço libidinoso com o líder, o objeto se torna a versão idealização de si mesmo. No laço do ódio, a identificação é com a própria violência, a cada vez que exerce sua agressividade o indivíduo assegura a integridade de uma identidade forjada pela imagem idealizada de si próprio, fantasiosa e narcisista. Nas turbas contemporâneas, a condição do indivíduo – seu rebaixamento psíquico – é um estado de enamoramento pela própria agressividade. O ódio é o êxtase amoroso, mergulho nessa violência abissal, intestinal.

Na medida em que a sociedade contemporânea retira sistematicamente a alteridade da dinâmica social, as gradações psíquicas se esfacelam e emerge outra topologia da violência – uma, em que a conversão ritual não é mais possível. O Ódio se põe a correr. “Capaz, esperto e muito trabalhador” (SZYMBORSKA), insiste, persiste, instrui. Profere seu discurso de lobo,

tece sua narrativa e segue o movimento de destruição. No rito expiatório, a violência reencena sua mecânica filogenética. O rito de violação sobre o corpo da vítima reencena, nas estruturas psíquicas de massa, a cisão, reafirma os códigos coletivos do viver juntos – a violência é reorganizada, a regra é reinstaurada e os impulsos refreados. A ordem onírica é abandonada. Hoje, o ódio retira o corpo da centralidade da cena e o substitui pelo discurso. Interrompe o rito e perpetua-se criando seus próprios mitos.

É sobre o perecimento do rito que o Ódio emerge e cria caricaturas de comunidades. Os rituais, atos simbólicos, são veículo de representação e transmissão coletiva dos valores e signos de coesão comunitária. Uma operação simbólica coletiva sobre o real que, dentre muitas funções, opera e organiza a violência. Nas sociedades contemporâneas, a ordem do desempenho impera a intensificação do narcisismo, o indivíduo vive sobre a coação dos prefixos: autorrealização, autoconhecimento, autoajuda, super desempenho. Vive pela busca da autenticidade cada vez mais extrema. Precisa provar seu capital intelectual, sua contribuição especial que o torne indispensável num mundo em que todos são supérfluos. Ser produtor de conteúdo e de si próprio: a pessoa é uma marca, uma empresa. Nesse sistema, a dimensão do comunitário está esgarçada e, sobretudo, desvalorizada.

Em *Do Desaparecimento dos Rituais*, Han (2020) ressalta como o novo paradigma de produção degrada a vida humana – esfacela o comunitário e esgota o indivíduo. Este corpo coletivo arraigado não configura o eclipse do cultural de René Girard, a anômica, mas a condição própria do social no sistema produtivo. É dessa degradação que o Ódio emerge, não como solução anômica para uma situação anômica, mas como produto do sistema – um que, inclusive, trabalha a favor do capital<sup>29</sup> – um simulacro de rito que fornece para o indivíduo apenas uma performance narcísica. No Ódio Coletivo, o corpo sacrificado é o social.

---

<sup>29</sup> Mais adiante em reflexões aprofundadas sobre as mídias digitais debatarei como o ódio e o algoritmo trabalham em conjunto para enriquecer as empresas que dominam o setor do mundo digital.

## IV.

**“Ah, estes outros sentimentos –  
fracotes e molengas.  
Desde quando a fraternidade pode contar com a multidão?  
Alguma vez a compaixão  
chegou primeiro à meta?  
Quantos a dúvida arrasta consigo?  
Só ele, que sabe o que faz, arrasta.”**

A violência é a força centrípeta do ódio coletivo. O homem captado por seu movimento é o *Homo Violens*, de Roger Dadoun: um ser definido e estruturado pela violência. No ódio, o sujeito estrutura sua vida anímica pela e para a violência contra o outro.

Como os outros autores que norteiam esta investigação, Dadoun rompe com o que chama de visão eruptiva da violência, de força externa que se impõe sobre a vida humana e está condicionada a fatores que escapam de seu controle, e a coloca como elemento basilar. Não há “qualquer aspecto da realidade humana que não lhe seja, de maneira determinante, associado” (DADOUN, 1998, p.10). Defende, para além da sapiência, a multiplicidade de faces do humano: *Faber, Laborans, Ludens, Sacer Politicus...* *Violens* é mais uma das dimensões com que se pode definir a vida humana.

Sua obra a apresenta como um núcleo que exerce força gravitacional sobre as demais esferas. Na vida humana, a dinâmica entre sexualidade, trabalho e racionalidade é uma relação perpétua com a violência. Cada uma dessas instâncias se apodera da outra num jogo complexo de transfigurações mútuas: “de tal forma que emerge, preciosa e precária, obscura e luminosa, esta forma singular de violência que temos como fundadora da humanidade.” (DADOUN, 1998, p.58). A violência é determinante, não pode ser superada, extinguida, eliminada. É uma força sempre implícita, mobilizando a vida humana, dinamizando suas facetas: o trabalho, o político, o lúdico, o erótico...

Dadoun contribui para esta investigação ao ressaltar a relação de intimidade entre violência, identidade e olhar. O Eu, pensado como uma categoria que condensa elementos identitários, não apenas se configura numa dinâmica da violência com a alteridade – aquilo que contrasta, diferencia e escapa de si; como possui dentro de si essa alteridade como fonte constante de violência. É na figura do homem-contra, descrito na espécie de antropologia que Dadoun vê no conjunto da obra de Henri Michaux, que o *Homo Violens* está caracterizado.

(...) bruto, ornado de picaretas, espetos, cacos, vidros, agulhas, ganchos, garras, unhas, sabres, serras, espadas, lanças, fâcas, brocas, etc., ele é todo maquinado para

rasgar, desmembrar, arrancar, cortar, retalhar, moer, desmiolar, despedaçar – o outro. (DADOUN, 1998, p.65).

O *Homo Violens* é um ser *Contra!*<sup>30</sup>, muito semelhante ao Lobo Carniceiro de Gluksmann, está sempre sob ataque. Aos seus olhos o outro é presença violenta, ameaça da qual deve se defender. A violência que exerce é sempre reativa, defensiva, secundária. Uma contra-violência (DADOUN, 1998), assim como a violência coletiva é sempre uma segunda violência (MARTINS, 2015). Esta é sempre do outro, que desde que se coloca à frente, que aparece diante do olhar, assume uma posição de contra – de ameaça: o outro, que não é o eu, é um excesso, uma sobra. Demasia que ofende, que ocupa o Eu, retira algo dele. O outro é a violência (DADOUN, 1998).

A violência, embora intestina, é sempre estrangeira. René Girard revela os interstícios dessa dinâmica na vida social humana. Tanto no mimetismo da vida psíquica quanto no mecanismo expiatório fundante e reorganizador da ordem social há ação constante de exteriorização da violência, delegá-la a condição de estraneidade. Projeção, expiação, perseguição. Dadoun coloca este mecanismo de exteriorização da violência como basilar na formação da identidade pessoal.

Talvez seja necessário, para dar consistência ao próprio eu, declarar o outro o detentor da violência – como se fosse uma simples medida de higiene identificadora: a identidade pessoal só é possível quando se evacua no outro o mal – o violento – que cada um traz em si. (DADOUN, 1998, p.63)

A identidade é uma instância dinâmica que trava uma relação ambivalente e dialógica com a alteridade. Esta é tão fundamental quanto insuportável. O outro é, em certa medida, sempre um bode expiatório. Em que o Eu projeta e exterioriza a sua própria violência. O inferno são os outros, disse Sartre. Esses estranhos que invadem, atacam, continentes do mal. No entanto, tudo o que nos é estranho já nos foi familiar, tudo o que incomoda reverbera algo que nos pertence – ensinou Freud. Dadoun traz a mesma relação ambivalente diante da alteridade e a concebe por meio da violência: o outro é concomitantemente uma fonte de exteriorização e internalização da violência.

Esta ideia de homem contra resgatada por Dadoun para dizer o *Homo Violens* tem por núcleo a dinâmica alteridade/identidade. O outro - tudo o que não se alcança e não se é – esta demasia, excesso e desordem encarna a percepção da violência. É uma alteridade, uma exterioridade, invasora. “Inflige uma dupla violência: violência da alteridade como tal, e

---

<sup>30</sup> Referência ao poema *Contre!* De Henri Michaud que “desfia uma ladainha de violências: “Eu contra, eu contra/Eu contra e te jogo aos cães famintos” (apud DADOUN, 1998, p. 64).

violência da alteridade porque tenta me identificar, porque corrói e soterra minha identidade” (DADOUN, 1998, p.66). A alteridade, esta exterioridade invasora, é dialógica. Diz o que não se é, e o que se é – dupla violência. O outro, mesmo quando afeto e mesmo por ser afeto, afeta: ocupa tempo, espaço, possui um discurso que delega silêncio, possui silêncio que delega demanda. Ao afetar, faz do Eu um alvo.

Nessa relação entre identidade e violência, o olhar possui papel de destaque. “Como se houvesse uma afinidade particular, quase metafísica, entre o olhar e a violência.” (DADOUN, 1998, p.67). As reflexões de Dadoun sobre a violência se aproximam do mecanismo de identificação de Freud: como forma mais antiga e original de ligação afetiva e como forma de introjeção do outro no Eu. A dinâmica da violência no aparato psíquico opera pela identificação, por uma leitura mimética do outro. Há uma relação intrínseca entre olhar, percepção e ação, na qual a percepção de si se vincula à percepção do outro. Que se dá não apenas na instância psíquica, mas também fisiológica.

Em *Psicologia das Massas* (1921), Freud pontua que o problema da identificação possui grande importância para o processo da empatia e para a vida intelectual humana, “há um caminho que da identificação, através da imitação, leva a empatia” (FREUD, 1921, p.68). Ela está implicada – assim como a violência – no mecanismo por meio do qual é possível “tomar uma posição ante uma outra vida psíquica” (idem). O avanço da neurociência trouxe compreensões ímpares para este caminho indicado por Freud.

Na década de 1990, a equipe de neurocientistas comandados por Giacomo Rizzolatti descobriu, durante estudo com macacos Rhesus, um conjunto de células chamadas neurônios espelhos. O mapeamento das atividades neurais do macaco mostrou que, ao observar uma ação realizada por outro macaco e até mesmo um dos pesquisadores, células cerebrais eram ativadas nas mesmas regiões correspondes à ação em questão. Ou seja, o cérebro do primata reproduzia a mesma atividade neural correspondente à ação que estava observando no outro, como se ele próprio estivesse realizando o movimento.

Estas células também estão presentes no cérebro humano e formam o Sistema de Neurônios Espelho, estão presentes em toda a área motora primária e possuem maior sofisticação e flexibilidade do que nos outros primatas. Atuam em regiões do córtex como o giro frontal, responsável pelo comportamento motor; o córtex pré-motor, responsável pelo planejamento, julgamento e emoções; o lóbulo parietal anterior (córtex somatossensorial), que recebe os estímulos e sensações do meio; a área de Broca (o Centro da Fala), responsável pela produção e articulação da linguagem.

Ao ver uma pessoa fazendo determinada ação ou mesmo imagens que remetam a uma ação, o Sistema de Neurônios Espelho (SNE) é ativado e cria uma representação mental da ação. Ele promove a excitabilidade do sistema motor e facilita a transmissão neural para os músculos do membro do corpo implicados na ação. Essa operação é como se o indivíduo não estivesse apenas observando, mas praticando aquela ação. De forma imediata e inconsciente, o cérebro imita toda ação que observa. É, segundo Rizzolatti, um simulador de ação.

Esse mecanismo de simulação é a explicação fisiológica por trás da ação contagiante dos bocejos, da risada e do choro. Como também o nodal da habilidade empática, da imitação, do aprendizado e até da linguagem.

No sistema nervoso, percepção e ação estão simultaneamente implicadas. A percepção é a simulação de uma ação. As bases fisiológicas do sistema motor de cada membro da espécie estão vinculadas aos seus pares, pelo espelhamento de seus movimentos. Todo movimento praticado por outro é percebido por um mecanismo somatotópico – como se fosse realizado pelo próprio observador.

Ao ver uma imagem de uma mão segurando um copo de água, os neurônios espelhos simulam o movimento de estar segurando o copo com sua própria mão. Mas não para por aí. Procura na memória momentos em que esta ação aconteceu, em que o indivíduo segurou ou bebeu um copo de água para que ele possa compreender e julgar a intencionalidade da ação do outro. A simples imagem da mão segurando o copo cria representações mentais de si próprio bebendo água, sentindo sede. Tudo para que o cérebro possa, de forma inconsciente (pré-atencional), concluir: ele está com sede.

Esse Sistema está na base da ação empática de oferecer um copo de água quando percebemos que alguém está com sede. Na fórmula das propagandas de refrigerante ou cerveja que convencem, por meio de repetitivas imagens sedutoras, de que quando se tem sede está com vontade de beber um produto específico. E também na reação de desviar de um copo de vidro arremessado em sua direção.

O SNE é o responsável pela capacidade de imitação, fundamental para a aprendizagem humana. Para a compreensão automática da ação do outro que julga o tempo todo se está diante de um ataque e precisa se defender de um perigo. Esse Sistema possibilita a compreensão da intencionalidade das ações e das emoções dos outros, é a base neural da empatia, habilidade essencial na formação de relacionamentos e laços sociais.

O comercial de margarina que leva ao choro e ser contagiado por uma gargalhada inconveniente são resultados do estímulo neural dos neurônios espelhos que buscam, no repertório individual, situações e emoções que anteriormente levaram ao choro e ao riso,

provocando a imitação. Eles possuem a capacidade de projetar o indivíduo automaticamente para o lugar do outro, e dá a capacidade de compreender outra vida psíquica que não a sua.

Num estudo sobre as implicações do SNE (Sistema dos Neurônios Espelho) na lateralidade corpórea, testes revelaram que, ao ver imagens de mãos em um computador, antes de julgar conscientemente sua lateralidade (mão esquerda ou direita), o cérebro do observador simula de forma pré-atencional suas próprias mãos na imagem. Para julgar o outro, compreender seu corpo, o indivíduo transpõe a si próprio na imagem do outro. A visão externa é apropriada como uma visão de si.

A consequência de ter um cérebro simulador de ação é a implicância do eu no outro e vice-versa.

Estas células de mais de 100 milhões de anos são aparato basilar da organização social. Presentes em todo o repertório de ação e movimentos humanos, fazem deste uma esfera comum, compartilhada com o outro. O espelhamento fornece aos primatas a capacidade de entender a ação dos outros. É uma maquinaria empática inata. Toda visão de movimento é automaticamente associada com o planejamento dos próprios atos e com a projeção de si no outro: o ser humano se coloca no lugar do outro de forma pré-atencional.

Os neurocientistas estimam que este aparato mimético possua papel fundante no surgimento da linguagem e da cultura: como facilitador neural da apropriação simbólica dos atos motores. A capacidade simbólica está indissociada da imagem do outro, que opera como espelho para que o indivíduo possa se abstrair de si mesmo: depositar em uma representação o significado.

Não se está muito distante da teoria mimética em que um Eu só conquista a habilidade de projeção de sua pulsão desejante, de dotá-la de significado, quando diante de um modelo que lhe sirva de espelho. O SNE e a capacidade cerebral de simulação esclarecem muito sobre a relação entre percepção e ação, olhar e identificação; mas o papel da violência nessa tríade permanece obscuro.

O neurocientista norte-americano Joshua Greene, em *Tribos Morais* (1974), fornece um vasto compêndio de estudos antropológicos e neurocientíficos (com os quais busca, sem muita modéstia, solucionar os entraves da convivência pacífica no mundo globalizado) que são bastante úteis para pensar essa questão.

Suas reflexões colocam a cooperação como a questão primordial da vida social: a capacidade de colocar o interesse coletivo sobre o interesse individual, em termos freudianos, a capacidade de cercear o narcisismo. Por meio do processo evolutivo, o ser humano foi

adaptado para essa tarefa. A cooperação é apresentada como programação biológica, uma estratégia de sobrevivência adquirida pela evolução da espécie.

Um estudo com bebês demonstrou que, antes mesmo do desenvolvimento da fala e da plena inserção cultural, o ser humano já apresenta a pré-disposição para habilidades cooperativas (GREENE, 1974). Os bebês assistiram a duas sequências de uma animação: na primeira sequência, duas formas geométricas dotadas de expressões faciais descem uma colina e o quadrado parece empurrar o triângulo colina abaixo. Na segunda sequência, o triângulo parece auxiliar o círculo a subir a colina. Posteriormente foram oferecidos aos bebês uma bandeja com objetos de pelúcia nas mesmas formas geométricas das animações. A maioria esmagadora dos bebês optou pelo triângulo ao quadrado, revelando uma predileção para a escolha de companheiros cooperativos.

Numa contraprova do experimento, as animações não foram dotadas de expressões – retiraram os olhos e as expressões que as faziam “vivas”. O experimento obteve resultados bastante diversificados. Quando eram apenas figuras subindo e descendo a colina, sem que ficasse evidente o viés de intencionalidade (auxiliar ou atrapalhar), os bebês escolheram os objetos de forma aleatória. “É do ato de ajudar e não do de empurrar para cima, que eles gostam, e é do ato de atrapalhar, e não do de empurrar para baixo, que eles não gostam. (GREENE, 1974, p. 56).

O experimento revela que, antes mesmo de um ano de idade, os seres humanos não apenas já sabem compreender intenções, como classificá-las em boas ou más e optam por parceiros que possuam boas intenções – que sejam colaborativas. Os bebês humanos possuem preferências sociais e julgam ações e agentes com base nessas preferências.

O ser humano é uma espécie solícita! Greene expõe, por meio de inúmeros estudos, como grande parte de atitudes e escolhas consideradas atos morais – determinadas pelos valores da sociedade em que o indivíduo está inserido – são decisões inconscientes, que o cérebro toma de forma automática seguindo padrões fisiológicos geneticamente determinados. Apresenta a moralidade como uma complexa maquinaria psicológica e neurológica que serve ao propósito da cooperação. Um conjunto de mecanismos, capacidades e dispositivos que promovem e estabilizam o comportamento cooperativo da espécie.

A empatia, habilidade de se colocar no lugar do outro, fundamento para a vida social humana, reputada por Tzvetan Todorov em *O Medo dos Bárbaros* (2010) como o limiar da existência civilizada, antes de ser uma categoria moral é uma faculdade orgânica conquistada por uma longa jornada evolutiva e partilhada com outros primatas. O que nos faz civilizados não é uma oposição ao que nos faz animais, longe disso.

As proposições de Greene vão de encontro às do primatólogo Frans De Waal, a quem faz inúmeras referências. Waal (2010) explica-a como uma boneca russa, construída em camadas que remetem à antiguidade evolutiva dos mamíferos. Ela se forma utilizando partes de regiões cerebrais que existem há mais de cem milhões de anos, como o SNE. Na sua base estão a sincronização inconsciente dos corpos, o mimetismo motor e o contágio emocional. Numa segunda camada está o consolo, a preocupação com o estado emocional do outro. Na terceira camada, a habilidade de adotar a perspectiva alheia.

Os processos automáticos que compõem seu núcleo interno são partilhados por grande diversidade de espécies animais. O mimetismo motor permite a coordenação das ações entre indivíduos da mesma espécie. O mapeamento corporal possibilita a sintonia de estados emocionais. Base do consolo, a preocupação com os outros, fundamental para a vida dos mamíferos. A reverberação emocional sustenta a identificação mútua para que os membros do grupo possam se compreender e auxiliar. A habilidade de fornecer a ajuda específica com a capacidade de se colocar no lugar do outro. Essas camadas externas, que permitem a compreensão de emoções e necessidades alheias, são partilhadas por um número menor de espécies.

Na espécie humana essas habilidades ganham maior complexidade, mas permanecem ligadas à ancestralidade evolutiva do núcleo. A empatia é uma habilidade inata, utiliza de uma sensibilidade automática às ações e expressões corporais, faciais e vocais disponíveis desde o nascimento. Nas suas camadas mais sofisticadas desenvolve capacidades complexas e conscientes como a atribuição de estados mentais aos outros, a recordação de memórias pessoais, das emoções e a reflexão ética sobre valores e pactos sociais.

Numa perspectiva oposta à de René Girard, em que o ser humano difere dos outros animais por não possuir um aparato natural para conter sua violência, autores como Greene e Waal apontam que o ser humano faz uso de um complexo aparato psíquico e fisiológico para conter a sua agressividade e conviver de forma cooperativa com seus pares, e como grande parte desse aparato é compartilhado por outras espécies animais. Na base da mais complexa organização social há um núcleo biológico partilhado com a história evolutiva do reino animal.

Os padrões morais estipulados pela sociedade influenciam e guiam o comportamento do indivíduo, mas não surgem e se impõem a despeito da animalidade humana, mas por meio dela. Para Greene, aparato mimético que faz do cérebro humano um simulador de ação, uma máquina empática também o faz um cérebro moral. Aqui a moralidade é, antes de um código

de condutas sociais, um conjunto de ferramentas e mecanismos psíquicos e fisiológicos para a cooperação.

Frans de Waal (2010) enfatiza como a espécie utiliza muito menos da violência que é capaz, e em situações corriqueiras reluta ao uso da violência contra inocentes e até mesmo com estranhos. O ser humano é comezinho diante da violência, empático diante da dor, solícito diante da adversidade. A visão do homem como lobo do homem, que sem os grilhões sociais torna-se uma fera carniceira, não se sustenta sob essa ótica. Nesta perspectiva, a espécie humana evoluiu de forma bem-sucedida para o controle da violência.

Esta imagem de uma espécie cooperativa e refreada, que prefere a vida coletiva em detrimento dos interesses pessoais, destoa das feições da violência que preenchem as páginas da história e que despontam por todos os lados, não condiz com o *Homo Violens* objeto deste estudo. Como a espécie biologicamente adaptada para o viver juntos é a mesma capaz de produzir horrores inimagináveis, extermínios de povos inteiros, escravidão, campos de concentração, bombas nucleares, ataques terroristas, discursos de ódio e intolerância?

Qual o grande entrave à paz que Greene procura solucionar nas quase 500 páginas de seu livro? “Somos uma espécie solícita, embora de modo limitado.” (GREENE, 1974, p.47). Para o neurocientista o empasse se trata da dificuldade de cooperação entre grupos que possuem concepções morais distintas. Ele volta-se para uma característica humana fundamental, há muito tempo revelada pela antropologia: o etnocentrismo. Há na espécie humana um viés de grupo, que o autor denomina por tribalismo ou altruísmo paroquial.

O ser humano é biologicamente induzido para cooperar, para privilegiar o nós sobre o eu. Mas também para privilegiar o NÓS sobre o ELES. A adaptação evolutiva moldou a espécie para viver em grupos cooperativos, mas sob a lógica do intra versus o extra grupo.

A empatia apoia-se na proximidade, na similaridade e na familiaridade, o que faz muito sentido, uma vez que ela evoluiu para favorecer a cooperação entre membros do grupo. (WAAL, 2010, p. 311)

Da mesma forma pré-atencional que analisa ações e movimentos procurando compreender a intencionalidade, busca automaticamente marcadores de identidade de grupo e faz uma seleção de suas preferências sociais. Separa os indivíduos em Nós e Eles. Não apenas preterindo quem julga pertencer ao seu grupo, mas tende a prejudicar os que considera extra grupo.

Testes de Associação Implícita (TAI), que calculam por meio da velocidade de associação entre conceitos como a mente humana faz avaliações inconscientes do que considera “bom” ou “mau”, revelam que o cérebro busca marcadores de pertencimento e

diferenças arbitrárias para nortear o seu julgamento, antes mesmo que o indivíduo possa refletir conscientemente sobre suas escolhas. Selecionando parceiros que considera colaborativos – pertencente ao mesmo grupo social, mas também indivíduos que considera hostis – marcados por diferenças arbitrárias.

As pistas linguísticas são uma das principais diferenças observadas automaticamente pelo cérebro humano. A pesquisadora Katherine Kinzler (apud GREENE, 1974) indica, em seus trabalhos, que há no ser humano uma predisposição para o uso de pistas linguísticas como marcadores de identidade de grupo. Seus testes demonstraram que bebês de apenas seis meses tinham preferência por brinquedos sonoros com vozes da mesma nacionalidade que a sua. Experimentos com crianças de faixas etárias mais velhas também demonstraram o mesmo viés de grupo baseado na linguagem: elas optavam por brincar com crianças sem sotaque de outras nacionalidades.

Parece que o cérebro humano, mesmo antes, de ser capaz de gerar linguagem, usa essa linguagem para distinguir entre confiáveis NÓS e suspeitos ELES. (GREENE, 1974, p. 59).

A busca por marcadores de pertencimento pode se pautar por categorias sociais distintas e bem especificadas da cultura em que o indivíduo está inserido, elementos como raça, etnia, classe social. Mas também se pauta por aspectos abstratos como times de futebol, membros de clubes e até marcas forjadas por grupos espontâneos. Pesquisas envolvendo TAIs descobriram que a raça é utilizada como uma diferença arbitrária até que outros elementos mais enfáticos entrem em questão.

Experimentos fizeram divisões aleatórias dos participantes lhes dando camisetas com cores diferentes. Os participantes passaram a favorecer e colaborar com os indivíduos que usavam a mesma cor de camiseta. Fatores como raça, etnia e outros marcadores sociais ficaram em segundo plano (GREENE, 1974) e o grupo artificial pautado pela cor se sobrepuiu. O cérebro elenca de forma pré-atencional os elementos de pertencimento para criar uma identidade de grupo e distinguir dos *outsiders*.

O Sistema dos Neurônios Espelho ativados pelo olhar e pela linguagem estão na base neural desse viés de grupo. Os estudos da neurociência também destacam o papel do sistema hormonal neste mecanismo. Em testes com o uso de oxitocina (considerado o hormônio do amor), bafuraram o hormônio nos participantes antes dos experimentos, e os resultados mostraram um aumento da cooperação entre os membros do grupo. Revelaram também o aumento da hostilidade para com *outsiders*. Greene enxerga nesses resultados a dualidade

implicada na formação dos laços humanos: todo Nós exige um Eles, o amor intra grupo implica na violência (ódio) extra grupo.

A chave da empatia é a identificação. A capacidade de olhar o outro e reconhecer a sua imagem no seu próprio registro mimético, de encontrar em si a mesma necessidade, atitude ou intenção, dota-lhe da habilidade de considerar este outro como uma parte do mesmo – criar um Nós. Quando a porta da identificação se fecha e o olhar toma a decisão de estar diante de um Outro, no qual se reconhece um perigo, uma presença hostil, as coisas se passam de forma diferente.

A intimidade profunda entre o olhar e a violência, frisada por Roger Dadoun, dá-se nos interstícios da identificação e a ambivalência que a atravessa. Frans de Waal destaca de forma notória esse ponto nevrálgico:

Como toda reação emocional, a empatia tem um portal, uma situação que tipicamente a desencadeia ou na qual permitimos que se manifeste. O principal portal da empatia é a identificação. Estamos prontos para compartilhar os sentimentos das pessoas com que nos identificamos, e por isso o fazemos tão prontamente com que pertence ao nosso círculo mais próximo. Para essas pessoas o portal está sempre entreaberto. Fora desse círculo, as coisas são opcionais. (WAAL, 2010, p. 301).

O viés de grupo molda o comportamento para o favoritismo do grupo e para a propensão de prejudicar indivíduos extra grupo. O mesmo aparato biológico que equipou o ser humano a ser empático e cooperativo, fazem-no agressivos com estranhos. Ou seja, a formação da identificação do grupo ocorre por meio do desvio da violência para a exterioridade.

Um experimento da Universidade de Stanford sobre identidade grupal dividiu os participantes em policiais e prisioneiros. O estudo tinha por previsão 15 dias de duração, mas foi interrompido em menos de uma semana, deixou de ser seguro quando os guardas passaram a desenvolver um comportamento violento, arrogante e cruel. (WAAL, 2007). Como em outros experimentos de grupo, a escolha tinha sido aleatória e os participantes não possuíam vínculos anteriores.

Com os incentivos adequados o cérebro humano rapidamente se programa para agir sobre o Nós contra Eles, nessa mecânica o intra grupo sempre encontra razões para se considerar superior e justificar a violência CONTRA o outro. Os mínimos signos e símbolos são identificados como marcadores de pertencimento e utilizados para o mecanismo de organização da violência, privilegiando a união interna em favor da vazão da agressividade de forma coordenada e ritualizada sobre os destoantes.

“É como se fosse uma vocação, que cada vez fica mais forte. Para mim, A Onda é uma história de fantasmas, o que podemos nos tornar.” A frase pertence a Jon Ross, ex-professor de um colégio em Palo Alto na Califórnia que iniciou um experimento parecido com seus alunos ao tentar ensinar como o povo alemão se deixou subjugar pelas estruturas de controle no Terceiro Reich.

O caso foi levado para as telas do cinema na produção alemã *A Onda* (DIE WELLE, 2008). O longa retrata como se inicia o processo de constituição do movimento dos estudantes, o que o apelidam de *A Onda*, liderados pelo professor. O que se inicia como uma aula demonstrativa em que todos tinham consciência de ser um experimento toma forma própria e se sobrepuja sobre o grupo. Motivados por argumento de união, igualdade e excelência que apelam para valores de seu senso comum e com um apelo inicial bastante agradáveis e positivos, desencadeia numa ideologia da igualdade e da união de forte teor fascista e instiga processos persecutórios e atos de violência contra os *outsiders*.

A turma de alunos ganha um nome, uniforme, signo, cumprimento e palavra de ordem. O professor lhes ensina uma motricidade: corpo ereto, alongado, cabeça erguida. Uma forma discursiva: falas curtas, precisas, concisas, com voz segura e olhos nos olhos do interlocutor. Uma ideologia: a disciplina e a obediência fortalecem a união; esta promove a igualdade e a excelência. A experiência e construção estética do grupo se forja na medida em que busca se destacar e competir com a turma rival. Em poucos dias, o grupo passa a expulsar os colegas destoantes e perseguir os que se recusam a se unir a eles. O discurso da união, da proteção justifica as ações de violência. Rapidamente a coisa sai de controle.

Na vida real, o experimento foi suspenso e o professor demitido quando um de seus alunos perdeu a mão acidentalmente enquanto fabricava uma bomba caseira. “A onda deu significado para nossas vidas” – essa fala de um dos personagens do filme resume o poder dos vínculos criados pelos membros e o espaço que ele ocupa: o significado. A identificação com o grupo concede um significado para o Eu, o sentido de uma configuração própria que o resgata do vazio subjetivo anteriormente pontuado por Han.

A habilidade empática é uma moeda de duas faces. Os mesmos mecanismos que fornecem a habilidade de reconhecer o outro, compartilhar de sua experiência (intenção, sensação, emoções) e compreender sua vida psíquica, são acionados como um comutador social que faz do outro um inimigo.

Frans de Waal chama o ser humano de primata bipolar. Comparado aos Chimpanzés, espécie que se destaca pela agressividade na disputa territorial, ou aos Bonobos, que no outro

polo se destacam pela convivência pacífica, a espécie humana supera-os em ambos os aspectos. A empatia e a violência ganham, na vida humana, outra dimensão.

Na década de 1970, a primatologista Jane Goodall registrou um dos episódios mais sangrentos já observado entre uma comunidade de chimpanzés, que durou quatro anos e dividiu o grupo que habita o Parque Nacional do Gombe, na Tanzânia. O conflito não deixou a desejar em nada a uma guerra civil.

Pesquisadores até hoje estudam os motivos que iniciaram a onda de assassinatos, saques e violência entre a comunidade. Antropólogos da Universidade de Duke e do Arizona, em uma análise recente dos registros de Goodall, fizeram o mapeamento das interações sociais dos machos durante o período<sup>31</sup>. Descobriram que os conflitos surgiram por uma divisão entre dois grupos distintos, um que se mantinha mais ao norte e outro ao sul. A disputa principal de poder entre três machos alfas afetou toda a rede de vínculos sociais dos primatas, sem distinguir idade ou sexo. O grupo do norte, mais numeroso e liderado por um macho alfa recém-coroado, após quatro anos de invasões sistemáticas e ataques violentos, aniquilou completamente o grupo do sul e tomou seu território.

O episódio, chamado de “Guerra dos 4 anos”, é um registro único, mas a agressividade que marca a relação entre grupos de chimpanzés é bastante conhecida. Frans de Waal (2007) descreve como os machos matam machos forasteiros de forma específica e deliberada. O ataque a estrangeiros é marcado por uma intencionalidade diferenciada da agressividade entre membros do grupo. Suas ações são coordenadas e a violência ocorre numa intensidade bastante destoante: desfigura o corpo da vítima de tal forma que seus restos mortais ficam quase irreconhecíveis.

Um atacante prendia a vítima no chão enquanto os demais mordiam e golpeavam. Torciam um membro, rasgavam a traqueia, arrancavam unhas, bebiam o sangue que jorrava dos ferimentos. Há relatos de atacantes que voltaram ao local semanas depois, aparentemente para verificar o resultado de seus esforços. (WAAL,2007, p. 168).

Comportam-se como se o adversário pertencesse a outra espécie, como se fosse uma presa. A transfiguração do corpo era como uma forma de deschimpanzá-lo (WAAL, 2007), transformava o inimigo em ser de outra espécie. Os ataques se assemelham aos linchamentos coletivos relatados por José de Souza Martins. Práticas que ocorrem preferencialmente em espaços públicos e têm por marca a violência grupal coordenada até a desconfiguração ritual do corpo da vítima. Martins (2015) descreve como a vítima é comumente amarrada, leva

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43648714#orb-banner>. Acesso em: 14/02/2021.

chutes, pedradas e pauladas da multidão. É bastante comum que pedaços do corpo sejam arrancados, os olhos perfurados e o corpo queimado.

O autor conta como, em muitos casos, o corpo linchado permanece exposto por dias à vista de todos. “Não apenas o corpo está em jogo nesses casos, mas toda a trama simbólica que humaniza o corpo e diferencia um homem de um animal.” (MARTINS, 2015, p.112). A violência ritual do justicamento coletivo é um ato simbólico, nega a vítima enquanto humana, destitui-a da espécie.

Os chimpanzés parecem fazer o mesmo, destituindo o rival daquilo que o diferencia de uma presa. “Costumamos desumanizar nossos inimigos. À semelhança dos chimpanzés, nós os tratamos como inferiores aos da nossa espécie.” (WAAL, 2007, p.169). Seres humanos e chimpanzés podem levar a aversão extra grupo a experiências extremas de violência nas quais a vítima é exterminada, e seu corpo destituído das características que o identificam como membro da espécie. O inimigo é considerado uma subespécie.

Esse comportamento primata ressalta um ponto fundamental da violência coletiva: ela é socialmente construída. As categorias “Nós” e “Eles”, tanto entre os chimpanzés como entre seres humanos, são mutáveis. Constituem-se socialmente de acordo com as circunstâncias e os interesses em jogo. Antes dos conflitos que instauraram os conflitos em Gombe, os animais que habitavam o Parque Nacional eram uma única comunidade, o grupo conviveu em equilíbrio até que o conflito entre os machos pelo domínio territorial passou a demarcar os signos que os tornaram facções distintas. Um animal em que se fazia *grooming* se tornou um inimigo, de quem se deve arrancar a cabeça e beber o sangue.

O outro, como inimigo, é uma construção social. “Até indivíduos bem conhecidos podem tornar-se inimigos se por acaso andarem com a turma errada ou viverem na área errada.” (WAAL, 2007, p. 171). Quando se trata da violência coletiva não há indivíduos neutros. Como na turba persecutória de René Girard, quando a violência mimética se desencadeia sobre o corpo social, ninguém fica imune a ela.

No pequeno ensaio *Construir o Inimigo* (2013), Umberto Eco envereda pela presença necessária dos inimigos, o papel que a construção coletiva dos inimigos exerce numa sociedade. A oposição ao outro serve para a construção da própria identidade, a diferenciação é produtora. Mas o papel do inimigo vai além, ao enfrentá-los se pode medir e mostrar o sistema de valores, a significância dos laços e vínculos internos ao grupo (ECO, 2013). Sob o corpo ífero do adversário o corpo social se sobressai, cresce e fortalece.

A narrativa discursiva da construção dos inimigos e de sua inumanidade segue um modelo bem definido (ECO, 2013). Os inimigos são feios e grotescos – o belo é sempre

identificado com o bom. Cheiram mal – demonstrando a maior similitude com os animais do que com a espécie humana. São monstruosos e bestiais – com defeitos físicos, intelectuais e de caráter. São, sobretudo, inferiores. Próximos não apenas dos animais, mas do mal e do diabólico. Como bodes expiatórios, seu pertencimento à espécie está sempre sob suspeita.

Os inimigos são essencialmente distintos de Nós. Guiados por costumes, práticas e códigos estranhos que estão sempre sob a suspeita de sua maleficência. O estrangeiro, diferente por excelência, é também, o inimigo por excelência – um invasor de fato ou potencial.

A identificação que sustenta a construção identitária do grupo é perpassada pela ambivalência. O ser humano é empático e letal. O outro é inferno e é essencial. Tanto para ser objeto de amor, quanto para ser receptáculo da violência. Para construir laços afetivos imprescindíveis à existência e para ser o bode expiatório. Ações coletivas coordenadas expurgam a violência do corpo coletivo, direcionando-a para os corpos estrangeiros. Quando isso não é possível, volta-se para os corpos mais fronteiriços da comunidade: as páreas.

O mecanismo do bode expiatório, a liberação das tensões agressivas do grupo sobre uma vítima inocente, está presente em outras espécies primatas. Babuínos, Gibões, Chimpanzés... Toda sociedade possui suas vítimas expiatórias sob as quais realocam a culpa de situações conflitantes. O bode expiatório serve para acalmar os nervos e restaurar a sanidade do grupo, evitando danos maiores ao equilíbrio da comunidade.

O que torna tão eficaz o recurso a um bode expiatório e a dupla utilidade. Primeiro, permite aos dominantes extravasar tensões. Atacar um circunstante inocente e inofensivo obviamente é menos arriscado do que se atacarem uns aos outros. Além do mais, isso une os do topo em torno de uma causa comum. Enquanto ameaçam o bode expiatório, eles se ligam uns aos outros, às vezes se montam e se abraçam, um indicador de que estão unidos. (WAAL, 2007, p. 200)

A conexão inconsciente dos corpos, das emoções, dos estados mentais perpassa o fenômeno que está na base da vida social. Ser um animal social, viver em grupos cooperativos, significa organizar coletivamente a violência: ritualizada e controlada dentro do grupo; letal e generalizada fora do grupo. Esta dupla função da violência coletiva, saciar os impulsos do indivíduo e unir o grupo, são indissociáveis.

Esta organização é sempre um ato social. O que não significa que não seja um processo orgânico, fisiológico. Na violência, natureza e cultura implicam-se, é impossível compreender o fenômeno separando essas duas instâncias. Não há fronteiras.

José de Souza Martins (2015) remete o comportamento da multidão na violência coletiva a estruturas sociais profundas e ao inconsciente coletivo. Os estudos da neurociência

e dos primatólogos indicam que essas camadas são ainda mais profundas e remetem ao inconsciente biológico, à memória filogenética da espécie.

Reencontro o paradoxo da violência. Mas a relação da violência com a natureza humana, exaustivamente abordada pela perspectiva eruptiva, não é da ordem do excepcional. Esta relação pungente entre a organização da violência e a vida comunitária é compartilhada com os outros primatas.

A herança genealógica permeia a vida humana em suas diversas áreas: social, psíquica, biológica, cerebral... Quando as camadas mais refinadas tecidas pelo mundo cultural se fragilizam ou esboroam, o primata possui seus mecanismos mais rudimentares.

A forma como o ser humano cria seus laços sociais e seus inimigos, a forma como ritualiza sua agressividade e cria mecanismos de constante exteriorização da violência, a forma como as identidades se forjam numa relação de conflito e identificação com o outro, são práticas que remetem a mecanismos universais e estruturas profundas do bicho-homem. Acionam processos fisiológicos e mentais da ancestralidade milenar do corpo.

Nós, humanos, mais sistematicamente brutais do que os chimpanzés e mais empáticos do que os bonobos, somos, de longe, os mais bipolares dos grandes primatas. (WAAL, 2010, p.272).

“A estrutura essencial do *homo violens* está sempre presente em todo o lugar” (DADOUN, 1994, p.51). O *homo violens* é o ser que possui a violência como a força centrípeta nuclear, todas as esferas da sua vida giram em torno de seu movimento catalizador. Sua força dinâmica possibilita que a vida social se forje, desenvolva e complexifique. A figura tenebrosa do homem-contra é uma das suas faces, a outra é o *grooming*, a cooperação e a ajuda mútua: a empatia. A ideia utópica de superar a violência é uma ilusão. A violência e sua organização coletiva são parte essencial de ser um animal social.

E o que valorizamos mais: harmonia ou competitividade? Esse é o problema da espécie humana. Em algum lugar no meio de tudo isso reside a verdadeira natureza humana, mas ela é esticada em tantas direções que não conseguimos definir se somos naturalmente competitivos ou naturalmente comunitários. Na realidade, somos ambos, mas cada sociedade alcança seu próprio equilíbrio. (WAAL, 2010, p. 179).

Ao escrever *A Era da Empatia* (2010), Frans de Waal apostava em uma mudança sísmica da sociedade em direção ao lado empático dessa bipolaridade. Os eventos da última década sugerem o oposto. Os inspiradores discursos de Barack Obama que embalaram o otimismo do autor foram substituídos pela narrativa persecutória de Donald Trump. Discurso de ódio, preconceito, racismo, xenofobismo, narrativas que contestam a validade dos Direitos

Humanos, a onda de ódio que afeta o século XXI carrega a humanidade para o lado mais brutal da sua bipolaridade.

Uma das explicações para o reacionarismo é de que seja uma resposta dos grupos mais conservadores aos avanços obtidos no mundo globalizado pela luta por liberdade e igualdade de direitos dos grupos insistentemente marginalizados e condenados ao estigma de minorias sociais, grupos historicamente selecionados como vítima dos preconceitos e violências sociais. Uma resposta à ideia esperançosa de que um mundo sem fronteiras poderia se tornar um mundo sem exclusão. Mas há muito por trás dessa força que impulsiona os indivíduos para suas turbas.

A última década parece ter fechado brutalmente o portal da empatia. Waal (2010) aponta que nossas sociedades numerosas, movidas pelas forças do mercado e do individualismo, formam um tecido social desfavorável para os laços empáticos e de confiança mútua. A capacidade humana de fazer laços precisa de corpo, de proximidade e identificação. Precisa de um nós melhor consolidado, de sólidos e confiáveis marcadores de pertencimento.

A autoabsorção destrói a empatia (WAAL, 2010). Ela emerge num exercício cognitivo entre identidade e percepção do outro, encontrando os laços, as reverberações do outro na experiência de si. O modelo de sociedade voltado para a experiência totalizante do Eu, do desempenho e da transparência perde o parâmetro do outro.

Instaura-se uma crise profunda das identidades. A autoabsorção também destrói a experiência de si ao estraçalhar uma experiência de nós – de comunidade e comunitário. O totalitarismo do igual destrói o senso de pertencimento. Corrói a abordagem cognitiva da empatia em que se pode espelhar e separar do outro: Reconhecer (conhecer de novo).

A corrosão das bases tradicionais do trabalho, da segurança de uma carreira, dos laços com colegas de trabalho, vizinhos, a fragilidade da convivência em grupos comunitários... A vida volátil, exacerbada, fugaz, pautada no novo, no individual, no virtual e tantas outras características da liquidez dos tempos destituem o indivíduo do elemento central que move o animal social: a segurança. A vida coletiva, a dependência mútua e os vínculos sociais devem fornecer segurança (WAAL, 2010).

A sociedade contemporânea – do desempenho, da liquidez, do neoliberalismo, da pós-modernidade e tantos outros adjetivos e paradigmas que procuram decifrá-la – falha em fornecer o elemento principal. A falta de vínculos, de identificação e de segurança condenam ao desequilíbrio. O medo é o elemento que toma o lugar da seguridade. E o medo leva ao ódio.

A violência coletiva é agenciada pelos aparatos e mecanismos que estão basilares na constituição da vida social dos primatas. Em atos como do bode expiatório, busca-se exteriorizar a agressividade e acalmar os ânimos com o que Martins (2015) chamou de solução anômica para uma situação de anomia social. Em fenômenos mais complexos como as guerras a construção de um inimigo e o seu combate mobilizam uma mecânica de fortalecimento da identidade do grupo e dos laços internos – como bem resumiu Umberto Eco (2013).

O ódio coletivo se alicerça sobre estes mesmos mecanismos e opera a binomia Nós versus Eles, entram em seu movimento todo o aparato de identificação e simulação. Mas, como já dito, ele não Restaura – os laços que o ódio tecem só existem na durabilidade de seu movimento, na repercussão da sua narrativa. A identidade que o ódio cria e reforça é a identificação com a virulência. “Eu odeio, logo existo” (GLUCKSMANN, 2010). Se parar de odiar, o Lobo Carniceiro deixa de existir. Não há um Nós fora da violência, ela existe apenas no seu exercício.

O ódio é um simulacro de comunidade. No contexto de fragilidade extrema dos vínculos e da segurança social, o ódio tece uma psique coletiva aglutinando afetos intensos, aciona o comutador mental que busca quaisquer marcadores de pertencimento que estejam à mão no repertório de preconceitos e intolerância já fornecidos pela sociedade para simular uma identidade de si e do outro. Essa operação não organiza a violência desenfreada e restabelece a ordem e a segurança, ela apenas as simula na duração do seu movimento. O ódio não REordena, ela cria outra ordem: a sua.

Os neurobiólogos ingleses Semir Zeki e John Paul Romaya (2008) realizaram um estudo que rastreou o padrão da atividade cerebral do ódio. Um experimento com 17 voluntários registrou as atividades e impulsos elétricos acionados em seus cérebros diante de imagem ou lembrança de seus objetos odiados. As mesmas áreas cerebrais foram acionadas em todos os participantes desenhando a assinatura do ódio no cérebro. Uma dos resultados observados foi como esta marca é bastante próxima à do amor romântico, além de ter acionado regiões cerebrais similares à da empatia (LEAL, 2008).

O circuito do ódio engloba o putâmen direito (relacionado ao planejamento motor e também às reações de medo e repugnância), o córtex pré-motor (área do Sistema dos Neurônios Espelho responsável pelo planejamento e execução de movimentos), o polo pré-frontal (que aciona a capacidade de previsão das ações das outras pessoas) e a ínsula (que coordena as emoções humanas e compõem o Sistema Límbico, responsável por todo

comportamento social). A principal função desse sistema é integrar os estímulos sensoriais externos ao psiquismo interno dotando-os de conteúdo afetivo.

Este circuito indica, segundo os pesquisadores, que o ódio mobiliza o cérebro para se defender ou atacar, interpretando e planejando movimentos. E o faz acionando aquele comutador interno da identificação empática, que interpreta a exterioridade e a dota de significado.

A principal diferença entre a assinatura do amor e do ódio no cérebro está nas áreas cerebrais que foram desativadas por essas emoções. No caso do amor são as zonas relacionadas ao julgamento e à razão que são desativadas, já no caso do ódio o padrão de desativação se mostrou bastante reduzido. Os pesquisadores traduziram essa diferença como uma mudança de atenção: no ódio o indivíduo passa a se preocupar menos com o espaço exterior e a ter uma experiência interna associada à ansiedade.

Vale ressaltar que este estudo investigou a experiência de ódio individual e não coletivo, mas seus resultados possuem ressonância com aspectos fundamentais desta investigação. A assinatura do ódio no cérebro indica que ele aciona o comutador mimético, a mecânica da identificação, na descarga dos seus afetos. Sua assinatura vai de encontro com as teorias levantadas pelos autores que pensaram a violência. O ódio se utiliza dos mesmos mecanismos que podem ser utilizados para a contenção da agressividade e emersão de laços empáticos.

Outro ponto crucial é que o cérebro humano faz uso da razão e do julgamento para odiar. Essa característica explicada pelos neurocientistas em função da necessidade de defesa do indivíduo, o sentimento de agressividade mantém as regiões fundamentais para planejar suas ações diante de um ataque, entra em ressonância com o aspecto central do ódio coletivo: ele opera por uma mecânica discursiva. Há, no ódio, pensamento lógico e construção teórica.

Para argumentar e construir sua narrativa, para se manter em movimento, o ódio necessita do uso da razão e do julgamento. Dizem que é cego. Cego? Tem a vista aguda de um atirador e afoito olha o futuro. (ZYMBORSKA, 2016). Mestre do contraste, o registro onírico a que concede a psique das turbas não anula a sua capacidade aguda de articular o pensamento na construção discursiva.

O ódio argumenta, como o Lobo Carniceiro, os motivos inúmeros de sua agressividade, traz testemunhas e produz juízes para suas causas. A narrativa do ódio é a do homem-contra. A construção incessante do inimigo que, por outro lado, coloca ao narrador num status de vítima iminente.

Mencionei acima que a turba concedia ao indivíduo seu significado. André Glucksmann, ao afirmar que o ódio exige de seus afilhados a morte, traz a figura de Medéia como quem levou a cabo o movimento do ódio, consumiu o ato maior “Medéia se mata simbolicamente” (GLUCKSMANN, 2010, p. 56). Ela não é a mais a mulher, a mãe, a esposa traída. Medéia se equivale a sua fúria. O sujeito do ódio perde a sua divisão subjetiva, equivale-se a sua pulsão destrutiva, deixa de existir simbolicamente.

No artigo *Licença para Odiar*, da coletânea *as Escritas do Ódio: psicanálise e política (2018)*, as autoras Miriam Debiex Rosa, Sandra Alencar e Raonna Martins afirmam: “o ódio é o triunfo do significado” (p.19). Está sob a primazia do imaginário e não do simbólico. É a perda do médium. Abandona sua articulação, a intermediação do símbolo e infla a ordem imaginária sobre o real. “Resulta da impossibilidade de mediação simbólica no encontro com o real” (p.19).

Afirmei anteriormente que o ódio é um rito que falha. Mas, ao impossibilitar a operação simbólica, o ódio perverte a linguagem do rito. Para além de construir uma narrativa discursiva, ele cria a sua própria linguagem. Como na descrição da psique de massa por Sigmund Freud, características das turbas do ódio, sua linguagem<sup>32</sup> é a do inconsciente. O Ódio, assim, ao invés de operar o encontro entre imaginário e real, obscurece o real.

O ódio impõe o triunfo do significado. Por isso o personagem de *A Onda*, diante da tentativa do professor de mostrar ao grupo a mecânica fascista que se instaurou com o Movimento e o caráter corrosivo da União, ao tentar demonstrar o distanciamento com a realidade e a construção fantasiosa que era o grupo, não suporta o desvelar da linguagem e recorre ao suicídio. Diante do confronto com o real, das fissuras dos significados que a experiência no mundo provoca, o garoto só pode tentar tirar a sua vida: como a Medéia de Glucksmann, ele já havia se matado simbolicamente.

---

<sup>32</sup> Neste trabalho, não darei conta de desenvolver de forma aprofundada a questão do Ódio como uma linguagem. Esta constatação que a presente pesquisa trouxe se abre como uma possibilidade para novas reflexões e investigações sobre o ódio. Talvez mais próxima de pensadores como Georges Bataille e Jacques Lacan que, para dar conta da problemática inicialmente proposta, resolvi não acrescentar ao corpo teórico desta tese.

V.

**“Capaz, esperto, muito trabalhador.  
Será preciso dizer quantas canções compôs?  
Quantas páginas da história numerou?  
Quantos tapetes humanos estendeu  
em quantas praças, estádios?  
Não nos enganemos:  
ele sabe criar a beleza.  
São esplêndidos seus clarões na noite escura.  
Fantásticos os novelas das explosões na aurora rosada.  
Difícil negar o páthos das ruínas  
e o humor tosco  
da coluna que sobressai vigorosamente sobre elas.”**

É multifacetado o panorama que Byung-Chul Han tece sobre as configurações do corpo social na regência do paradigma da positividade. Sociedade do cansaço, pautada pelo hiperdesempenho, de outra topologia da violência – uma sociedade do Burnout, em que os ritos e práticas do viver coletivo desaparecem e o próprio comunitário se perde enquanto valor é, também, *Sociedade da Transparência* (2012).

Sociedade da exposição, da evidência, da aceleração, da informação, do desencobrimento. Sociedade pornográfica e do controle. O positivo, enquanto valor supremo, não suporta distâncias, vãos, cisões, suspensão. A Sociedade da Transparência configura-se pela falta de hiatos: opera com o imediato. “As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade” (HAN, 2012, p.12).

Na transparência, as coisas são rasas e planas, as ações puramente operacionais, a lógica de otimização do presente configura um tempo aplainado, sem passado e sem futuro, as imagens são pornográficas, do contato imediato entre imagem e olhar (HAN, 2012). Tudo se expressa pelo preço e é absorvido sem resistência pelo fluxo do capital. É a sociedade recoberta pelo filtro da positividade que domina e achata a realidade, eliminando toda a negatividade do estranho, do ausente, do outro e da alteridade. É o “abismo infernal do igual” (HAN, 2012, p.10).

O totalitarismo do igual não se limita à dinâmica sistêmica da produção, ele absorve o corpo social como um todo ao mesmo tempo em que o torna um reflexo do sistema. As considerações de Han têm por horizonte a era da informação e a dinâmica que a comunicação possui nas novas modalidades do capital financeiro.

A sociedade positiva evita todo e qualquer tipo de negatividade, pois esta paralisa a comunicação. Seu valor é medido apenas pela quantidade e velocidade da troca de

informações, sendo que a massa de comunicação também eleva seu valor econômico. (HAN, 2012, p. 24)

O imperativo da transparência pauta a hipercomunicação da sociedade da informação. Tudo deve ser comunicado, toda informação acessível e no tempo imediato. Para potencializar a velocidade, a comunicação reduz sua complexidade. Dá-se por imagens, pelo apelo visual e contágio do digital, mas é desprovida de reflexão estética. Han diz que se trata do próprio fim do olhar, a dimensão estética que exige distanciamento para ser contemplada, reduz-se a uma percepção tátil, vazia de sentido.

A hipercomunicação não comporta ambiguidades ou complexidades. Para potencializar sua velocidade, torna a realidade translúcida. Toda dimensão opaca do real se perde. Jogos, assimetrias, ocultamentos, obscuridades, distanciamentos não são suportados pela hiperinformação, há um apelo crescente pelo desnudamento. A transparência cria a simetria e a univocidade (HAN, 2012). Tudo é reduzido ao que pode ser exposto, à condição de imagens- mercadorias e os indivíduos à posição de objetos-propagandas.

Para além da redução ao status de objeto consumível, as próprias coisas tornam-se cada vez mais rasas, planas e uniformes: translúcidas. Sociedade pornográfica que reduz tudo à condição de imagens desnudas e sem hiatos, aplaina a estética até que se torne translúcida. Aplicações de toxina botulínica, porcelanas dentárias, preenchimentos labiais, micropigmentação, apliques, tutoriais de maquiagens, filtros digitais... A indústria da padronização estética trouxe as intervenções plásticas para consultórios dentários e shopping centers, a harmonização facial garante feições simétricas e torna todos os rostos iguais.

A comunicação visual opera pela reação em cadeia do igual. Qualquer feição que possua traços desalinhados e não-uniformes, dentes sem capas de porcelana, lábios que não possuam preenchimento e *selfies* que não tenham o contorno facial bem esfumado segundo os tutoriais de *makes* são automaticamente delegados à invisibilidade algorítmica para que não travem a rede abissal do igual.

A sociedade pornográfica é obscena, não permite nenhuma indefinição. É a morte de Eros (HAN, 2012). O erótico exige uma dimensão de mistério e ambivalência. A pulsão erótica se dá pelo jogo, sobre brechas e diante da ambiguidade do outro. O fim de Eros é reino do narcisismo. “A sociedade da intimidade é habitada por sujeitos narcisistas, aos quais falta qualquer capacidade de distanciamento cênico” (HAN, 2012, p.84). As experiências perdem a dimensão de encontro com o outro para serem vividas como expressões de si, tornam-se vivências de si. É a perda da dimensão social, das interações e sentidos que ocorrem fora do si-mesmo. A morte de Eros aniquila o espaço ritual, simbólico.

A sociedade da intimidade elimina sinais rituais, cerimoniais nos quais se escapa de si, se perde. Nas experiências encontramos o outro; mas nas vivências, ao contrário, sempre encontramos a nós mesmos. O sujeito narcísico não pode colocar um limite a si mesmo; os limites de si mesmo desaparecem. Por isso ele não consegue fazer surgir uma imagem estável do si-mesmo, funde-se de tal forma em si, que não se torna possível jogar consigo mesmo. O narcisista, tornado depressivo engole a si mesmo em sua intimidade ilimitada. Não há qualquer vazio ou distância que consiga distanciar o narcisista de si mesmo. (HAN, 2012, p.85)

Onde Eros padece, Thanatos emerge. O narcisista preso a si mesmo é o sujeito do ódio. A pulsão de morte é este limbo narcísico em que a vivência de si encontra sempre o vazio, a depressão e o Burnout. No domínio da vivência, o Ódio aparece como experiência coletiva. A agressividade e o discurso de ódio narrado pelo narcisismo emergem como possibilidade de viver um simulacro de Nós num corpo social transparente.

No Ódio, o indivíduo permanece em si-mesmo e reafirma uma identidade forjada na fantasia narcísica. O caráter coletivo que este trabalho insistiu em ressaltar sobre o fenômeno revela sua forma inusitada: é uma vivência, não uma experiência. A vivência coletiva do ódio, por meio de ações e narrativas persecutória dizem sobre um outro esvaziado de alteridade, de polaridade negativa. É um simulacro. Não realiza uma experiência comunitária, um para além de si. No ódio, o sujeito não escapa de si mesmo.

O simulacro, como as imagens midiáticas, não representa nenhum ser (ente), não coloca para o indivíduo, pela representação, Outro diante de si. As imagens midiáticas não são mais um intermediário<sup>33</sup>, “como simulacros, sem referências, elas apresentam como que uma vida própria”. (HAN, 2012, p.94). Criam um conglomerado massivo de informações que não representam, não mediam uma relação. O simulacro é em si próprio; não abre uma via para uma relação, um desdobramento em que há algo que escapa ao indivíduo e está para além dele, “é um enchimento onde se ainda faz sentir o vazio” (HAN, 2012, p.95). O simulacro da transparência despoja toda possibilidade da representação simbólica.

O ódio trava uma afinidade eletiva bastante potente com as formas aplanadas e simétricas da transparência. Assim, ele não é uma presença negativa na sociedade positiva, não lhe é contraditório. O ódio é positivo: afirma e desvela, opera, aplaina. É obscuro e pornográfico: opera pela exposição e toma tudo por evidência. Tudo lhe é informação com a

---

<sup>33</sup> Byung-Chul Han tem como referência direta a teoria de Heidegger. A noção da imagem como estética do olhar, que possui complexidade e profundidade, está assolada no conceito de médium em Heidegger: a imagem é um médium (um intermediário) com o qual se “pode representar um ente diante de si e tê-lo diante de si como constantemente representado”, com que se pode apoderar e assenhorar dele. (HAN, 2012, p.94). Assim, as imagens midiáticas destituídas dessa modalidade são de outra ordem, outra categoria, existem em si mesmas e não representam nada. Por isso, para o autor, a era digital guiada pela positividade reorganiza a alma humana de uma nova maneira, segundo outra topologia da violência, da vida íntima do sujeito e da vida coletiva.

qual descobre suas vítimas. Tudo para o ódio é sempre positivo, confirmação de si próprio.

A sociedade positiva está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. (HAN, 2012, p.19)

O Ódio Coletivo característico do século XXI é perpassado pelas condições do viver na sociedade digital. Está profundamente associado à comunicação digital e às redes sociais. Faz delas um espaço incessante de sua manifestação e proliferação. Relação que ressalta outra característica primordial da sua expansão: é pertinente ao fluxo do capital.

Nos últimos anos, a afinidade entre o ódio e as redes digitais se revelou bastante profícua. A internet se tornou uma plataforma de proliferação massiva do discurso de ódio, com a veiculação de mensagens discriminatórias, com apologia ao ódio e à violência. Combater o ódio nas redes tornou-se um dos maiores desafios contemporâneos e o debate sobre este problema articula-se em conjunto com o das chamadas *fakenews* e com o impacto que as plataformas de mídia adquiriram no contexto social.

A eleição de Donald Trump para presidência dos EUA, em 2016, é um marco para este debate. Tanto por ter sido atravessada pelo uso do discurso de ódio e da mentira (*fakenews*) como estratégias eleitorais, quanto pela denúncia de que anúncios em plataformas de mídia criados em países estrangeiros tiveram um impacto no resultado eleitoral (JN, 2018). A eleição de Trump, com sólidas evidências do uso do Facebook para traçar e influenciar perfis psicométricos do seu eleitorado (FOLHA, 2018), trouxe para a cena a capacidade de influência que as redes produzem sobre questões sociais e políticas.

Para além dos eventos envolvidos na eleição norte-americana, o crescimento do extremismo político e a incitação ao terrorismo na internet – desde grupos neonazistas, ao avanço do estado islâmico – emitiram um alerta para as instituições estatais. O poder de influência das plataformas digitais e a necessidade de criar regulamentações sobre a livre circulação de mensagens entraram na pauta das principais nações, principalmente as europeias. Em 2017, o encontro do G7 debateu a pauta do Terror definindo a internet como o novo campo de batalha para seu combate (FOLHA, 2017). O grupo cobrou dos servidores e empresas de serviço das plataformas maiores esforços contra a circulação desse tipo de conteúdo.

Desde 2017, as medidas dos Estados têm sido estabelecer multas e sanções para as empresas que não conterem e retirarem imediatamente os conteúdos de ódio de suas plataformas. A Comissão Europeia apresentou orientações para a criação de plataformas que possam prevenir, detectar e remover conteúdos que incitem a violência, o ódio e o terrorismo.

Com o aumento do extremismo e do antissemitismo, e um registro de 20% de crescimento nos números de crimes com motivação política, principalmente antissemita e xenófoba, o parlamento alemão criou um novo projeto de lei que visa a endurecer ainda mais as medidas de controle do discurso extremista nas redes. Segundo a ministra Lambrecht, é preciso “secar o terreno fértil onde esse extremismo floresce.” (TERRA, 2020). A Alemanha instaurou o que foi apelidada por *Lei do Facebook*, um sistema de aplicação de multas que podem chegar até 50 milhões de euros para as plataformas que não retirem conteúdos de ódio em até 24 hrs (G1, 2017).

Secar este terreno não tem sido tarefa fácil. Barrar o movimento das informações é uma contradição ao funcionamento da comunicação digital. Ensinar os algoritmos a diferenciar discurso extremista e preferências de consumo não se demonstrou algo simples. Tudo na hipercomunicação é informação em fruição sob o imperativo da positividade, adentrar o vetor negativo que cerceie o fluxo tem sido uma batalha com poucos êxitos.

As medidas de contenção que as empresas passaram a colocar em vigor foram motivadas pela perda de anunciantes (BRASIL ECONÔMICO, 2020). O boicote publicitário exigiu a criação de novas políticas e diretrizes contra o ódio. As redes seguem o fluxo do capital. Em 2017, o Facebook sofreu uma denúncia de que seu programa de anúncios permitia oferecer aos usuários a categoria “odiadores de judeus” (G1, 2017). O anunciante poderia direcionar suas propagandas para grupos antissemitas, por um pacote de trinta dólares os anúncios seriam vinculados para até 2 mil pessoas.

O programa de anúncios disponibilizado na plataforma cria categorias e faz seus direcionamentos de forma automática a partir da leitura dos dados do usuário. O algoritmo simplesmente leu o antissemitismo como um grupo consumidor e disponibilizou uma categoria específica para estes usuários. É o que o algoritmo faz o tempo todo, colhe os dados dos usuários e traça perfis consumidores a partir dos hábitos e interesses praticados no perfil da plataforma.

Após a denúncia sobre a potencialidade bárbara dos algoritmos, o Facebook contratou milhares de funcionários para a aprovação de manual de anúncios com conteúdos referentes a questões sociais (opiniões políticas, religiosas, étnicas, etc.). Recentemente a empresa publicou avanços ao ensinar o algoritmo para reconhecer conteúdo de ódio e grupos perigosos (células terroristas), ampliando o leque do que a inteligência artificial considera organização criminosa. No ano de 2019, foram removidos 26 milhões de postagens de grupo terroristas e banidos mais de 200 grupos de supremacia branca. No primeiro trimestre de 2020, foram

contabilizados mais de 22,5 milhões de conteúdos com discurso de ódio removidos da plataforma (IG, 2020).

Em março de 2019, um massacre numa mesquita da Nova Zelândia que matou 49 pessoas foi transmitido ao vivo na internet pelo atirador durante 17 minutos. A partir desse evento, o Facebook definiu como próximo passo ensinar o algoritmo a reconhecer em tempo real vídeos de pessoas atirando, para tentar evitar a transmissão ao vivo de tiroteios em massa, nessa missão trabalhando junto com os governos dos EUA e do Reino Unido, que forneceram milhares de vídeos de policiais em ação para o treinamento da Inteligência Artificial - IA (SILVA, 2019).

Outras plataformas como o Google, o Twitter e o WhatsApp também estão sob coação das críticas da opinião pública sobre suas capacidades de disseminação do discurso e ideais de ódio, além da pressão dos órgãos públicos para criar diretrizes e políticas eficazes em suas plataformas.

O WhatsApp, plataforma que possui papel central nas denúncias sobre o uso de notícias mentirosas com o objetivo de influenciar o comportamento do eleitorado brasileiro e no chamado Gabinete do Ódio do governo de Jair Bolsonaro, afirmou ter banido, apenas durante o período eleitoral de 2018, mais de 200 mil contas (GARCIA, 2019) e anunciou medidas legais contra contas que disparam mensagens em massa, o que é contra a política de uso do aplicativo. Desde outubro de 2018, cerca de 1,5 milhão de contas brasileira foram banidas por utilizarem robôs para o disparo massivo de mensagens e a disseminação de *fakenews* e discurso de ódio.

O Twitter, considerado uma das mídias digitais cujo ambiente é bastante tóxico pelo excesso de postagens abusivas (principalmente para mulheres), mantinha até 2019 uma política exclusiva de análise de tweets a partir das denúncias dos usuários, quando anunciou a criação de tecnologia própria para identificar mensagens abusivas e discriminatórias.

No ano de 2020, a tendência da empresa a ignorar os discursos racistas, misóginos e outras apologias a violência, ódio e intolerância ficou em evidência quando a filósofa brasileira Djamila Ribeiro entrou com uma ação na justiça contra a empresa, após sua filha receber ameaças por meio da plataforma num contexto de outros ataques veementes à filósofa, que foi bastante enfática sobre a necessidade de questionar a empresa sobre a exploração econômica do racismo (NALIN, 2020).

A ação de Djamila Ribeiro é de suma importância para trazer à luz do dia a denúncia e o debate sobre a exploração econômica da violência que ocorre nas redes digitais. As ondas de ataques virtuais, polêmicas que produzem chuvas de mensagens agressivas, movimentos de

detração que atravessam as constantes polêmicas que mobilizam essas mídias, geram cliques e engajamento que engordam os bolsos das empresas.

O ódio gera lucro. Não por menos está, cada dia mais, implicado aos dilemas da *Big Tech* e às reflexões sobre a implicância da tecnologia e das mídias digitais na vida humana, suas consequências sociais e políticas. “O ódio, infelizmente, vende bem mais que a solidariedade.” (MOROZOV, 2018. P.12).

Na série de artigos reunidos na obra *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política* (2018), Evgeny Morozov se debruça sobre tais implicações e fornece uma visão bastante crítica e cética sobre o mundo digital e o avanço tecnológico. Destoando das perspectivas que apostam na internet como instrumento de democratização e liberdade, Morozov aponta como a tecnologia está sob a influência perniciosa do bloco econômico que compõe a chamada *Big Tech* e do exercício de seu poder. Faz uma clara separação entre a ferramenta tecnológica e o mercado tecnológico, ressaltando como a dificuldade de diferenciar os dois (e por consequência, pensar a internet e o mundo digital como um fenômeno autônomo e universal) é o exercício de uma construção ideológica e de marketing dessas empresas.

O autor apresenta as plataformas digitais como blocos econômicos com interesses mercantis ocultos, lobistas e políticos. Cartéis empresariais que gerenciam um mercado regido às sombras de qualquer debate ético pela opinião pública. As redes não são um mundo virtual independente, com um bioma próprio que se impõe sobre o real, elas são agentes políticos e econômicos que seguem os interesses do mercado.

Inteligência artificial, economia de compartilhamento, Big Data, inovação, democratização digital e termos semelhantes, que apresentam a internet como uma ferramenta de solução para as mazelas sociais, são colocados como slogans e propagandas ideológicas que obscurecem o verdadeiro ramo de negócio da internet: o extrativismo de dados.

O dado é o recurso mais importante do século XXI. O autor o define como “resíduo digital das inúmeras redes e relações sociais, econômicas e culturais que se interagem em nossas vidas.” (MOROZOV, 2018, p.165). A extração de dados ocorre pela análise de todas as ações do usuário nas redes (cliques, curtidas, compartilhamentos), que são depurados num retrato sintético de sua personalidade. As empresas de tecnologia produzem seus enormes lucros escavando a psique dos usuários, como os mineradores escavam solo e rochas em busca de ouro. A tecnologia é manipulada pelo setor do extrativismo de dados (MOROZOV, 2019) de forma que tudo vire cliques, participação, engajamento e mantenha o usuário o maior de tempo possível conectado.

O documentário *O Dilema das Redes* (2020), produzidos pela plataforma de *streaming* Netflix, vai ao encontro com os apontamentos do pesquisador. Revelam como todas as ferramentas, design e atributos das plataformas de mídia digital são desenvolvidas para cativar seus usuários e mantê-los o maior tempo possível online. Para isso utilizam técnicas psicológicas de condicionamento, manipulam seu comportamento e viciam. Nada nas plataformas digitais é ocasional. Tudo é milimetricamente projetado, calculado e controlado não apenas com o objetivo de vender os produtos dos anunciantes para o público mais propício a adquiri-los, mas para tornar o usuário um produto que possa ser lucrativo. Mapeando seu perfil psicológico e manipulando seu comportamento.

O negócio dos dados está um passo além do marketing que convence o cérebro a quando sentir sede desejar um produto específico; possui um conhecimento tão profundo dos seus usuários e uma capacidade de influência em seus hábitos que ele já pode provocar a sede. O mercado dos dados faz o registro de todas as suas ações, cliques, comentários. Armazena todos os dados pessoais, psicológicos, comportamentais. Mapeia interesses, motivações políticas, teias de relacionamentos. Rastreia e registra seu todo deslocamento físico, lugares visitados, restaurantes preferidos, supermercados, lojas...

O documentário tece um panorama sobre a profundidade do poder que as empresas que dominam o mercado tecnológico, do extrativismo de dados, possuem sobre as vidas das pessoas, sem que a sociedade civil e os próprios órgãos públicos tenham clareza sobre esses controles, registros e os seus usos. “Se você não paga pelo produto, você é o produto”, a frase do jornalista Andrew Lewis sintetiza a experiência perturbadora que o dilema das redes provoca aos expectadores. A sociedade digital é uma comunidade de produtos.

Evgeny Morozov aponta como principal consequência dessa livre exploração da *Big Tech* sobre a vida humana, na ausência de qualquer debate ético e no obscurantismo de seus interesses e exercícios de poder, o avanço da sociedade digital sobre a sociedade de direitos. E da identidade de consumidor sobre a identidade de cidadão.

Morozov salienta que este é o maior problema das tecnologias na atualidade, elas estão se tornando um Estado de Bem-Estar Digital. O que faz com que não sejam a causa do mundo em que vivemos, mas a consequência dele. O setor privado avança sobre a vida comunitária, reverte direitos em produto, cidadão em cliente, pois toma o espaço de um Estado de Bem-Estar Social falido e desagregado. É ao contexto da escassez de vínculos sociais e da solidariedade, o ambiente político tóxico, a cultura individualista e consumista que concerne como base da ascensão digital.

A dissolução do Estado de Bem-Estar Social, o regime de comércio global totalmente

desregulado que permite a livre circulação dos dados, a liberalização do mercado de trabalho que está a cada dia mais desprovido de seguridade e garantias, a precarização generalizada da mão-de-obra no setor de serviços, entre outras mazelas que são tidas por muitos críticos como consequências da sociedade digital, são causas sociais e econômicas de sua ascensão.

São por defasagens do sistema público que surgem as soluções privadas como *Uber*, *WhatsApp*, *iFood*, serviços de *streaming*, etc. Os direitos sociais, como o de ir e vir e a liberdade de expressão, são convertidos em serviços privados. O espaço público é tomado por soluções digitais de empresas que prometem maior eficiência, mas oferecem serviços desprovidos de garantias. O mundo digital emerge como um Estado de Bem-Estar privatizado, paralelo, invisível (MOROZOV, 2019, p. 146), que consiste numa comunidade de consumidores, que são também o produto. Morozov delinea cinco características principais para a Sociedade Digital:

1. Extrativismo de dado: força motriz que a mobiliza e faz das redes tecnológicas agentes políticos e econômicos.
2. Mediação digital de tudo: o avanço do setor privado e do mercado por toda a vida comunitária, que sobrepuja a identidade de cidadão sob a de consumidor.
3. Consenso algorítmico: a linguagem dos algoritmos passa a fazer a leitura e tradução da realidade, media as relações sob um retrato sintético e mediano reproduzindo e generalizando padrões, preconceitos e desigualdades.
4. Emancipação predatória: a liberdade digital tem por contrapartida o domínio digital sobre a vida individual e pública.
5. Ideologia tecnoutópica: o setor tecnológico é visto como dotado de isonomia, imparcialidade e um bioma independente e não como um setor econômico com interesses e poderes.

Em *No Enxame* (2013), Byung-Chul Han também traz uma visão bastante crítica e pessimista sobre o mundo digital. “Arrastamo-nos atrás da mídia digital que aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida conjunta.” (HAN, 2018, p.10). Caracteriza a sociedade digital como anônima, privatizada, instantânea, horizontal, ruidosa, porosa, desintegrada, narcísica. Nela, o indivíduo permanece numa vivência autoespelhada em que toda janela (*window*) é um espelho que abre para outros espelhos.

Assim como Morozov, o filósofo também compreende o espaço virtual pelo atrofia do espaço público em favor do privado. No virtual, em que tudo está conectado e disponível ao

toque do dedo, não há distância sobre a qual a vida pública, a experiência comunitária, possa se alicerçar. A fusionalidade entre público e privado faz com que um se perca no outro. Há apenas um espaço em que o sujeito espelha a si próprio nas imagens que pupilam em suas páginas: uma ilha narcísica (HAN, 2013).

Han associa desintegração do espaço público e impossibilidade do respeito. A falta de distância, que caracteriza o espaço virtual desintegrado e poroso, é a morte do respeito. Há um distanciamento necessário do outro para que se possa estar em posição de respeitá-lo. Sem o necessário “pathos da distância” (HAN, 2013, p.11) não é possível respeitar. O respeito, como a etimologia da palavra sugere, há no “re-olhar”, na contemplação que, sem distância, não é possível. O imediatismo, ao retirar qualquer hiato, ao achatar o espaço e aplainar o tempo, aniquila o respeito.

Por isso, a sociedade digital é uma sociedade do espetáculo: exige ver e ser visto. É pornográfica, em que as imagens são destituídas da função de médium e tudo opera como espelho. Na estética do imediatismo, não há distanciamento entre o olhar e a imagem. O caráter privativo da hipercomunicação e o anonimato do mundo digital são outros elementos que matam o respeito (HAN, 2013). O nome é fundamento para o respeito, é atravessamento da identidade construída socialmente, dos códigos e do mundo simbólico. Nominar é base para o reconhecimento, alicerce da confiança e da responsabilização (HAN, 2013).

O nome diz respeito ao outro. Os anônimos digitais se caracterizam pelo desrespeito e pelo dizer desrespeitoso: a difamação, a detração, os xingamentos. A atual prática do cancelamento se opera por essa lógica do escandaloso e não da responsabilização: o indivíduo que desagradou ou feriu os afetos da sociedade é cancelado, abandonado por seus seguidores como demonstração do seu desafeto, mas não é responsabilizado pelas suas ações ou falas, assim como seus seguidores – a indignação digital segue no anonimato.

A comunicação digital é pautada pela indiscrição, pela evasão da privacidade e atrofia do público: uma cultura da falta de respeito e do escândalo. Sem respeito não há esfera pública, comunidade, solidariedade, ética. Esta desmetiatização – a retirada do médium, da distância, do intermediário – caracteriza a sociedade digital, ela implica uma deteriorização do público, do comum, do comunitário, do respeito, do simbólico.

A mídia digital é uma mídia da presença; A sua temporalidade é o presente imediato. A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que as informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são dirigidas e filtradas por meio de mediadores. A instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida. Mediação e representação são interpretadas como não transparência e eficiência, como congestionamento de tempo e de

informação. (HAN, 2013, p. 35)

O único espaço que promove é o narcísico: a esfera do imaginário na qual o Eu traça a si mesmo. O autoespelhamento atrofia a percepção no próprio ego, “a narcisificação da percepção leva o olhar, o outro, ao desaparecimento” (HAN, 2013, p.49). Como no teste de lateralidade em que, de forma pré-atencional, o indivíduo projeta a sua própria mão para a imagem na tela antes, na mídia digital, o ego passa a projetar a si em toda imagem atrofiando o exercício consciente da separação imagem/eu – que só é possível através do meio (social, político, público).

“A topologia do digital são ilhas narcísicas de egos” (HAN, p. 83), em que a comunidade e o espaço público são corroídos e a individualização é estimulada. Han descreve o *homo digitalis*, um alguém anônimo que preserva sua identidade privada, autoabsorto e movido por reações afetivas instantâneas, vive seu perfil como um show do eu<sup>34</sup>, um espetáculo de si – aos moldes do *Show de Truman*, em que o indivíduo é produtor e consumidor de si próprio.

A desmetiatização deteriora a política. A presença como antagonismo da representação é uma ameaça à democracia representativa, em que os representantes políticos se apresentam como barreiras e não como transmissores (HAN, 2013, p.37). A exigência de participação e transparência é vista por um olhar pessimista que produz massificação, vulgaridade e conformismo. A política é um agir para o futuro, a temporalidade da transparência é o presente.

A transparência está sob o domínio da psicopolítica. Cria o panóptico digital em que o novo soberano é quem consegue provocar o ruído e não mais outorgar o silêncio. A psicopolítica exerce o seu poder sobre a psique da população; consegue, por meio da vigilância digital, ler e controlar os pensamentos (HAN, 2013, p. 130). O panóptico digital reconstrói a topologia da vigilância, substitui a centralidade do olho do Big Brother por uma multiplicidade de câmeras, mapeamento de sinais, logins, cliques, postagens, curtidas, conexões. As câmeras de vigilância estão em todos os ambiente (públicos e domésticos) e são manipuladas pelos próprios indivíduos que se bem dispõem a fornecer todos os dados de suas vidas. Para Han, o panóptico digital não diz mais respeito a uma sociedade disciplinar como descrita por Michel Foucault – de uma biopolítica que controla os corpos e exerce seu poder sobre os processos biológicos; ele diz respeito à sociedade da transparência e de uma

---

<sup>34</sup> Referência à obra de Paula Sibilia, *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo* (2008), que não foi trabalhada de forma direta na revisão final deste texto, mas foi utilizada como referência bibliográfica de suma importância na pesquisa para a compreensão da sociedade digital e das novas formas de interação social e de vivência da vida íntima na contemporaneidade.

psicopolítica – que exerce seu poder sobre a psiquê e controla os processos inconscientes.

O psicopoder é mais eficiente do que o biopoder na medida em que vigia, controla e influencia o ser humano não de fora, mas sim a partir de dentro. (HAN, 2013, p.134)

Numa posição contrária à de Antonio Negri e Michael Hardt, que enxergam a possibilidade de que a multidão<sup>35</sup>, como agente político, emerge das massas subjugadas sob o domínio do capital no que denominam Império, Han não vê na sociedade digital esta possibilidade. A sociedade digital não produz a Multidão, apenas solidão (HAN, 2013).

As formações coletivas não são como as massas de Le Bon, que sob o contexto dos levantes populares na Revolução Francesa via as massas como uma formação de muitos que coloca em risco relações de poder e soberania estabelecidos, capaz de possuir uma voz e de produzir ação (HAN, 2013). As formações coletivas digitais não possuem uma psique coletiva (alma ou espírito) que emerge pela identificação do desejo – não são desejanter, como postula Hardt e Negri.

A formação coletiva na sociedade digital é o enxame. Um aglomerado de singularidades que não se desfazem sob a coletividade. No enxame não há unificação sob uma psique coletiva, os indivíduos mantêm sua constituição psíquica e não se tornam um autômato, não estão sob a força da sugestionabilidade coletiva. Para Han, no enxame, o indivíduo permanece um alguém anônimo. Que, por mais que aja pelo anonimato, não perde sua identidade privada, está permanentemente logado no seu perfil – produzindo e reproduzindo a si mesmo, mesmo quando parte do enxame.

O aglomerado digital não conjuga um Nós – uma comunidade de reserva, como diz José de Souza Martins. Não é coerente, não possui um espírito, voz. É volátil, efêmero e instável. Não pode produzir energia política e nem gerar ação. Apenas produz barulho.

O *shitstorm* é o movimento característico do enxame. São os chamados linchamentos digitais, um onda de agressões, detrações e perseguições do enxame aos perfis de pessoas específicas motivados por polêmicas que geram indignações momentâneas. Para Han, o *shitstorm* é apenas barulho e designa exatamente a sua tradução literal da língua inglesa (tempestade de merda). Não é uma ação política, não coloca em questão as relações de poder – ele volta os afetos irascíveis do enxame para pessoas individuais e, assim como o aglomerado, é efêmero, instável e incoerente. (HAN, 2013). Está na esfera do privado, do

---

<sup>35</sup> Autores de *Império e Multidão*, possuem uma visão mais otimista e utópica sobre a Multidão como um agente político que pode emergir das massas, consideradas como desejanter, contra as novas formas de soberania. Aqui, interpreto como principal discordância entre os autores e Byung-Chul Han o fato de que para o último a sociedade do cansaço aniquila o desejo.

apelo por transparência e do imediatismo. Não na ordem do político.

Byung-Chul Han e Evgeny Morozov estão de acordo, a ascensão dos dados emerge sobre a morte da política. O extrativismo de dados fornece uma quantidade infinda de informações sobre a psique e o comportamento humano que torna possível o acesso ao inconsciente da população e o controle sobre padrões de comportamentos sociais. O discurso político como um diálogo sobre o viver juntos, sobre a ética social, a construção do público, está superado.

A própria teoria está obsoleta. O exercício teórico tornou-se desnecessário, a profundidade dos dados fornecidos pela Big Data torna dispensável a interpretação – não há lacunas. Há um protocolamento total da vida. O extrativismo digital fornece conteúdo suficiente sobre o que se é, o que se quer, como agem e pensam. Não há mais a necessidade do porquê. O dado é um registro desnudo da realidade que não necessita ser traduzido, compreendido.

Se há um ambiente em que é possível mensurar o tamanho dantesco do ódio como fenômeno e sua crescente disseminação é no espaço virtual. Os números acima mencionados sobre a quantidade de postagens e perfis banidos das plataformas de mídia, e o fato de que esses ambientes permanecem impregnados de discursos de ódio, dão uma dimensão de como o ódio faz das redes um espaço privilegiado para sua disseminação. A ONG SaferNet, em operação no Brasil desde 2006, computou em sua central de denúncia de crimes cibernéticos a marca de 2.263.060 denúncias relacionadas a crimes de ódio e incitação à violência contra grupos específicos. Deste montante, 28% correspondem a racismo (SAFERLAB, 2020). Foram aproximadamente 115 mil páginas removidas da web por praticarem crime de ódio, número que se refere apenas ao Brasil.

O Ódio Coletivo no século XXI é um fenômeno da sociedade digital. O que não significa que seja um fenômeno digital, ou seja, uma prática ou discurso exclusivo do ambiente virtual ou causado por ele.

Como explicitado por Gluksmann, o ódio possui existência própria e é autorreferencial. Não é um produto das redes, um ruído da comunicação digital, é um fenômeno em si. Como também não é a causa de fenômenos digitais como as *fakenews* e as *shitstorms*. O que há é uma afinidade eletiva entre as características da comunicação digital e seu apelo por transparência e aspectos do ódio que fazem de sua associação um solo fértil para ambos. O ódio vende mais que a solidariedade (MOROZOV, 2018), os afetos enfiados e raivosos aceleram a comunicação digital, a propagação do discurso de ódio cria engajamento e gera cliques: gera lucro.

Pode-se apontar alguns pontos nevrálgicos da combinação entre a comunicação digital e o ódio coletivo: a capacidade viral das redes e de contágio do ódio, a sociedade da indignação e do espetáculo com a mecânica persecutória, o exame digital e a formação de turbas, a construção de bolhas digitais e dos inimigos. Tanto o *Homo Digitalis* quanto o Lobo Carniceiro se constituem em vivências fechadas em si mesmo, e tomam a realidade como um espelho narcísico.

As redes são bioma propício para o vírus do ódio. As janelas (*Windows*) que se abrem para outras janelas não possuem intermediação, física ou ética. A comunicação digital constitui a geografia do espaço em favor da velocidade e capacidade de disseminação da informação, a linguagem algorítmica é uma língua sem fronteiras. Possibilita que posts, memes, vídeos tornem-se virais e espalhem-se rapidamente. Essa capacidade viral da internet faz casamento perfeito com a natureza contagiante da irascibilidade coletiva.

O ódio fala a língua algorítmica. Os algoritmos achatam a linguagem humana em operações primordiais, simplórias, universais: é *memética*. A internet é o reino dos memes – unidades de informação que se autopropagam, com alto poder contagiante e viral. Todo o sistema de programação opera para acionar operações cerebrais atencionais e inconscientes, desligando o senso crítico e criando o espaço virtual sob o signo da transparência, opera pela transferência (viral) de informação e replicando comportamentos. A linguagem digital é adâmica, fez da internet uma Torre de Babel em que o céu é o limite e todos podem brincar de deus.

Opera por imagens, fragmenta mensagens em unidades mínimas de informação, privilegia a relação percepção/ação na lógica visualização/clique, achatando a realidade. Promove a conexão de estados afetivos de forma imediata, espelhada, ondulatória e expansiva. Sua capacidade viral imbatível adere ao movimento autopropulsor do ódio em seu trabalho incessante sobre si mesmo (GLUCKSMANN, 2014). Por outro lado, a *Big Tech* também opera por autopropulsão, num trabalho incessante de produção e ampliação de si mesma. E o Ódio, primordial, simplório e universal, também é um meme: uma unidade de informação com alto poder contagiante e viral.

A língua algorítmica e o discurso do ódio usam um ao outro como ferramenta para seus propósitos de expansão. Por isso, medidas de coerção ao conteúdo de ódio nas redes se mostram tão canhestras. Elas procuram criar mecanismos para cercear a própria natureza do mundo digital enquanto o ódio amplia sua capacidade expansiva. Retirar conteúdos virais é uma medida autodestrutiva.

O *homo digitalis* é, assim como o *homo violens*, um homem-contra. Seu estado afetivo

é a indignação, força que mobiliza os afetos coletivos nas mídias digitais. Reação imediatista, explosiva, irascível e contagante que incita o comportamento mais importante nas plataformas: o engajamento. É o usuário engajado que clica, compartilha e promove conteúdos virais. Nada produz mais engajamento do que um consumidor indignado.

Os revoltados online precisam sempre voltar-se contra algo ou alguém. É o indivíduo da difamação: persecutor, acusatório, emputecido. Como o Lobo Carniceiro, é um detrator, difamador, um tagarela que produz uma narrativa incessante e apaixonada sobre a indignidade do outro. A cultura do desrespeito e do espétcaulo das mídias digitais promove a prática da difamação, viraliza as narrativas do ódio. Acolara os ânimos, promove as polêmicas e incita a violência: tudo o que contagia é positivo. Expande e enriquece o setor do extrativismo digital das empresas de tecnologia.

As *shitstorms* são uma prática coletiva típica do ódio no século XXI. Efêmeras, voláteis, intangíveis. Ausentes de corpo e de voz. São práticas persecutórias que não operam qualquer expiação, simulacros de mecanismos expiatórios. O ódio opera nas redes sociais criando e propagando tempestades de merda. Seduzindo e agregando perfis em seu movimento, usando afetos para sua promoção. Quanto maior a polêmica sobre o acontecimento que a gera, quanto mais inflamados e mais numerosos os seus detonadores, maior a potência e repercussão do movimento.

A reação em cadeia dos afetos inflamados formam Ondas de Ódio, termo que se mostra bastante pertinente. Como no ato de atirar pedra em um lago, a configuração do fenômeno nas redes revela que a mecânica do contágio opera por um movimento ondulatório. A partir de um epicentro, uma perturbação inicial, ele se propaga por expansão num movimento ondulatório. Este epicentro, no caso, é um perfil ou página cuja publicação age como gatilho para a comoção coletiva e sua reação em massa. Thiago Tavares, presidente da SaferNet, explica que um perfil detonador é um usuário que assume a dianteira e inaugura a sequência de ódio.

Exemplos dignos de nota são os perfis de Donald Trump e Jair Bolsonaro. Bolsonaro já exercia o papel de perturbação virtual desde 2011, cujas declarações homofóbicas, misóginas e racistas já promoviam ondas de ódio e agravavam a violência dos ataques virtuais no Twitter<sup>36</sup>. Muito antes das eleições de 2018, Jair Bolsonaro já aparece como uma figura que encoraja e provoca epicentros de violência nas redes. A ação de perfis detonadores opera sobre pontos sensíveis da opinião pública, muitas vezes de forma deliberada e coordenada. No

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/safernet-bolsonaro-agravou-violencia-de-ataques-no-twitter.html>. Acesso em: 08/04/2016.

Brasil, a ação dos grupos de oposição ao governo do PT que emergiram a partir de 2014 (Revoltados Online, Nas Ruas, Movimento Brasil Livre, entre outros) demonstram como os afetos digitais podem ser provocados e manipulados em favor de agendas políticas.

Os acontecimentos políticos, tanto no Brasil como no exterior, principalmente nos EUA – em que recentemente alimentado pelos *tweets* de Donald Trump, um grupo terrorista invadiu o capitólio numa tentativa de golpe –, revelam que o enxame digital é uma fonte potente de energia que se não é, em si mesma, política ou constituinte de uma massa política, pode ser utilizada para tal fim por aqueles que conseguem mobilizar o barulho na direção de seus objetivos. As *fakenews* são a principal manobra que esses agentes utilizam para manipular o enxame.

Mentira, boato, fofoca, detração, não são novidades trazidas pela sociedade digital. A internet não criou a prática humana de inventar lorotas, difamar pessoas ou de criar fatos falsos que se adequem a interesses e desejos pessoais. Segundo Morozov (2018), a novidade da internet na problemática das *fakenews* é a velocidade e facilidade de disseminação que elas ganharam pela comunicação digital e, principalmente, o fato de que são altamente rentáveis para as empresas da *Big Tech*, “produzir e compartilhar narrativas falsas atraem cliques” (MOROZOV, 2018, p.184) – e cliques geram lucro.

Morozov vê as *fakenews* como um subproduto do capital digital, um resíduo do extrativismo de dados, assim como a poluição é um resíduo da mineração. O maior empecilho para barra-lás é o fato de que geram dinheiro. Nada atrai mais cliques do que mentiras que recontam a realidade de uma forma que agrada o indivíduo e favoreça seus interesses. São fabricadas com o objetivo de inflamar os afetos do *Homo Digitalis*, atrair seu olhar com seu caráter apelativo.

O documentário *Fake News - Baseado em Fatos Reais* (2017), dirigido por André Fran, fez uma viagem ao epicentro das ondas de *fakenews* nas eleições presidenciais norte-americanas: a pequena cidade de Veles, na Macedônia, onde habitavam os donos dos primeiros perfis que criaram as mentiras digitais que influenciaram o eleitorado em 2016. Os jornalistas se encontraram com jovens numa cidade sem oportunidades de trabalho e perspectivas de futuro, que encontraram na plataforma do Google AdSense uma oportunidade de ganhar dinheiro para poder pagar o estudo universitário.

As *fakenews* criadas para difamar Hillary Clinton foram artifício para atrair cliques em seus sites e assim converteram-se em uma fonte de renda. Os meninos da Macedônia não possuíam motivação política, mas financeira. Ao indagar um dos rapazes, fabricante de mentiras digitais, o porquê da escolha difamatória sobre Hillary, a resposta foi bem direta: os

eleitores de Trump eram mais suscetíveis e geravam mais cliques. Não foram as *fakenews* que criaram o público, foi o público que determinou as *fakenews*.

O papel subjacente dos dados é o operador oculto da engrenagem algorítmica (MOZOROV, 2018). As escolhas e previsões algorítmicas são fundamentadas nos dados produzidos pelos usuários ou previamente incluídos na inteligência artificial, são dados históricos que refletem as desigualdades sociais e os interesses políticos. O consenso algorítmico reproduz o mundo do desequilíbrio e o império do capital. O problema fundamental das *fakenews* pontuado por Morozov é a substituição da moralidade pela lógica do mercado, questão que fica oculta na discussão do problema. O debate sobre as mentiras digitais, apontadas como grandes destruidoras da democracia liberal, não atinge as origens econômicas do problema e a “corrupção inerente à expertise profissional” (MOROZOV, 2018, p.183).

Giuliano Da Empoli, em *Os Engenheiros do Caos* (2020), aborda como técnicas de propaganda de massa no mundo digital estão sendo elaboradas como estratégias para influenciar eleições e eleger legendas populistas e de extrema direita. Eleições e agendas coordenadas por marqueteiros digitais que combinam comunicação digital, algoritmos, *fakenews*, teorias da conspiração, difamação, medo e ódio.

Os engenheiros do caos reinventam a propaganda adaptada à era das *selfies*, *likes* e compartilhamentos. O fazem pela manipulação da cólera e dos afetos inflamados que comandam a rede. Por meio de estratégias bem definidas de disparos massivos de publicações construídas com o objetivo de criar narrativas específicas para os fatos – entortando-os de acordo com suas ideologias, criando mentiras deliberadas para difamar reputações e obscurecer a realidade.

Suas narrativas conseguem direcionar a cólera do enxame virtual, espalhar consenso sobre visões de mundo e direcionar o sentimento de ressentimento, desprezo e desconfiança sobre os intermediários (políticos tradicionais, jornalistas, especialistas, cientistas, etc...) para a sensação de transparência, acesso imediato às informações. Por meio do caos, do medo e do ódio criam uma uniformidade – não pelo consenso, mas pelo extremismo e irracionalidade. Os engenheiros do caos operam fomentando turbas e direcionando sua mobilização afetiva por meio de propaganda digital manipulada.

Empoli emprega o termo tecnopopulismo<sup>37</sup> para designar esse sistema que articula manipulação da opinião pública, e da massa digital de indivíduos frustrados e isolados, por

---

<sup>37</sup> O termo tecnopopulismo apareceu na década de 1990 e fazia referência ao surgimento de partidos políticos antissistema num contexto de expansão e desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento da internet. Uma das

meio do algoritmo e da Big Data, fomentando a cólera e o extremismo. Ao invés de criar consenso em torno de uma ideologia, operam criando o caos e o dissenso para fomentar o Ódio e manipular o engajamento digital.

Utilizam a comunicação digital e compreenderam os jogos de poder que lhe são inerentes. Valem-se do apelo por transparência e individualismo produzindo figuras políticas que se vendem como autênticas, diretas, que usam uma linguagem simples e geram memes. Privilegiam valores e concepções de mundo em detrimento do conhecimento e do pensamento crítico. Forjam uma política sem médium, sem o caráter público.

Han afirma que o enxame digital não possui voz e é incapaz de produzir uma energia política. Os engenheiros do tecnopopulismo criam técnicas para utilizar de seus afetos e do engajamento das massas narcísicas (como as chama Empoli) amorfas e apolíticas. Não poderiam ter obtido sucesso se não operassem também em favor do fluxo do capital, gerassem lucro e fossem patrocinados por grandes empresários.

Outro documentário da Netflix, *Privacidade Hackeada* (2019), conta a história do escândalo envolvendo a empresa Cambridge Analytica e o uso de dados do Facebook nos limites da legalidade. Empresa que teve por vice-presidente Steve Bannon, ex-assessor e estrategista de Donald Trump apontado por Giuliano Da Empoli como um dos engenheiros do caos. O documentário apresenta como ele usou dados pessoais de usuários do Facebook, que deveriam ser privados, e foram captados, estudados e utilizados em estratégias para influenciar eleitores nos EUA e Inglaterra, colaborando para a eleição de Trump e para a votação do Brexit. É uma imersão (sobre o panorama de uma das personalidades mais polêmicas envolvidas no caso – Brittany Kaiser) de tecnopopulismo. Como suas técnicas conseguem, ou dizem conseguir, classificar entre os usuários categorias como “os persuasíveis”, aqueles que ainda não decidiram em quem votar em qualquer eleição, e criar propagandas específicas sobre seus perfis psicológicos, entupindo-os de *fakenews*, para fazê-los votar de acordo com o interesse políticos de seus contratantes.

No Brasil, a proliferação dessas técnicas com o uso de notícias falsas é impressionante. Apenas durante o mês de agosto de 2018, as dez notícias falsas mais populares checadas pela Agência Lupa obtiveram 865 mil compartilhamentos só no Facebook. A Máquina do Ódio é eficiente pelas técnicas apuradas da psicopolítica, que produz conteúdo de acordo com o anseio do indivíduo obtido pelo monitoramento de seu

---

primeiras abordagens do termo foi apresentada por Arthur Lipow e Patrick Seyd em “Political parties and the challenge to democracy from steam-engines to tecno-populism” in: *New Political Science* 17, n.2. 1995. (Os partidos políticos e o desafio para a democracia: da máquina a vapor ao tecnopopulismo).

comportamento. Mas sua eficiência e a dificuldade de combatê-la também se deve ao seu tamanho dantesco.

No final de semana em que ocorreu o segundo turno das eleições de 2018, uma coalizão de plataformas de checagem de fatos com mais de cinquenta profissionais (#CheckBR), articulou-se em conjunto com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para monitorar a presença de *fakenews* nas redes sociais na tentativa de evitar que boatos atrapalhassem o processo eleitoral. Nas 48 horas de monitoramento, a iniciativa conseguiu detectar 50 conteúdos suspeitos nas redes, verificá-los e classificá-los como falsos. Isso significou a média de uma *fakenews* por hora lançada nas redes apenas naquele final de semana – que puderam ser encontradas pelo grupo (TARDÁGUILA, 2018).

Durante o período eleitoral, a notícia mentirosa com mais número de compartilhamentos nas redes sociais – que mostrava uma urna eletrônica completando automaticamente o voto para Fernando Haddad (PT) – foi compartilhada ao menos 732 mil vezes de acordo com a agência de checagem Aos Fatos (MELLO, 2020). O fato de o senador Flávio Bolsonaro tê-la republicado em seu perfil no Twitter favoreceu o impulsionamento da mentira que fomentava a narrativa de que as urnas eletrônicas não são seguras, de fraude eleitoral e de conspiração difundida por Jair Bolsonaro.

O mundo do espetáculo funciona por apelo, exagero e o barulho. É o que as *fakenews* promovem com seu apelo sedutor por cliques e compartilhamentos, o chamado *call to action*<sup>38</sup> que gera mais e mais barulho. A viralidade, indignação, *fakenews* são todos componentes que operam pela lógica do mercado de extrativismo de dados. Elas facilitam e fomentam o mercado da livre circulação de dados, apontado pelo autor como a nova forma da livre circulação de riquezas.

A virada de poder para a esfera privada que a comunicação digital opera é um modelo de negócio baseado no clique. Tudo é transformado em dado e informação. Nesse contexto, “a verdade é qualquer coisa que atraia muitos olhares” (MOROZOV, 2018, p.186) e cliques. As mentiras digitais seduzem o *homo digitalis* indignado. Os afetos inflamados, a raiva e o próprio estado de consciência diminuído num ambiente de excesso de informação o tornam suscetíveis às *fakenews*.

Enquanto Morozov se volta para os interesses econômicos do negócio do dado e do imenso poder que as corporações privadas possuem hoje na sociedade, Byung-Chu Han

---

<sup>38</sup> *Call to action*, cuja tradução literal é “chamada para ação” e é usado pela sigla CTA, são pedidos diretos ou implícitos nas publicações virtuais que pedem aos seguidores para curtir, comentar, compartilhar, salvar... Ou seja, solicita dos seguidores e amigos virtuais o engajamento.

ênfatiza as estruturas sociais e psíquicas que emergem desse sistema de total privatização da vida e perecimento do público – terreno em que a ideia de liberdade como um serviço e o cidadão como um consumidor apenas se fortalece.

A cultura narcisista e a chamada cultura do ódio sustentam uma à outra e ambas relacionam-se diretamente com a ausência de uma reflexão crítica e ética sobre a sociedade digital. A suposta imparcialidade e democratização da internet que Morozov chama de ideologia utópica da internet como um espaço da liberdade e da autonomia é contestada pelos estudos que analisam o comportamento dos usuários na rede.

A lógica dos algoritmos nas redes, com o objetivo de prender o usuário o maior tempo possível nas plataformas e de atravessar todas as suas atividades com seus serviços, opera personalizando o conteúdo acessado pelo usuário a partir das suas próprias atividades online para tornar o ambiente digital cada vez mais aprazível, personaliza, individualiza às suas necessidades. Para promover cliques e interação, as ferramentas de busca e as *timelines* são programadas para oferecer ao usuário conteúdos de sua preferência. Isso significa que ele verá, cada vez mais, mais do mesmo. Melhor dizendo, ele verá cada vez mais, de si mesmo: o chamado filtro bolha.

Um mecanismo intrínseco à rede que reforça a noção de ilha narcísica trazida por Han. As páginas que aparecem no perfil do usuário (sua *timeline*) não são um registro em tempo real dos acontecimentos e notícias do mundo digital, como um jornal ou revista de televisão que funcionaria ao vivo. São um recorte de assuntos, notícias, falas e perfis adequados às preferências e interesses do usuário, uma imagem da realidade construída com base no perfil psicológico que os algoritmos fazem de seus dados. O mundo digital acessado pelo indivíduo é sempre um retrato de sua visão do mundo. Ao fazer o login, o usuário sempre acessa uma realidade que conhece e com a qual concorda. As *windows* são espelhos.

Um estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) investigou como temas sensíveis polêmicos do público são debatidos nas mídias digitais (ZUCKERMAN, 2017). Os resultados mostram que os usuários tendem a buscar visões que corroborem e reforcem as suas opiniões pré-estabelecidas, conectando-se e interagindo com perfis que possuam ideias compatíveis às suas. A interação na rede entre os usuários cria bolhas ideológicas, mantendo nos círculos de amigos e seguidores notícias de fontes seletivas que reforçam sua visão de mundo. As chamadas câmaras de eco.

Apesar da diversidade imensa de conteúdo e informação disponível na internet ao toque do dedo, a comunicação digital tem operado de forma segregacionista, criando grupos fechados em si mesmo, afastando do alcance das telas a diversidade, a alteridade e o

contraste. Intensificam a polarização do diálogo (como no contexto político brasileiro dos últimos anos), retiram a ambiguidade da realidade, alimentam a desconfiança das mídias tradicionais (consideradas interlocutores não isentos e manipuladores).

O efeito bolha das redes sociais cria comunidades fechadas, com baixo senso crítico e tomados pelo consenso. Aquele que diverge de mim é logo excluído, bloqueado ou cancelado. Seja pelo usuário, seja pelo filtro do algoritmo. A sociedade digital levou Freud ao pé da letra, é regida pelo princípio de prazer e afasta com aptidão as investidas desilusórias da realidade.

O totalitarismo do igual rege a comunidade digital, que reforça o narcisismo e enfraquece a cada dia o senso comunitário e do público, o diálogo e o respeito. Ela é um bioma propício ao Ódio – conectando afetos miméticos e potencializando sua capacidade de construir o mundo a sua imagem e semelhança.

Não precisa muito esforço para ver a relação entre as bolhas digitais e a formação das turbas. Fechados em suas câmaras de eco, constantemente inflamados pela indignação, seduzidos por mentiras e chamados para a ação, as redes de conexão virtuais passam facilmente de bolha digitais para turbas digitais e colocam em movimento ondas de ódio.

O grupo fechado entre pessoas com os mesmos interesses e visão de mundo reforça ideias pré-concebidas, preconceitos e naturalizam opiniões extremadas. O indivíduo fechado em si tem sua capacidade crítica reduzida e seus preconceitos reforçados. Ao encontrar o respaldo da *timeline*, o comportamento agressivo e persecutório é acionado e reforçado. O *Homo Digitalis* é um primata territorialista que se defende com extrema violência.

O jornalista brasileiro Diógenes Muniz fez uma imersão num grupo de WhatsApp de apoiadores de Jair Bolsonaro. Durante os 20 dias em que permaneceu como membro do grupo, ele constatou a alta violência das publicações, com discursos homofóbicos, misóginos e racistas, que tinham por alvo geral os “esquerdalhas”. Muniz ficou impressionado com a forte coesão do grupo. Entre as mensagens compartilhadas e as postagens não havia quase discordância. Os “esquerdalhas” acabavam englobando todas as pessoas que tinham discursos que se contrapunham ao do grupo. Ao entrevistar alguns de seus membros, mostravam um sentimento de hostilidade que sentiam em outros espaços sociais (família, trabalho, universidade), sofrendo por não serem julgados por suas opiniões política. A posição de vítima reforçava a imagem heróica de Jair Bolsonaro que era como eles.

Pesquisadores da Universidade de Warwick, na Inglaterra, fizeram um estudo que mapeou a relação entre o uso do Facebook e crimes de ódio cometidos em municípios da Alemanha. O levantamento, ocorrido entre 2015 e 2017, comprovou que há uma relação entre o uso elevado do Facebook e a prática de ataques e manifestações públicas contra refugiados.

Para cada grau acima da média no uso da plataforma por pessoa, o número de violência a refugiados era maior que 50%. Os pesquisadores afirmam terem demonstrado que o sentimento de desprezo pelos refugiados no Facebook prediz crimes violentos contra estes em municípios com alto uso de rede social (MÜLLER; SCHWARZ, 2020). Há uma relação direta entre as *hashtags* do mundo digital e os crimes de ódio no mundo físico.

Brian Levin, diretor do Centro para Estudo do Ódio e Extremismo da Universidade da Califórnia, em estudo sobre o impacto que o discurso dos líderes políticos possui em crimes de ódio, aponta que os discursos e declarações de Donald Trump promoveram aumento significativo nos índices de crimes motivados por raça e etnia nos EUA (BULLA, 2018). A eleição de Trump com sua narrativa preconceituosa oficializa a irascibilidade, torna aceitável e fornece uma carta branca para a ação de grupos extremados.

Os engenheiros do caos e o tecnopopulismo não estão apenas elevando o número de eleitores para suas agendas políticas, mas o número de crimes e de vítimas que estas plataformas utilizam como bodes expiatórios. Estes estudos ainda iniciais sobre o impacto das redes e do ódio nas redes sobre a sociedade embasam a denúncia de Morozov sobre a total ausência de debate sobre ética e moral nas empresas da Big Tech, que procuram se valer do discurso de que são empresas de tecnologia e não de mídia (MELLO, 2020) e não possuem responsabilidade direta sobre os conteúdos que jorram em suas plataformas – como também do sangue.

A problemática das *fakenews* escancara a relação do Ódio com o capital. As *fakenews* transformam a indignação digital num produto que pode ser consumido ao toque do dedo. As mentiras digitais vendem ao usuário suas fantasias e fazem girar a livre circulação de riqueza. O discurso do ódio se alimenta das *fakenews* ao mesmo tempo que fomenta o mercado de extração de dados. Usa as *fakenews* como verdades alternativas da ilha narcísica do usuário, disfarçando o que de fato são: mentiras. O ódio que clama o mundo da pós-verdade, no qual emerge como única verdade.

“Para o ódio não existem fatos, apenas interpretações” (GLUCKSMANN, 2004, p. 83). Ele nunca está errado, qualquer adversidade ou contraposição em seu caminho são absorvidos por teorias conspiratórias que comprovam sua assertividade. O ódio tem sempre razão. Mesmo suas perdas asseveram sua verossimilidade. Vestido de suas certezas “o ódio ataca e só presta contas a si mesmo” (idem).

Glucksmann afirma que o ódio é a arte de conservar e nutrir uma cólera através da organização discursiva. A narrativa do ódio constrói o mundo a sua imagem e semelhança. Um mundo sem dúvidas, ambiguidades, de certezas sem hiatos. Uma narrativa infinda de

histórias “que jogam num abismo, onde tudo desaparece” (GLUCKSMANN, 2004, p.55). As *fakenews* são também a arte de contar histórias que nutrem ira.

A disseminação desenfreada, a dificuldade de desmenti-las e a interferência que alcançam no real demonstram como a sociedade digital atingiu níveis elevados de narcisificação da percepção e de corrosão da comunidade. Não há discurso comunitário com voz suficiente para se elevar sobre o ruído do enxame virtual. A combinação dos dois elementos torna mais claro que os fenômenos são consequências de uma problemática mais profunda da sociedade, de um mal-estar estrutural e de uma desfragmentação aguda do corpo social.

As mentiras digitais dão vazão à tagarelice difamatória do homem-contra, produzem repertório para sua virulência persecutória fundamentada em teorias conspiratórias. Tornam-se ferramentas para a construção dos inimigos e sua culpabilidade. Na versão digital da fábula do Cão, ele diria à Ovelha: “você é culpada porque eu vi na internet” e mostraria por prova uma foto enviada pelo Lobo no grupo do WhatsApp, “Os Carniças”, que tem como membros a Hiena e o Urubu.

Se o enxame é fugaz e efêmero, assim como as turbas contemporâneas, o Ódio constitui um corpo maior, plural e volátil. Emerge sobre ondas persecutórias pontuais para se mostrar um fenômeno global, consistente e persistente. Em essência, o Ódio é a morte da política. Um fenômeno da positividade que opera pela lógica da transparência, expondo e escancarando suas vítimas. Ele emerge sobre o enxame virtual e se alimenta de sua energia e barulho. Han afirma que o soberano de hoje é aquele que controla as *shitstorms*. O Ódio é o novo soberano.

## VI.

**“É um mestre do contraste  
entre o estrondo e o silêncio,  
entre o sangue vermelho e a neve branca.  
E acima de tudo nunca o enfada  
o tema do torturador impecável  
sobre a vítima conspurcada”**

O ódio avança por toda parte confundindo e ludibriando. Sua narrativa irascível e persecutória fomenta as massas digitais, direciona a opinião pública e elege Lobos Carniceiros pelo mundo: Brasil, EUA, Turquia, Hungria, Polônia... Não por instaurar o silêncio, mas por ser o mestre do barulho. Não por proclamar a verdade, mas por propagar a mentira acusando todos que apontam suas contradições. Não por ser o arquiteto absoluto da ordem, mas comandar a engenharia do caos. O Ódio é o novo soberano.

Na última década propagaram, no Brasil, narrativas que demonizaram não apenas os eleitores do Partido dos Trabalhadores, mas todo pensamento e posição que se encontre à esquerda da extrema direita. Ascendeu ao poder, de forma legítima e democrática, uma agenda política promovida por discurso de ódio e pelo combate aos inimigos do povo. Com uso estratégico e político do Ódio, Jair Bolsonaro – que em 2014 era para muitos uma piada, ou um grande absurdo – venceu as eleições de 2018, assumindo posições racistas, machistas, homofóbicas, contrárias aos princípios da dignidade e dos Direitos Humanos. Enquanto a oposição não conseguiu responder à simples questão: é fascismo?

No dia 24 de abril de 2016, durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff, que centralizava o debate sobre a noção de golpe político, o então deputado Jair Bolsonaro, ao declarar seu voto, fez a seguinte declaração:

Perderam em 64. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff.

O deputado fez apologia ao crime de tortura em plena Câmara dos Deputados, homenageou o torturador que institucionalizou a prática da tortura durante o regime militar. Mas seu ato foi mais do que isso. Dilma Rousseff foi uma das vítimas do Coronel Ustra. A fala de Bolsonaro, homenageando no ato do impeachment seu torturador, é um ato perverso. O espetáculo de crueldade e sadismo é uma perversão do rito democrático: a liberdade pela qual votou era a liberdade de torturar, ferir e matar quem considerava um inimigo; de deturpar e perverter a ordem democrática ao seu favor; de decidir a quem cabe os direitos humanos e a

quem pertence a dignidade. Bolsonaro votou pela barbárie. Munido de sua imunidade parlamentar, sua fala foi aplaudida pelos colegas partidários. Houve repúdio e protesto, mas o máximo que o atingiu foi uma cusparada<sup>39</sup>. O Conselho de Ética arquivou o processo aberto contra ele por 9 votos contra 1<sup>40</sup>.

Em entrevista à Folha de S.Paulo, o vereador Gilberto Natalini uma das vítimas de Ustra, declarou que qualquer um que defende tortura é “louco degenerado ou não pertence mais à raça humana” (NATALINI, apud TAVARES, 2019). Discordo de Natalini. Bolsonaro não estava apenas munido da imunidade parlamentar, estava munido pelo Ódio. Com Ó maiúsculo, que existe em si mesmo e habita a vida humana como uma de suas faces. Cujas práticas e discursos não podem ser designados sob o signo da loucura.

Em 2016, quando assisti à votação do processo de impeachment fomentado por massivas manifestação de ódio e pela instauração das máquinas digitais de manipulação da opinião pública, a hipótese desse trabalho era de que o Ódio Coletivo seguia estrutura do rito persecutório e o impeachment de Dilma Rousseff poderia servir como um ato simbólico de expiação. Isso não ocorreu. Os ânimos não se apaziguaram. O discurso do ódio não cessou. A candidatura de Jair Bolsonaro, mobilizada pela *Máquina do Ódio*<sup>41</sup> (MELLO, 2020), seguiu engajando.

A fala de Bolsonaro, no seu voto a favor da cassação do mandato de Dilma Rousseff, forneceu outra compreensão para o fenômeno que esta tese pretendeu elucidar: O Ódio Coletivo é perversão do rito.

A perversão ritual, a inversão da lei que opera – a ordem social – só é possível por meio da corrosão do tecido simbólico e do corpo social. Assim como no ato perverso de Bolsonaro, algumas questões indignadas se levantam. Como, investido dos aparatos democráticos, pode-se agir pela morte da democracia? Como, engendrando uma estrutura coletiva, pode-se agir pela morte do corpo social?

O Lobo Carniceiro não age escondido em tocas ou na calada da noite, ele avança e abate os cordeiros em praça pública e em plena luz do dia. É assim que o Ódio age para criar

---

<sup>39</sup> O então deputado Jean Wyllys deu uma cusparada em Jair Bolsonaro no ato de votação do impeachment. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/17/jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-e-diz-que-faria-de-novo.htm>. Acessado em: 20/01/2021.

<sup>40</sup> O Conselho de Ética da Câmara decidiu que o deputado não havia quebrado o decoro parlamentar. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/conselho-de-etica-arquiva-processo-de-bolsonaro-por-homenagem-ustra.html>. Acessado em: 20/01/2021.

<sup>41</sup> Obra da jornalista Patrícia Campos Mello (2020) que narra sua trajetória na execução das reportagens em que denunciou o uso eleitoral de agências de publicidade para propagar campanhas difamatórias na internet e mobilizar o eleitorado e como ela própria se tornou um dos alvos do Gabinete do Ódio após suas reportagens. A obra será debatida com maior profundidade ao longo do texto.

o cenário de horror descrito por André Glucksmann como Nefas, munido de um artifício que Hanna Arendt observou e relatou de forma detalha quando cobriu o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém (ARENDR, 1963): a banalidade.

Arendt utiliza o termo banalidade do mal para designar como um crime contra a humanidade sem precedente, o horror do extermínio sistemático de milhares de pessoas, não tenha sido fruto de um ato sanguinário movido pelo ódio, mas engendrado por uma imensa máquina burocrática estatal e executado por cada uma das mãos que a mantiveram em movimento. A engrenagem do Estado da Morte comandado pelo Nazismo operou o mal até sua banalidade: decisões, comandos, tratados, ações cotidianas, administrativas.

Em nome da burocracia estatal e da obediência a ordens, Adolf Eichmann reclamava sua inocência. Ele não era um monstro odiador de judeus, que orquestrou o extermínio em massa. Mas um homem ordinário, com capacidades medianas e de pouco sucesso na vida até que tornar-se membro da SS. O que lhe permitiu atingir suas ambições de ascensão por uma faculdade primordial: sabia seguir ordens. Segundo o próprio Eichmann, ele só poderia ser acusado de ajudar e assistir à aniquilação dos judeus, um dos maiores crimes da história da Humanidade (ARENDR, 1963).

É ao argumento de sua defesa, de que nunca havia cometido nenhum ato aberto, nem praticado nenhum crime com suas próprias mãos, de que era uma peça na engrenagem e por isso não poderia ser responsabilizado pelo crime dos outros, que Arendt compreende o elemento mais importante do caso Eichmann: a responsabilidade coletiva não exime a individual. Esse também é o ponto que seus críticos tiveram dificuldade de compreender.

O elemento inerente à banalidade do mal é a coletividade, seu caráter massivo. Um crime daquela dimensão, o horror totalitário só pode se efetuar por estar assolado numa coletividade, por uma multiplicidade de braços, mãos, pés e mentes. Ao mesmo tempo que lhe confere um caráter banal, é o resultado da psique de massa, dá ao indivíduo a sensação de invencibilidade, de irresponsabilidade, libera suas ações e pensamentos da culpabilidade do questionamento crítico moral.

Com a noção banalidade do mal, Arendt não argumenta pela inocência ou irresponsabilidade, afirma exatamente o oposto, afirma e expõe o aspecto mais perigoso da psique de massa sobre a qual regimes fascistas e totalitários emergem e instauram seu Estado e praticam políticas de assassinatos em massa: conferir-lhe um verniz de legalidade. Eichmann alegou sua inocência apelando para a natureza coletiva dos crimes. Hannah Arendt insiste na natureza coletiva para alegar sua culpabilidade. “O que você quis dizer foi que onde

todos, ou quase todos, são culpados, ninguém é culpado”, isso não é verdade, “em política, obediência e apoio são a mesma coisa” (ARENDET, 1963, p.302).

O caráter massivo também é inerente à banalidade do ódio. Seu discurso ecoa pelas redes e bolhas digitais, deturpando fatos, inventando mentiras, criando bodes expiatórios e testando a realidade até o limite. O Ódio coletivo é um fenômeno massivo, o volume dantesco com que suas narrativas são compartilhadas e suas falsidades pronunciadas tornam a violência cotidiana, corriqueira. Os atos de perversão e os crimes que realiza são abafados pela banalidade, perdem a capacidade de chocar. Quando alguém faz apologia à tortura na Câmara dos Deputados e outro lhe cospe na face, a opinião pública não consegue discernir a diferença entre os dois atos.

Se há uma linha que pode ser traçada para delimitar um ato como crime contra a dignidade humana, é a tortura. Anteriormente chamei o contexto brasileiro de laboratório do ódio, ele nos demonstra como este borra todas as linhas e derruba todas as fronteiras. O ódio é mestre do disfarce e aqueles que estão ao seu serviço hoje fazem apologia ao crime, incitam a violência e ferem os direitos humanos alegando estarem em pleno uso da liberdade de expressão. Sob o signo da transparência seu discurso se transveste de “minha opinião”.

Em 1995, Umberto Eco proferiu uma conferência na Universidade de Columbia, publicada pela Editora Record em *O Fascismo Eterno* (2019). Já na década de 1990, grupos de extrema direita se fortaleciam nos Estados Unidos, mostrando pungente a atualidade da luta antifascista. Sua conferência faz uma reflexão histórica do fascismo italiano para provocar uma reflexão sobre a atualidade. “Estamos aqui para recordar o que aconteceu e para declarar solenemente que eles não podem repetir o que fizeram. Mas quem são eles?” (ECO, 1995, p.21).

Quem são eles, os fascistas que nos rodam vestidos de civis, clamando por seu direito à liberdade de expressão enquanto questionam os direitos das suas vítimas expiatórias e se regozijando de terem sido eleitos democraticamente ao mesmo tempo em que clamam fraude eleitoral?

Eco faz uma apresentação sucinta e objetiva do que chama de ur-fascismo, o eterno fascismo, que está sempre presente e o diferencia de outros regimes totalitários. O fascismo foi uma ditadura que não era completamente totalitária, sua ideologia possui uma debilidade filosófica, “o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições” (ECO, 1995, p.32). Por não possuir uma essência, por abrigar contradições, é que se é possível “eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista.” (idem, p.43).

A contraditoriedade inerente ao sistema fascista é o que o faz tão ameaçador e o torna uma presença perpétua, moldável aos tempos e contextos históricos, à espreita de oportunidade de eclodir.

O Ódio e o Fascismo, mestres do contraste, operam sob a mesma lógica: tudo lhes serve para se por em movimento. As aproximações não param por aí. Umberto Eco elenca uma lista com as doze principais características do eterno fascismo e adverte:

tais características não podem ser reunidas e um único sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismos. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer que se forme uma nebulosa fascista. (ECO, 1995, p. 44).

**Culto da tradição**, em que não pode haver avanço do saber e se assegura uma verdade já anunciada. O tradicionalismo na sua busca do passado tradicional opera sincretismos e tolera contradições de modo que o novo nunca chegue. Sempre se retorna para um pensamento tradicional edfílico que opera a **recusa da modernidade**, fonte de depravação. O eterno fascismo é marcado pelo irracionalismo – a negação da razão iluminista.

Este irracionalismo, recusa do avanço do saber, é uma recusa ao próprio pensamento. “Pensar é uma castração” (idem, p.48), o fascismo valoriza a **ação pela ação**, qualquer ato reflexivo, a consciência crítica (tão valorizada pelo iluminismo) é um empecilho, um retardamento da ação. Avesso à reflexão e à crítica, percebe toda dissonância como uma afronta, todo **desacordo é traição**.

Contra dissonantes, divergentes e alteridades. Os diferentes são intrusos, ameaças. Cresce e busca o consenso utilizando e exacerbando o medo da diferença. O fascismo é **racista e xenófobo**.

Em palestra no Clube Hebraica em 2017, Jair Bolsonaro fez a seguinte declaração: “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”. Essa não foi primeira fala com claro teor racista.

No ano de 2011, numa participação no programa CQC da TV Bandeirantes, ao ser questionado pela cantora Preta Gil sobre o que pensaria se um de seus filhos se apaixonasse por uma negra, Bolsonaro afirmou: “Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu.” Posteriormente o então deputado se justificou dizendo que não havia compreendido a pergunta, achou que ao invés de uma mulher negra ela se referia a um homem.

A **obsessão da conspiração** é a sua raiz psicológica, seu nacionalismo constitui sua identidade a partir dos inimigos, que são externos e internos. As ameaças vêm de dentro e de fora. O fascista está sempre emerso na luta conspiratória de seus inimigos, que o atacam por todos os lados. Estes inimigos são sempre fortes e fracos demais. Aterrorizam, humilham, destroem a tradição e a cultura, ameaçam suas vidas, mas podem ser vencidos. A luta fascista é a luta por vencer os inimigos. Está num estado de **guerra permanente**, em que não há luta pela vida, mas vida para a luta. Todo pacifista é um inimigo.

Sua guerra permanente e vontade de poder são transportadas também para o sexo. O fascismo eterno é **Machista**. Nutre um desdém profundo pelas mulheres, homossexuais e por atividades sexuais que escapem do que dita ser o conforme.

Em 2003, em uma discussão com a deputada Maria do Rosário, Jair Bolsonaro declarou: “eu não falei que ia estuprar você, você não é estuprável”. Em 2014, numa entrevista para o Zero Hora, Bolsonaro justificou a sua agressão à deputada com a seguinte declaração: “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”. A entrevista ocorreu um dia após, em novo embate com a deputada, ele ter reafirmado sua fala no episódio. Na mesma entrevista também declarou:

Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? “Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade...” Bonito pra c..., pra c...! Quem que vai pagar a conta? O empregador. No final, ele abate no INSS, mas quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias, ou seja, ela trabalhou cinco meses em um ano.

Com seu machismo e racismo Bolsonaro procura distorcer, com desculpas e justificativas ainda mais bizarras, as suas declarações. A homofobia já lhe deixa bastante seguro e é praticada com bastante clareza. Em 2011, numa entrevista para a revista Trip, declarou: “seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo.”

Outra característica do Ur-Fascismo é o **apelo às classes médias frustradas**. Eco adverte que é na pequena burguesia que o fascismo encontrará o seu auditório, classe desvalorizada por crise econômica ou amedrontada pela pressão de grupos sociais subalternos. Desse ressentimento se tece outra característica, o **desprezo pelos fracos** – ou os que dita serem os fracos. O fascismo eterno tece um elitismo de massa, “qualquer líder

subordinado despreza seus subalternos e, por sua vez, cada um deles despreza os seus subordinados” (idem, p.53).

No Ur-Fascismo o desprezo pelos fracos se manifesta também como desprezo pela vida. Se toda força está na luta e se a vida é pela luta, há uma aspiração à morte que se traveste de **heroísmo**. O culto à morte, como valor supremo da vida para a luta, junto ao elitismo que despreza os fracos e os subalternos cria o herói ur-fascista que “espera impacientemente pela morte. Note-se, porém, que sua impaciência provoca com maior frequência a morte dos outros” (ECO, 1995, p.54).

Em novembro de 2020, num evento no Palácio do Planalto, ao comentar sobre a pandemia do Covid-19 que havia atingindo (naquele momento) a marca de 162 mil mortos, Bolsonaro declarou:

Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar (de) peito aberto, lutar. Que geração é essa nossa? A geração minha, do Milton (Ribeiro, ministro da Educação), (é) diferente, 60 anos de idade. A geração hoje em dia é toddynho, nutella, zap. É uma realidade.

**Populismo quantitativo** é o termo que Eco utiliza para designar a valorização do povo como uma entidade monolítica no nacionalismo fascista. Os indivíduos não possuem direitos, apenas o povo. Este que aparece como a única expressão da vontade comum, que é lida pela interpretação do líder e não passa de uma ficção teatral. O governo do povo é o governo da maioria, sempre apresentada como uma massa uniforme, mas também transparente. O povo é o que a voz soberana disser. Em fevereiro de 2017, num comício na Paraíba, Jair Bolsonaro declarou:

Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias.

Em abril de 2020, Jair Bolsonaro se juntou a um ato em frente ao Quartel General do Exército em Brasília, os militantes de extrema direita defendiam o fechamento do Congresso, do Supremo Tribunal Federal e a instituição do AI-5. Bolsonaro falou aos defensores do golpe de Estado<sup>42</sup>:

“Vocês estão aqui porque acreditam no Brasil. Nós não queremos negociar nada. Nós queremos é ação pelo Brasil. O que tinha de velho ficou para trás. Temos um

---

<sup>42</sup> A cobertura completa do episódio pelo UOL Notícias está disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/jair-bolsoanaro-nao-queremos-negociar-nada-manifestacao-anti-congresso.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 /10/ 2020.

novo Brasil pela frente. Todos, sem exceção têm que ser patriotas. Acabou a época da patifaria. É agora o povo no poder. Mais do que um direito, vocês têm obrigação de lutar pelo país de vocês. Contem com o seu presidente.”

“Todos no Brasil têm que entender que estão submissos à vontade do povo brasileiro.”

O eterno fascismo fala a novilíngua. Em referência à obra *1984* de George Orwell, a novilíngua é o idioma fictício utilizado pelo governo autoritário do romance. Ela se caracteriza por uma forma condensada, com remoção de palavras e seus sentidos. Eco a compara ao léxico pobre e sintaxe elementar utilizada no Nazismo, a simplicidade visa não a exigir raciocínio complexo ou alimentar o pensamento crítico. O controle da linguagem é um controle sobre o pensamento, restringindo as possibilidades de raciocínio.

“Em nosso futuro, desenha-se um populismo qualitativo de TV ou internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a voz do povo.” (ECO, 1995, p.57). Estamos no futuro desenhado por Umberto Eco. A linguagem algorítmica e a comunicação digital elevaram a capacidade de empobrecer o léxico e a sintaxe, a língua dos memes apela para os processos mais elementares do pensamento humano.

Em *Origens do Totalitarismo* (1973), Hannah Arendt enfatiza que o totalitarismo é um movimento de massas, que objetiva e consegue organizá-las. “Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados.” (ARENDR, 1973, p.453).

Concebe o surgimento da sociedade de massas a partir do colapso do sistema de classes. São constituídas de pessoas neutras e politicamente indiferentes que, devido ao número ou à indiferença, não podem integrar organizações baseadas no interesse comum (partidos, sindicatos, organizações profissionais). Faltam-lhes articulação, objetivos determinados, interesses partilhados.

São características das sociedades burguesas de consumo, cuja competitividade cria a apatia e até mesmo a hostilidade em relação à vida pública (ARENDR, 1973). São homens em total isolamento, desprovidos de relações sociais normais, que não pertencem a nenhuma esfera de vida comunitária.

A queda das paredes protetoras das classes transformou as maiorias adormecidas, que existiam por trás de todos os partidos, numa grande massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos que nada tinham em comum exceto a vaga noção de que as esperanças partidárias eram vãs; que, conseqüentemente, os mais respeitados, eloquentes e membros da comunidade eram uns néscios e que as autoridades constituídas não eram apenas perniciosas mas também obtusas e desonestas. (ARENDR, 1973, p.444)

Para Arendt é desta massa de homens insatisfeitos e desesperados que emerge a psicologia de massa do século XX sobre a qual o totalitarismo se sustentou. A massa de indivíduos isolados em sua desimportância e dispensabilidade passaram a expressar um fenômeno massivo de frustração (ARENDR, 1973).

As massas são um conjunto numérico de indivíduos isolados, atomizados, desprovidos de uma vida social comum; que não se unem por interesses comuns ou objetivos partilhados. O que dá unidade à massa é a frustração, o desolamento e o ressentimento.

É este estado de desesperança que cria o que Arendt chama de “perda radical do interesse do indivíduo em si mesmo” (1973, p.445). É essa perda que permite ao indivíduo ceder à exigência de lealdade total e irrestrita do totalitarismo. Atomizados, frustrados, sem vida comunitária e interesses comuns. Arendt descreve as condições da perda do indivíduo na identificação radical com o líder da massa ou com a ideologia vendida.

Hannah Arendt descreve como Stálin precisou liquidar as estruturas de classe e nacionalidades que barravam o caminho para o governo totalitário, era necessário produzir uma massa atomizada e amorfa. “Totalitarismo que se preza deve chegar ao ponto em que tem que acabar com a existência autônoma de qualquer atividade que seja. Mesmo que se trate de xadrez” (ARENDR, 1973, p.452). Descreve como, ao longo dos anos 1930, Stálin colocou a destituição política e articulada de todas as classes e fez uso dos expurgos para destruir todas as conexões sociais e familiares.

Na sociedade da transparência e da positividade, sob a lógica do poder, essa tarefa já está dada. Os indivíduos já estão isolados, atomizados e amorfos. Sob o totalitarismo do igual, produzindo a si mesmo em graus cada vez mais elevados de aperfeiçoamento, empoderando e construindo suas melhores versões, a noção de expurgo não faz sentido. O sujeito está fechado em si mesmo, vive na sua própria ilha narcísica.

Há uma diferença profunda entre as massas atomizadas e isoladas das origens do totalitarismo e as massas na contemporaneidade. No enxame, nos termos de Byung-Chul Han, o indivíduo não se entrega à perda radical de si mesmo, ele permanece no individualismo. OU, aos termos de Freud, não cede mão de seu narcisismo. Arendt aponta o individualismo burguês como um entrave ao totalitarismo.

Os elementos apáticos da sociedade burguesa, por mais que relutem em assumir as responsabilidades de cidadãos, mantêm intacta a sua personalidade, pelo menos porque ela lhe permite sobreviver na luta competitiva pela vida. (ARENDR, 1973, p.441).

O Ódio Coletivo não exige que o indivíduo abra mão de sua personalidade e interesses individuais. Eles lhes servem mesmo de suas ilhas narcísicas. Seu movimento opera fomentando na massa (digital ou real) múltiplas turbas difusas, fugazes. As bolhas e as câmaras de eco do comportamento narcísico da sociedade digital permitem que as ondas do Ódio se perpetuem independentemente se a massa de indivíduos atomizados e isolados opere a perda radical de si. O Ódio Coletivo se sustenta sobre uma massa de indivíduos atomizados e ensimesmados.

O tecnopopulismo e os engenheiros do caos não criaram a linguagem digital e a forma como elas impactaram as relações humanas. O apelo para a necessidade humana de reconhecimento, a capacidade viciante das doses de dopamina, o uso psicológico dos afetos narcísicos são características da “maquinaria hiperpotente das redes sociais” (EMPOLI, 2020, p.76). A manipulação dos extremismos, da cólera, da frustração, do isolamento, da sensação de reconforto dos conspiracionismos diante do mal-estar profundo que o “crescente abismo entre a mediocridade de nossa vida e de todas as vidas possíveis que se oferecem virtualmente em nossos monitores e telas de celular” (EMPOLI, 2020, p.77), para maximizar o engajamento, já estava dada.

A linguagem digital se teceu como a língua adâmica da Torre de Babel. Os novos marqueteiros do tecnopopulismo apenas aprenderam como utilizá-la para mobilizar a gigantesca energia (despolitizada e desarticulada) das turbas contemporâneas em favor de suas agendas políticas e ideológicas, não por criarem a adesão, mas por fomentarem o dissenso. Apenas compreenderam a fazer dos algoritmos os signos da *novalíngua*.

Achatam a linguagem e, com ela o pensamento crítico. Destituem verdade e mentira de seus significados. A tecnologia forneceu as ferramentas para suas táticas do “afirmar e desdizer” até que um discurso possa significar o que for preciso no momento, sem corresponder à realidade, conferir responsabilidade e parecer contraditório.

Uma das eleitoras de Bolsonaro, em entrevista à pesquisadora Esther Solano<sup>43</sup>, fez a seguinte declaração:

É que ele tem esse jeito tosco, bruto de falar, militar mesmo. Mas ele não quis dizer essas coisas. Às vezes exagera, não pensa porque vai no impulso, porque é muito honesto, muito sincero e não mede as palavras como outros políticos, sempre pensando no politicamente correto, no que a imprensa vai falar. Ele não está nem aí com o politicamente correto, diz o que pensa e ponto, mas não é homofóbico. Ele gosta dos gays. É o jeito dele. (apud SOLANO, 2018)

---

<sup>43</sup> Esther Solano publicou, em maio de 2018, os resultados de sua pesquisa em profundidade com eleitores e simpatizantes de Jair Bolsonaro. O trabalho está disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>. Acessado em: novembro de 2020.

Por fim, Umberto Eco (1995) enfatiza que, sempre que um político questionar a legitimidade do Parlamento, ou colocar em dúvida sua credibilidade frente à voz do povo, “pode-se sentir o cheiro de Ur-Fascismo” (ECO, 1995, p.58). Jair Bolsonaro coloca constantemente em dúvida a legitimidade do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, a legitimidade dos resultados eleitorais e usa constantemente acusações de fraude como forma de alimentar suas teorias conspiratórias.

Suas falas são artimanhas da engenharia do caos e táticas tecnopopulistas. São também narrativas do Ódio e posições fascistas. O caráter absurdo de algumas colocações, que chega a ser caricatural. A aparente confusão e incompetências dos governos tecnopopulistas não amenizam a seriedade da ameaça que representam para os Direitos Humanos e para a Democracia. Suas táticas servem justamente para dar uma camada de verniz sobre o Ur-Fascismo com nuvens de fumaça e patifarias.

A invasão ao capitólio norte-americano por um grupo de apoiadores mobilizados por Donald Trump, no dia em que seria ratificada a vitória de Joe Biden<sup>44</sup>, deixou bastante evidente como mesmo a maior democracia do mundo não está imune aos ataques dos novos Ur-Fascistas e de como eles foram subestimados. O mandato de Trump, mais que manchar a história da democracia norte-americana, foi um mandato que se elegeu pela táticas do tecnopopulismo e que promoveu de forma incessantes propaganda fascista. O negacionismo, a pós-verdade, os fatos alternativos, o uso das mídias sociais, o anticientificismo, a demagogia da nova política, a narrativa conspiracionista são todas táticas utilizadas e aprimoradas por Donald Trump na tentativa de derrogar as instituições democráticas e fazer o que tentou até o fim do mandato: manter-se no poder.

Em 18 de novembro de 2021, em frente ao Palácio da Alvorada, endossando afirmações similares que havia feito anteriormente, Bolsonaro declarou aos seus apoiadores:

Quem decide se um povo vai viver numa democracia ou numa ditadura são as suas Forças Armadas. Não tem ditadura onde as Forças Armadas não apoiam. No Brasil, temos liberdade ainda. Se nós não reconhecermos o valor desses homens e mulheres que estão lá, tudo pode mudar<sup>45</sup>

Ao articular tecnopopulismo, discursos persecutórios e investimento empresarial, políticos da extrema direita, como Jair Bolsonaro, Donald Trump, Viktor Orbán, Giuseppe

---

<sup>44</sup> Para mais detalhes sobre os acontecimento do dia 6 de janeiro de 2021, ver: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/09/mais-de-90-sao-presos-nos-eua-por-invasao-ao-capitolio-fbi-pede-ajuda-para-identificar-extremistas.ghtml> . Acesso em: 02/02/2021.

<sup>45</sup> A cobertura do episódio pelo G1 está disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/18/quem-decide-se-um-povo-vai-viver-numa-democracia-ou-numa-ditadura-sao-as-suas-forcas-armadas-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 20/01/2021.

Conte, Boris Johnson, Erdogan, entre outros, ascendem ao poder por meio do Ódio Coletivo. Seus governos regozijam de seus mandatos democráticos ao mesmo tempo em que atacam sistematicamente os direitos humanos, procuram formas de sufocar toda oposição e enfraquecem as democracias.

Nos seus diferentes contextos, com maior ou menos sucesso, os governos populistas tiram o fascismo das sombras. A história se repete, “primeiro como tragédias, depois como farsa” (Marx). Em uma de suas últimas entrevistas, a filósofa Ágnes Heller (LEGRAND, 2018) alertou para as novas modalidades de tirania que estão emergindo. O governo de Viktor Orbán, na Hungria, foi seu principal exemplo – junto com Rússia e Turquia.

As novas formas de autoritarismo se apresentam por um modelo, denominado pelo próprio Orbán de democracia iliberal. “Democracia, pois o regime é fruto de uma votação majoritária. Iliberal, porque não há mais direitos humanos, nem pluralismo.” (HELLER apud LEGRAND, 2018, p.1). O regime sobe e se mantém no poder em reeleições sucessivas, mas exerce um governo totalmente centralizado, revoga direitos, sufoca divergências e passa a perseguir não apenas opositores, como toda classe que valorize a liberdade de pensamento (artistas, cientistas, filósofos, jornalistas). Ressalta que o argumento do voto majoritário como garantia da natureza democrática do regime é uma novidade bastante perigosa.

A ascensão política desses regimes se dá graças ao uso de ideologia negativa e à construção de uma narrativa de retórica inflamada contra inimigos inventados, que dá vazão ao ressentimento da população. No caso da Turquia, a filósofa diz se tratar de um nacionalismo ético que se proclama defensor da soberania nacional, da identidade e da cristandade supostamente ameaçadas por imigrantes.

As novas formas de tirania, assim como suas estratégias ideológicas, são resultado da passagem progressiva da sociedade de classe para uma sociedade de massa, na qual não são mais os interesses de classe que determinam os votos, mas posições ideológicas. Se antes os tiranos emergiam como representantes dos interesses de classes ou pela força, as novas tiranias têm por artifício a ideologia. O termo negativo se refere ao fato de que “não promete mais nada além de dizer que defende a população, sua identidade, a cristandade, a soberania húngara contra inimigos inventados.” (HELLER apud LEGRAND, 2018, p.3).

Giuliano Da Empoli acrescenta que se trata de uma sociedade de massas narcísicas. Na Era do Narcisismo, o tecnopopulismo realiza a tradução política da comunicação digital, por meio do engajamento cujo “único parâmetro de avaliação é o *like*” (2020, p.22), é pós-ideológico. O conteúdo específico das mensagens não importa, o que importa é engajar e chamar ações (curtidas, compartilhamentos, marcações). A avalanche de informações, no seu

conjunto maior, abafa as outras narrativas e constrói uma realidade paralela, moldada pelos próprios anseios individuais do enxame virtual.

Os engenheiros do caos dão às massas uma narrativa política, por captar seus temores e aspirações (EMPOLI, 2020). Com uso das *fakenews* promovem coesão não pelo consenso, por um denominador comum, mas alimentando extremismos, inflando paixões e cóleras individuais. A ideologia negativa garante o que mais importa: a participação. Nada engaja mais e se dissemina com maior velocidade do que o ódio.

A cólera de alguns meios populares, que se fundamenta sobre causas sociais e econômicas reais; e uma máquina de comunicação superpotente, concebida em sua origem para fins comerciais, transformada em instrumento privilegiado de todos aqueles que têm por meta multiplicar o caos. (DA EMPOLI, 2020, p.25)

A novilíngua digital proporciona novas técnicas de articulação das massas narcísicas. Os marqueteiros dos novos populistas, ao copiar a Big Tech, descobriram o mapa da mina (ou o mapeamento de perfis psicológicos) para a conquista de seu verniz democrático, além de um maquinário que lhes permite corroer as instituições democráticas por dentro. Mais do que isso, corroer a noção de realidade. Mas não perderam características básicas do Ur-Fascismo: criação de inimigos, obsessão conspiratória, xenofobismo, nacionalismo tradicionalista, apelo ao ressentimento das massas, limitação do pensamento crítico, machismo, racismo, valorização da ação, culto à morte...

A jornalista Patrícia Campos Mello, em *A Máquina do Ódio* (2020), aponta as aproximações entre Viktor Orbán e Jair Bolsonaro, nas tentativas deles de acabar com a imprensa tradicional e sufocar críticas. As novas tiranias são ditas pela autora como uma “versão moderna do autoritarismo – em que governantes não rasgam a constituição nem dão golpes de Estados clássicos, mas correm as instituições por dentro” (MELLO, 2020, p.23).

Mello afirma, e demonstra por meio da coletânea de ações do governo Bolsonaro, que este segue à risca o “manual húngaro de combate à mídia crítica” (2020, p.168), cuja ação central é sufocar economicamente a mídia, aprovando leis que ameaçam a viabilidade financeira dos veículos e a liberdade de imprensa. As ações de Bolsonaro nessa direção, como a MP que visava a acabar de forma imediata com a obrigação das empresas de capital aberto de publicar seus balanços<sup>46</sup> e a MP que dispensa a publicação de editais de licitação, concursos e tomadas de preços nos jornais de grande circulação<sup>47</sup>. Essas MPs foram

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/bolsonaro-assina-mp-que-acaba-com-publicacao-de-balanco-de-empresa-em-jornais.shtml>. Acesso em: 21/01/2021.

<sup>47</sup> Enquanto a primeira perdeu o prazo de votação no Congresso, a segunda foi suspensa por Gilmar Mendes. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/21/gilmar-mendes-suspende-mp-que-dispensa-publicacao-de-editais-na-grande-imprensa>. Acesso em: 21/01/2021

anunciadas como medidas deliberadas para retribuir aos ataques que ele julga receber da grande mídia.

Para além das MPs, a família presidencial tem pressionado os anunciantes privados a abandonarem jornais e redes de Tv específicos – aqueles que considera serem contra seu governo. Segundo o princípio do homem-contra, todos os que não estão ao meu favor estão contra mim, fazendo jus à obsessão conspiratória com que validam sua ideologia negativa; a imprensa tradicional é acusada de mentir, perseguir e promover uma ideologia de esquerda.

Eu não quero ler a Folha mais. E ponto-final. E nenhum ministro meu. Recomendo a todo Brasil que não compre o jornal Folha de São Paulo. Até eles aprenderem que tem uma passagem bíblica, a João 8:32 [E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará] qualquer anúncio que faz na Folha de São Paulo eu não compro aquele produto e ponto-final. Eu quero imprensa livre, independente, mas, acima de tudo, que fale a verdade. Estou pedindo muito? (BOLSONARO, apud MELLO, 2020, p. 174)

Na Turquia, o manual de Viktor Orbán foi muito bem-sucedido. Ele impôs leis que previam multas aos veículos que fizessem uma cobertura desequilibrada, insultuosa e que violasse a moralidade pública. Sufocou economicamente os veículos até que empresários apoiadores do governo comprassem a maior parte das mídias independentes. Cerca de 90% da mídia húngara está hoje sob domínio de seu partido. (MELLO, 2020). insultuosa

Apelando para os valores da contemporaneidade – transparência, ausência de intermediários, imediatismo e velocidade das informações, personalidade, valorização do individualismo, a conversão de tudo em espetáculo – empregam cruzadas difamatórias e desmoralizantes da imprensa. Acusam tudo o que não lhes agrada de *fakenews*, ataques e ideologia de esquerda.

Amordçar a imprensa livre e sufocar todo pensamento livre não são novidades de governos autoritários: a inovação está nas novas táticas utilizadas para a manipulação do ciclo de notícias. Donald Trump foi o maior exemplo dessas táticas com uma capacidade tão forte de mobilização do enxame virtual que a mentira, a distorção e a corrupção da realidade foram oficializadas em termos como “pós-verdade” e “fatos alternativos”.

“Um fato é só um cordeiro frente aos lobos”. A frase é do filósofo francês Bruno Latour. Os fatos não são nada diante dos lobos carniceiros. Fazendo uso da mídia digital, eles corrompem e distorcem a topologia social em que os fatos precisam ser sustentados. A deterioração da vida pública, do médium, tem se demonstrado uma deterioração da própria realidade – esse é o efeito da morte do simbólico. O real é atravessado e sustentado pela linguagem. O Ódio Coletivo é uma nova linguagem que está sendo utilizada para construir realidades paralelas, narcisistas.

Em seu livro, Patrícia Campos Mello faz uma descrição detalhada de como opera a máquina do Gabinete do Ódio no governo Bolsonaro, do qual se tornou alvo. O Gabinete do Ódio<sup>48</sup> designa o aparato clandestino de distribuição de mensagens em massa criado por políticos partidários da família Bolsonaro para promover linchamentos virtuais de quem se oponha ao governo (MELLO, 2020). O Gabinete levanta dossiês sobre os adversários e cria materiais difamatórios como memes, montagens e notícias falsas para desmoralizar e virar a opinião pública contra seus alvos.

Mello (2020) chama suas ações por assassinato de reputações. A jornalista se tornou um dos alvos após sua reportagem denunciando o uso do disparo em massa de mensagens pelo WhatsApp, por agências de Marketing contratadas por apoiadores do governo, durante as eleições presidenciais de 2018.

O esquema envolvia a criação de mensagens dentro de células de marketing da campanha, financiadas por empresários e usando técnicas ilegais de distribuição massiva, apropriação ilegal de dados pessoais, além da falsificação no cadastro dos chips de celulares (utilizando números de CPFs de pessoas sem seu conhecimento). O pacote de disparo fornecido pelas agências conseguia criar grupos específicos de eleitores e enviar mensagens manipuladas numa estrutura gigante de desinformação montada para manipular a opinião pública e mobilizar o eleitorado (MELLO, 2020).

O uso do WhatsApp, ao invés de outras mídias, garantia que os conteúdos forjados fossem posteriormente compartilhados de forma orgânica (espontânea) pelos receptores. Os estudos mostram que receber uma mensagem de um conhecido (parente, amigo) favorece a receptividade da informação, tornando mais fácil não apenas acreditar no conteúdo, mas compartilhá-lo com sua rede de amigos (MELLO, 2020). Ao criar distorções ideológicas sobre os fatos e produzir conteúdos apelativos aos afetos do eleitor, as táticas do tecnopopulismo ou maquinaria do ódio, forjam uma realidade paralela que se adapta à sua visão de mundo.

O fato de essas mensagens e conteúdos formarem uma avalanche, ou como chamam os norte-americanos em *firehosing* (mangueira de incêndio), num “fluxo constante, repetitivo, rápido e em larga escala” (MELLO, 2020, p.26) fazem com que abafem as outras narrativas sobre os acontecimentos e tornam quase impossíveis de serem combatidas. A máquina do ódio de Jair Bolsonaro segue o seguinte *modus operandi*:

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/deputado-do-psl-montou-central-de-dossies-e-ataques-apocrifos-na-assembleia-de-sp.shtml>. Acesso em: 20/01/2021.

Primeiro, o presidente concede uma entrevista a alguma veículo de mídia. Influenciadores do mundo bolsonarista, incluindo os filhos do presidente, divulgam trechos da entrevista e convocam a militância a republicá-las. Uma vez que a máquina começa a rodar, contas falsas cuidam de ecoar a mensagem, subir *hashtags* e propagar campanhas difamatórias. (MELLO, 2020, p.152).

Ao fazer a voz da teoria conspiratória ressoar mais alto e incendiar as turbas digitais, instaura novas modalidades de censura. Ao invés de decretar o silêncio, a censura criada por meio das tecnologias de mídia manipula o barulho até sufocar e coagir as vozes de seus adversários. A nova censura usa os linchamentos virtuais e as *shitstorms* para atingir a vida pessoal de seus alvos e atacar suas reputações. “Trata-se de uma nova forma de censura, terceirizada para exércitos de *trolls* patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp” (MELLO, 2020, p.92).

Moldar a realidade por meio de distorções ideológicas e mentiras utilitárias não é uma novidade. Arendt descreve como a propaganda totalitária serviu-se das mesmas artimanhas, que apenas aperfeiçoam as técnicas da propaganda de massa e são tão bem-sucedidas por responderem a uma das principais características das massas modernas: a fuga da realidade. Renegam a fortitude da realidade e escapam desta para a ficção, da coincidência para a coerência. Para a onipotência que as ideologias fornecem (ARENDR, 1973).

A eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. (ARENDR, 1973, p.485)

A propaganda totalitária operou insultando o bom senso, criando um falso mundo de coerências e isolando as massas da realidade. A atual propaganda digital populista e ur-fascista inova apenas nas capacidades técnicas que estão disponíveis. As massas narcísicas da sociedade digital, em suas bolhas, filtros e ecos, estão na condição de isolamento e de perda de vida comum descritas por Hannah Arendt. O achatamento entre público e privado da vida pautada pela transparência estrangula as estruturas do senso comum (público e político) de forma ainda mais radical.

O mundo digital, sob o exercício do poder e dos interesses da *Big Tech*, teceu-se como um grande mundo da propaganda. Para vender ao usuário um mundo que o cativa, engaje e mantenha conectado, para que ele possa ser vendido na forma de dado, a linguagem algorítmica cria as *timelines* levando a fórmula freudiana ao extremo. As redes estão sob a

regência do princípio do prazer em detrimento do princípio de realidade. A lógica algorítmica cria a realidade virtual dando a coerência que o indivíduo não obtém do real – essa coisa que insiste em lhe escapar, frustrar e ressentir. Fornece para o usuário um espetáculo de imagens, fatos e opiniões que coadunam com o seu imaginário.

Os engenheiros do caos não inventaram nada, apenas adaptaram (como fizeram anteriormente os movimentos totalitários) as técnicas da propaganda de massa para o uso político e ideológico. Construíram por meio do tecnopopulismo uma eficiente máquina de manipulação do enxame digital que ascende ao poder por meio do uso político do Ódio Coletivo.

Isso deu às massas de indivíduos atomizados, indefiníveis, instáveis e fúteis um meio de se auto-definirem e identificarem, não somente restaurando a dignidade que antes lhes advinha da sua função na sociedade, como também criando uma espécie de falsa estabilidade que fazia deles melhores candidatos à participação ativa. Através desse tipo de propaganda, o movimento podia apresentar-se como extensão artificial de reuniões de massa, e racionalizar os fúteis sentimentos de empáfia e de histórica segurança que oferecia aos indivíduos isolados de uma sociedade atomizada. (ARENDR, 1973, p.492)

Hoje, a máquina do ódio atinge os mesmos efeitos sem que os indivíduos saiam do seu sofá. O engajamento produzido por suas propagandas difamatórias, as narrativas do homem-contra, constroem a sensação de coerência e o consenso sobre visões particulares de mundo. O discurso do ódio dá forma aos afetos coléricos e fornece bodes expiatórios para o ressentimento das massas narcísicas.

Theodor Adorno, no texto *A Teoria Freudiana e o Modelo Fascista de Propaganda* (1951), apresenta uma análise sobre como a unidade estrutural da propaganda fascista<sup>49</sup> tem por fundamento instigar metodicamente a formação da psicologia das massas no sentido que Le Bon lhe dá. O objetivo da propaganda fascista é a formação de turbas, ou, como diz Adorno, transformar o povo em ralé – “multidão disposta a agir de modo violento e sem qualquer objetivo político” (ADORNO, 1951, p.1).

O conjunto padrão de sua propaganda, caracterizada pela reiteração constante e escassez de ideias, visa a angariar seus seguidores não pelo convencimento racional dos seus objetivos por tópicos concretos e tangíveis, mas pela especulação psicológica. Promove de forma propositada uma atmosfera de agressividade irracional e emotiva pela negatividade de

---

<sup>49</sup> O texto de Adorno tem por objeto as propagandas fascistas norte-americanas na década de 1940, com referência nos estudos e análises sobre o conjunto desses conteúdos apresentados por Leo Löwenthal e Norbert Guterman, *Prophets of Deceit: A Study of the Techniques of the American Agitator* (1949).

seus conteúdos, sua ideologia negativa, como chamou Agnes Heller. Adorno compara esse sistema psicológico à estrutura psíquica da paranoia.

Ao retomar o texto de Freud sobre a psicologia das massas, estado de padecimento do psicológico do indivíduo e as condições que desembaraçam as repressões aos seus instintos inconscientes e à identificação como o mecanismo psíquico que tece os laços libidinosos entre seus membros e com o líder, Adorno abre caminhos de reflexão para a posição deste último que se aproximam bastante da problemática aqui analisada sobre a psique das turbas.

A propaganda fascista é moldada para que o seu agitador tome a posição de líder – do pai primordial com a qual, pela identificação, o indivíduo o coloque na posição privilegiada de objeto libidinal que toma um pedaço dele próprio – do Ideal do Eu. Adorno reitera o caráter narcisista da identificação, “existente no ato de devorar, de fazer o objeto amado uma parte de si mesmo” (1951, p.4). É pelo caráter narcisista da identificação que “a imagem do líder moderno assume a aparência de uma ampliação da própria personalidade do sujeito, assume a forma de uma projeção coletiva de si mesmo, mais do que a imagem do pai” (1951, p.4)

O sistema psicológico dos agitadores fascistas busca promover, mais que uma idealização do líder nos seus seguidores, a idealização de si mesmos. A ausência de projetos positivos, de objetivos concretos para serem alcançados, de algo que o líder ou a ideologia irá dar, o conteúdo fascista apela para a negatividade e para a ameaça em que o indivíduo se encontra, um apelo para a paranoia. Por isso um dos conteúdos da propaganda, chamado por expediente, é o conceito de “pequeno grande homem, da pessoa que sugere ao mesmo tempo onipotência e a ideia de que ele é mais um na multidão” (1951, p.4).

O líder fascista assume e amplia essa posição dúbia para provocar a identificação dos seguidores. Ele é grande e onipotente. É o Super-Homem como o desejo narcísico de cada indivíduo. Ao mesmo é um homem comum, poderia ser qualquer um. Ou seja, ele é cada um dos membros da ralé.

A propaganda fascista opera pelo uso racional da irracionalidade. Usa dos conteúdos de apelo para recriar de forma quase científica (ADORNO, 1951) a psicologia de massa. Outro expediente central da propaganda, a articulação da agressividade intra e extra grupo, configura exatamente a busca por inflamar os afetos e acionar os mecanismos mais arcaicos de violência coletiva. Os conteúdos fascistas exploram deliberadamente o ódio contra o outro para criar a mecânica persecutória do bode expiatório e, assim, criam uma psique de turba para utilizá-la em favor de seus jogos de poder.

Seus expedientes articulam-se aos estereótipos do mecanismo universal descrito por René Girard: instauração de um estado de crise, confusão e caos; incitação da sede de violência dos indivíduos manipulando seus ressentimentos até que formem uma multidão mobilizada; discurso persecutório que culpabiliza inimigos pelas mazelas sociais em que se encontram; construção deste inimigo por meio de estereótipos e preconceitos de forma que sua culpa e a necessidade de punição sejam projetadas pelo imaginário coletivo por sobre as convenções institucionais legais.

A aparência natural da irracionalidade das massas atomizadas é produzida por técnicas calculadas para instigar partes mais ancestrais do aparato cerebral humano, instigar processos de identificação e mimetização pré-atencionais. Os agitadores fascistas apelam de forma instrumental para a face mais agressiva do animal bipolar, querem acionar suas respostas neurológicas e psíquicas de formação grupal, autopreservação e segurança.

A pergunta principal de Adorno é como os agitadores fascistas, “toscos e semi-educados como são” (1951, p.6), possuem conhecimento desses mecanismos sofisticados de manipulação psíquica? Ele o faz explorando a sua própria psicologia. O destaque do líder fascista de todos os outros membros da massa que seduz é ser um tipo “com uma compulsão a falar sem parar e a ludibriar os outros”. O uso racional da irracionalidade foi aprendido pela experiência. A propaganda fascista é criada pela padronização de uma maneira de pensar estereotipada que coloca em ação a mecânica da identificação, mesmo que esses agitadores não tenham amplo conhecimento das teorias psicológicas da massas.

O foco da propaganda fascista é produzir por uma repetição compulsiva a mentalidade já existente e reverte-a para os seus propósitos de obtenção e poder. Ela não exige mudança, ultrapassagens, conversão. A força do apelo da propaganda fascista está justamente em não mudar a estrutura psíquica dos indivíduos, na condição de massa atomizada que as condições socioeconômicas o lançaram. Ela apenas a amplia e repete de forma hipnótica.

“talvez o segredo da propaganda fascista seja simplesmente que ela trava os homens pelo o que eles são: verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada, amplamente privados de autonomia e espontaneidade, ao invés de propor metas cuja realização poderia transcender o status quo psicológico não menos do que a sociedade. Ela repousa inteiramente na estrutura de conjunto tanto quanto em cada traço particular do caráter autoritário engendrado pela internalização dos aspectos irracionais da sociedade moderna. Tendo em vista que o status quo é aceito como algo dado e petrificado, o esforço para ver através dele é muito maior do que o necessário para a ele se ajustar e, via identificação com o existente, obter um mínimo de gratificação psicológica: é esse o ponto focal da propaganda fascista.” (ADORNO, 1951, p.7)

Esse ponto da reflexão de Adorno compreende o substrato do conceito de banalidade do mal de Hannah Arendt. A propaganda fascista, produzida por técnicas calculadas e racionais, age sobre a condição psíquica da condição de massa em que estão lançados os indivíduos. Os horrores fascistas não podem se explicar pelo signo da irracionalidade ou de patologias. Mas como obra de projetos muito bem calculados. São fruto da revitalização racional, calculada da psicologia das multidões, da mobilização de seus afetos em favor de um projeto de poder e destruição. Esta é a força e o perigo de banalidade. A colonização da massa pela mecânica da identificação dá ao projeto o poder de transformar o horror em Estado.

O legado de Arendt para a humanidade ao escarnecer a responsabilidade de Eichmann pelos seus crimes, a despeito da coletividade que estava presente nessas ações sustentadas sobre a banalidade, é que hoje temos meios de pensar a responsabilidade dos novos agitadores fascistas e das plataformas que criam e propagam anúncios de ódio, a despeito de provarmos se são odiadores. A culpa de Eichmann não se aplicava sobre a prova de que era um odiador de judeu, mas no seu papel no maquinário assassino do Holocausto. Mark Zuckerberg não precisa ser um odiador de judeu para ser responsável pelos anúncios para odiadores de judeus em sua plataforma. O fato de a mecânica do ódio poder ser conhecida, de estar estruturada sobre um caráter hipnótico da identificação como descrita por Freud e acionar as estruturas profundas da espécie, não exime a responsabilidade dos agentes do ódio nem dos membros de suas turbas por suas ações. Cito Sigmund Freud, tudo compreender não é tudo perdoar<sup>50</sup>.

A contribuição de Adorno não cessa por aqui, seu pequeno texto traz outro ponto de grande valia para a compreensão da manipulação política das massas narcísicas dos dias de hoje. Adorno enxerga na descrição de Freud do indivíduo rendido ao objeto e o tornou o seu super-ego, seu constituinte mais importante (ADORNO, 1951), o ponto de mutação da psicologia por descrever o estado psíquico dos átomos sociais e desindividualização das coletividades fascistas. Em que a dinâmica psicológica se estendeu tanto que a identificação é ultrapassada pela performance.

Para Adorno a formatação técnica da psique de massas na propaganda fascista permite a coletivização da relação hipnótica, a forma laboratorial é massificada. Esta coletivização e institucionalização tornam, no entanto, os laços e a dinâmica dessa psicologia de massa cada vez mais precária e indireta. É um caráter de performance, como um fingimento da identificação entusiasmada do psiquismo do grupo, que emerge dessa precarização. Em que

---

<sup>50</sup> “Compreender tudo não é perdoar tudo”, frase de Sigmund Freud em entrevista feita por George Sylvester Vierek, em 1930. Disponível em: <https://www.revistabula.com/5071-a-ultima-longa-entrevista-de-sigmund-freud/>. Acesso em: 14/2/2021.

os indivíduos “permanecem de olhos fechados embora não estejam mais dormindo” (1951, p.11).

A performance aparece em dois planos. Tanto na atuação do líder, que faz uma encenação para a massa, quanto desta última, que mesmo sem acreditar plenamente no líder encena seu entusiasmo e toma parte na sua encenação. Esse caráter garante o equilíbrio entre a entrega aos impulsos inconscientes, à regressão psíquica descrita por Freud, e o estágio mais desenvolvido do psiquismo que não pode ser revogado.

Adorno sugere, no fim do texto, esta performance como a possibilidade da percepção súbita das inverdades da hipnose fascista. Hoje, no entanto, o fenômeno do ódio e o seu uso para a propaganda política demonstram que é justamente o caráter de performance que permite expansão dos novos ur-fascistas.

No mundo do espetáculo é a performance que possibilita o recrudescimento do ódio e que a propaganda tecnopopulista reengendre a formação de turba, fomite multidões com sede de violência. Na sociedade da transparência, em que o indivíduo, embora extremamente atomizado, permanece ensimesmado, é a performance que garante uma encenação coletiva. Na sociedade digital o caráter desindividualizante das massas fascistas não se configura e não precisa se configurar. O enxame digital, como nova turba, opera uma estrutura de psique coletiva pela performance, pelo simulacro.

Na sociedade da positividade é o engajamento e o desempenho como valor do sujeito que promovem a propaganda do Ódio. Arquetizada pelos *Engenheiros do Caos*, assim como foi no anos 1920 pelos *Profetas do Engano*<sup>51</sup>, a propaganda dos agitadores ainda usa os princípios da propaganda de massa e age taticamente apelando pela recriação do arcaico, mas hoje usa o desempenho individual para garantir o engajamento numérico e a expansão qualitativa.

As novas turbas não apenas aderem e se seduzem pelos agitadores, mas compartilham, comentam, engajam seus conteúdos. Estamos num cenário em que a propaganda do Ódio, que é uma propaganda fascista, faz o encontro entre o maquinário de produção duma psique de massa com técnicas ultrassofisticadas da psicopolítica, em que o indivíduo monitora e cria a si mesmo.

O fascismo não é a simples recorrência do arcaico (ADORNO, 1951), como também não é a simples recorrência da barbárie. Ele é a reprodução do arcaico (de um narcisismo primário, da identificação como o laço libidinal mais remoto, da violência coletiva como

---

<sup>51</sup> Referência ao livro de Leo Lowenthal e Norbert Guterman que analisa como funcionavam os discursos dos agitadores fascistas norte-americanos nos anos 40.

estrutura social mais profunda, da ação mimética do comutador cerebral mais primordial de sobrevivência) e da barbárie no cerne da civilização.

Todorov (2010) define a barbárie como a negação pela da humanidade do outro. Os bárbaros são aqueles que não reconhecem outros seres humanos como semelhantes e os assimilam aos animais. São os que fazem como os chimpanzés que mutilam os corpos dos adversários até que se transfigurem em meras presas. São a multidão linchadora que arrancam os olhos das vítimas, decepam partes dos corpos, desfiguram e deixam apodrecer em praça pública – os funerais são ritos para corpos humanos. O Ódio que corrói as sociedades no século XXI é a barbárie lepra da civilização (como a proclamou Marx), a desilusão de que a inovação tecnológica, o progresso científico, seriam uma transformação positiva da vida social (TODOROV, 2010). A barbárie permanece entre nós.

Não se pode deduzir, como fazem os homens oitocentistas que ainda andam pelas ruas em pleno século XXI, que se trata de uma regressão da escalada evolutiva, o retorno para um homem primitivo. Mas sua recriação, ou no caso do Ódio, sua encenação performática com o uso instrumental da violência coletiva. Este é o ponto nodal entre Ódio Coletivo e Fascismo: ambos operam pelo arcaico, exercem a barbárie dentro e por meio da civilização.

A dimensão de falha de caráter do narcisismo (SENNETT, apud HAN, 2013), a perda radical do outro, da alteridade, é uma perda radical de aspectos da humanidade que tecem a capacidade empática, a capacidade de olhar o outro no sentido que Byung-Chul Han explora. Um olhar que permita contemplação e respeito. É também uma perda radical de si, de um olhar em que possa se identificar, gratificar, reconhecer. O Ódio revela mais que a barbárie no cerne da civilização, ela desponta no cerne do indivíduo – não apenas como movimento de negação do outro, mas como negação radical de si na incapacidade de “sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento” (HAN, 2017, p. 91).

Encontro o sentido da afirmação de André Glucksmann, o ódio se nutre de sua devoração e faz recair sobre o outro sua própria ruína. O Ódio Coletivo é ódio de si. Faz recair sobre o outro a violência que devora a vida interior do indivíduo, preso em si mesmo.

## VII.

**“Pronto para novas tarefas a cada instante.  
Se tem que esperar, espera.  
Dizem que é cego. Cego?  
Tem a vista aguda de um atirador  
e afoito olha o futuro  
– só ele.”**

Num dos Seminários realizados pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, ao apresentar o material que a pesquisa levantava sobre o avanço e a banalidade do Ódio, foi-me colocada uma questão: por que agora?<sup>52</sup> Por que o ódio estava se propagando pelas redes e fora dela, fortalecendo-se e afirmando-se como um fenômeno social que veio para ficar e não como uma onda passageira, um efeito colateral do confronto eleitoral? Naquele momento da pesquisa, não soube responder.

O objetivo do projeto se centrou em construir uma estrutura sobre o fenômeno, dar-lhe um corpo e compreender suas engrenagens. Este objetivo se alcançou. O Ódio Coletivo é um fenômeno de violência coletiva que coloca em ação um movimento de perversão do mecanismo universal do rito expiatório. O rito é uma linguagem que responde ao campo simbólico, à ordem social. A cena ritual engendra-se pelo imaginário coletivo para reencontrar-se com o real. O Ódio perverte essa linguagem e faz do movimento da violência um fim em si mesmo. Não compreende sua conversão simbólica e, ao invés de reconstituir o corpo social, permanece corroendo. Engendra uma performance de coletividade pelo imaginário individual para, sem fim, enublar o real.

O Ódio Coletivo é a perversão do rito. A arte de nutrir e ampliar uma cólera narrando histórias horríveis (GLUCKSMANN, 2004); de usar uma racionalidade discursiva para perpetrar a irracionalidade. Histórias que lancem tudo num abismo. Meta que só se atinge pelo padecimento do campo simbólico. Suas narrativas de subversão do real não suportam qualquer intermediação, elas se constituem pelo achatamento de toda representação – pela exclusão de todos os vãos e entremeios; para que o imaginário se deite sobre o real: para que os fatos se encubram sobre a interpretação de discurso, como um cordeiro é devorado pelo lobo.

O ódio é um fenômeno da linguagem. Glucksmann faz uma análise do avanço do ódio da Bomba H para a Bomba Humana. A última década revela que sua nova arma é explosão atômica dos códigos da linguagem. O efeito destrutivo de seu discurso opera bipartindo os

---

<sup>52</sup> Interpelação feita pelo Prof. Claudio Penteadó durante o IV Mídia, Política e Eleições: Crise, Representatividade e Política, organizado pelo Neamp. (Puc-Sp, 2017).

signos, o significante não responde mais ao significado. Para valer sua verdade, suas certezas infalíveis sobre a ambivalência do real, para reclamar seu reino como o mundo da pós-verdade, opera a primazia do imaginário.

Antes de compreender o porquê, foi necessário responder outra questão, que emerge também em Adorno ao analisar os patifes agitadores fascistas que se servem do ódio: como? Como é possível realizar empreendimento tão cientificamente preciso?

Wisława Szymborska é certa, o ódio não é como os outros sentimentos, é ao mesmo tempo mais velho e mais novo do que eles. Ele combina a temporalidade mais arcaica da genealogia da espécie humana, com a temporalidade liquefeita da pós-modernidade. Ele reconhece, captura e eterniza os homens naquilo o que são. É a atualização permanente do arcaico.

Possui todas as características pontuadas por Umberto Eco sobre o fascismo eterno. Defensor de suas tradições inventadas, abomina o novo, o diferente, o destoante, o pensamento crítico e a reflexão. Em guerra eterna, sempre sobre ataque, a ação constante contra os inimigos é seu status quo. Grande tagarela, suas narrativas são sua máquina de guerra expondo as conspirações que visam a lhe destruir, os criminosos que lhe ofenderam, os abutres que o sugam, os corruptores que deturpam o paraíso edílico do seu mundo prometido. Todos os que se colocam em seu caminho são traidores e inimigos.

Machista, homofóbico, misógino, xenófobo. A fúria contra o outro é autorreferencial, o ódio odeia a si mesmo. Fenômeno coletivo, seu corpo é conjunto de turbas que mobiliza alimentando seus ressentimentos e lhe dando bodes expiatórios. Seu discurso é a coluna dorsal que sustenta este corpo coletivo, criando suas vítimas sobre os estereótipos que corroboram sua verdade e sua justiça.

Cria uma novalíngua. Simplista, mimética, acrítica. Pelo apelo às imagens fortes e sedutoras, por uma tradução estereotipada do real o recobre pela primazia do imaginário e dá aos membros da sua massa uma saída reconfortante da realidade insalubre. Sabe uma só canção: ode a morte. Fantasias e delírios de destruição, violência e morte são entoados num heroísmo performático.

Sua propaganda engendra a mesma empreitada fascista: recriar a psicologia de massa e usar a energia de sua violência para seus próprios objetivos.

Sua mecânica está enraizada nas chamadas estruturas profundas da vida social humana, nos aparatos biológicos concedidos pela evolução aos animais sociais, a constituição de grupos, o reconhecimento do outro enquanto tal, a capacidade projetiva do cérebro como comutador de pertencimento, um simulador de ação da qual emerge a capacidade empática e a

organização coletiva da violência. Sua estrutura está emaranhada ao mecanismo universal do bode expiatório, nos meandros da natureza e da cultura. Assim como na filogênese da psique de como o outro é parte fundamental desta formação e das saídas que o indivíduo busca ao seu desejo.

O ódio opera pela identificação ou, nos termos de René Girard, pelo mimetismo. Ele está enraizado na forma mais remota de expressão de laço emocional com outro ser humano. Mas opera uma crise desses mecanismos. Quanto mais atomizados e restritos os laços emocionais do indivíduo, maior e mais potente a força que o ódio obterá.

Em nada se pode concluir que o Ódio Coletivo é um retrocesso aos tempos de obscurantismo histórico, como bem alerta André Glucksmann. O Ódio é sempre atual. Sua presença e forma no século XXI não é uma onda reacionária que toma o mundo, não quer reconstruir o passado, reformar o presente. Ele quer o futuro, é uma onda revolucionária anticivilizatória.

Uma de suas raízes é o arcaísmo, a outra é tecnológica. O Ódio Coletivo é um fenômeno da sociedade digital, que possui nos novos agitadores fascistas, os engenheiros do caos são seus mais entusiasmados seguidores. O ódio fez da novalíngua uma linguagem algorítmica. O apelo por transparência, o imediatismo, o narcisismo das bolhas digitais, a capacidade viral e alta velocidade de difusão das informações, o predomínio do imaginário sobre o real, as *fakenews*, o anonimato, a privatização da vida, a fragilização do senso crítico. O mundo digital permite a propagação desenfreada do ódio e seu apelo sedutor.

O tecnopopulismo transforma a política numa narrativa midiática (MELLO, 2020) e vai além, perverte a política por meio da narrativa do ódio. Com o objetivo de manipular as massas digitais, a Máquina do Ódio destrói reputações, instaura novas modalidades de censura, manipula a opinião pública, deturpa fatos e propaga a mentira. Os governos que emergem por meio destas táticas criam um Estado do Ódio no sentido que lhe confere Glucksmann, um estado esvaziado da política e pensado apenas como um projeto de caos, destruição e morte.

O Ódio Coletivo não é uma solução anômica para uma situação de anomia. Não forma uma comunidade de reserva numa situação de padecimento do corpo social. O Ódio Coletivo é uma performance individual, seu corpo coletivo é apenas eco de um enxame de indivíduos ensimesmados. Ele é um fenômeno da positividade e não uma solução imunológica. Assim como a corrosão social, o desprezo e a desconfiança pelo público que constituem a transparência não são uma crise, mas o próprio cerne dessa sociedade. Não age para repará-la, ele lhe é próprio. O Ódio coletivo não é uma resposta à crise, ele responde a si próprio.

Dessa forma ele corrompe a mecânica expiatória apenas no seu quarto estereótipo, na execução da violência coletiva e sua reversão sacra. Ele a corrompe desde o princípio. O Ódio Coletivo é o primeiro estereótipo da mecânica persecutória: ele é o eclipse social. É o segundo estereótipo da sua mecânica: ele é a turba. É o terceiro estereótipo: ele é a acusação. É o quarto estereótipo: ele é a violência.

Afinal, por que agora? Como todos os fenômenos sociais complexos, suas causas são fruto de uma combinação de múltiplos fatores sociais, históricos e políticos específicos de seu tempo:

o estado de falência dos Estados de Bem-Estar Social e precarização profunda da vida social que possui expressão na desconfiança das instituições públicas e políticas, num sentimento de frustração e ressentimento de parcelas significativas do extrato social;

a evolução da individualização e competitividade capitalista que formou uma sociedade de massa narcísica;

o monopólio da Big Tech sobre as tecnologias de comunicação que criam um estado de bem-estar privatizados, aprofundando ainda mais o individualismo na sua sociedade de consumidores;

a manipulação da comunicação digital por este setor do extrativismo de dados sem qualquer debate ético sobre seus usos e interesses de poder; o domínio total da sociedade digital pelo signo do capital;

a corrosão da comunidade, do respeito, do rito e da política na sociedade da transparência; uma nova topologia da violência tecida pela positividade que está transformando profundamente a psique humana e provocando um esgotamento profundo;

os novos agitadores fascistas que aprenderam a condensar a propaganda de massa tecnológica com o uso político do ódio.

Todas essas facetas compõem o contexto do qual emerge o indivíduo que se identifica ao Ódio: o desamparado. Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), Freud expôs a desintegração da massa, a perda dos laços com o grupo, como uma sensação de pânico. Quando as ligações se cessam emerge um sentimento profundo de angústia.

Se tomarmos pânico no sentido de medo coletivo, poderemos estabelecer uma analogia de vasto alcance. O medo do indivíduo é provocado pela magnitude ou pela interrupção de laços afetivos; este último caso é o da angústia neurótica. De igual maneira, o pânico nasce pela intensificação do perigo que afeta a todos, ou pela cessação dos laços afetivos que mantêm a massa coesa, e este caso é análogo ao medo neurótico. (FREUD, 1921, p.51)

A descrição e Freud da formação da massa de uma configuração em que os laços libidinais entres os membros (e com o líder) destituem todo o sistema de ideais do indivíduo como uma ruptura, ou fragilização profunda, dos seus laços com outros grupos e a pluralidade de processos de identificação. Explica a experiência de pânico na ocasião de sua ruptura. A cessação dos laços afetivos lança o indivíduo ao medo neurótico, à sensação de abandono, é uma experiência de completo desamparo. O indivíduo que perde os laços da massa é um desamparado.

As modalidades pelas quais a vida humana se constitui hoje como descrita por Byung-Chul Han. Cessação dos laços nos mais variados grupos, uma vivência do sentimento de perder o mundo é permeada por uma sensação de insegurança coletiva que configura como o medo neurótico da ruptura descrita por Freud: o ser ensimesmado da positividade vive na cessação de todos os laços.

O indivíduo do século XXI é um ser desamparado. O tecido social não encobre o sujeito, não o protege. É pela necessidade de segurança que os animais sociais vivem juntos. O indivíduo atomizado está abandonado em si mesmo, a autoexploração e o autoesgotamento o aprisionam numa violência interna constante, num estado de perigo incessante.

Tipo perigoso de animal que abre as camadas mais profundas da boneca russa da empatia, aciona os mecanismos primários de violência e equipara-a à existência social. Em os processos coletivos de organização da violência fornecida pelo rito, a violência nefasta (destrutiva) não se converte em força cultural (em pulsão de Eros). Sem a operacionalização do simbólico, que só ocorre pela esfera do comum, a violência não é exteriorizada, não configura o sagrado – como define René Girard.

O ser humano desamparado de laços libidinais, num corpo social translúcido, sem as tramas da cultura e da libido – os laços de Eros que une tudo neste mundo; está entregue ao laço do ódio, à mecânica da identificação pela violência e ressentimento – que vira sobre o outro sua angústia neurótica.

## A CORAGEM

A coragem é indispensável porque, em política, não a vida, mas sim o mundo está em jogo.

Hannah Arendt

Não foram simples as questões sobre as quais esta tese se debruçou: O que é este movimento colérico que avança sobre todos que se colocam em seu caminho? De que é feito e como se articula seu corpo? Por que agora? Todas essas questões poderiam parafrasear o problema de Hannah Arendt em *A Condição Humana*: O que estamos fazendo?

As respostas entregues não encerram essas questões, ao contrário, estão bastante longe de serem completas. Puxar fios, desatar alguns nós e contribuir com algumas páginas para a *Filosofia do Ódio* me parece um bom resultado.

Pessoalmente, teses que procuram ao final trazer a solução para os problemas que levantou costumam me desagradar bastante. A tarefa de manter a coerência nas multiplicidades das reflexões teóricas normalmente padece nas tentativas de solução das conclusões finais.

Mas, outra questão é levantada (quase sempre indignada ou em desalento) por aqueles com quem tive a oportunidade de compartilhar estas reflexões: Como combater o Ódio?

Com a coragem!

Esta é a resposta de André Glucksmann. Numa entrevista concedida à Revista *Época* em 2009, o autor que foi bastante criticado por ter defendido a invasão norte-americana no Iraque. Ao afirmar que o ódio é combatido com a coragem, ele sugere que se deve pensar menos no sentido militar e, sim, na coragem civil. A sorte do século XXI seria decidida através da luta pela vida civil, como a luta diária nas favelas brasileiras “para não se viver sob a ameaça de um punhal.” (GLUCKSMANN, 2009). Ele complementa que a batalha contra o ódio será decidida em países como o Brasil. Glucksmann, falecido em 2015, não viu o Ódio ser eleito.

É impossível não pensar como a derrota eleitoral de Donald Trump em 2020 teve influência direta dos movimentos antirracistas<sup>53</sup> com o grito de coragem “Black Lives Matter”. A batalha dos civis negros por não viverem sob a ameaça de serem sufocados até a morte<sup>54</sup> parece ter sido decisiva para a derrota da propaganda do ódio.

<sup>53</sup> Para ver mais: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/01/eleicoes-nos-eua-2020-entenda-a-influencia-dos-protostos-antirracistas-na-corrída-presidencial.ghtml>. Acesso em: 03/01/2021.

<sup>54</sup> Referência ao assassinato de George Floyd, sufocado por policiais que pressionavam sua garganta com a perna enquanto ele implorava por ar. O episódio desencadeou uma série de protestos no EUA e teve repercussão mundial. Para ver mais: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>. Acesso em: 03/02/2021.

Coragem parece uma resposta simples e até romântica, mas ela envolve reflexões filosóficas complexas. O termo civil é um fio importante desta meada. Não se trata de uma coragem individual, mas do cidadão. O termo remete a esfera pública, comum – comunitária. Não a coragem da luta competitiva do indivíduo para sobreviver na sociedade capitalista, nem do heroísmo de um soldado... Glucksmann, que foi acusado de defender o discurso da guerra, propõe para o combate ao discurso do ódio – a coragem do discurso e da ação pública.

Encontro, novamente, Hannah Arendt na concepção de vida activa<sup>55</sup> – criticada por Byung-Chul Han em *A Sociedade do Cansaço* por sobrepujar o contemplar sobre o agir, ponto crucial que denuncia na hiperatividade pós-moderna.

O conceito de Arendt, no entanto, é fundamento sobre a coragem e a noção de amor ao mundo. Coragem é um movimento de encontro ao mundo, de abertura do indivíduo de sua vida privada para a existência pública, estar com o outro.

A coragem libera os homens de sua preocupação com a vida para a liberdade do mundo. A coragem é indispensável porque, em política, não a vida, mas sim o mundo está em jogo. (ARENDR, 1958, p.258)

A ação em Arendt é agir do coração. O estar entre e diante do outro é um movimento de vida, está sob os impulsos de Eros. Como movimento de exterioridade, cerceia o narcisismo individual em favor do encontro com o outro. É um investimento libidinal no mundo. Na hiperatividade dos indivíduos ensimesmados não há coragem, o *homo digitalis* é um ser ativo pela covardia.

A coragem está atrelada ao respeito, à posição de contemplação ao outro, de estar diante da alteridade. Há distância, ambivalência e vão que permite o olhar dialógico. Ser visto, correr os riscos que a esfera comum exige. A ação da vida activa não condiz com hiperação da positividade. O movimento no sentido na esfera do comum é em direção ao exterior, ao passo que o movimento capturado pelos prefixos do poder (eu posso) é de individualização.

O contexto em que os porquês do ódio emergem faz o justo oposto da ação corajosa: retira o investimento libidinal do indivíduo no mundo, encerra-o em si mesmo, coloca a vida privada sobre a pública, deteriora as gradações internas e faz do eu equivalente a si mesmo. O indivíduo desamparado do século XXI é um ser não acovardado.

---

<sup>55</sup> A noção de vida activa de Arendt designa as três atividades humanas que considera fundamentais: trabalho – a própria vida no seu sentido biológico; obra – o mundo artificial das coisas criadas pelo homem; ação – atividade que ocorre diretamente com outros homens e é a condição humana da pluralidade.

Anteriormente afirmei o Ódio como a morte da política. No ódio não há coragem, sua natureza é covarde. A pulsão de morte é um movimento de recolhimento até a atrofia, até a forma inorgânica – é a recusa total do mundo. A ação e o discurso do ódio não são, portanto, políticos. São movimentos de corrosão da política, de negação do diálogo e da produção de um existir coletivo.

O Ódio Coletivo é o ódio ao mundo. Projetos de governo que fazem o uso político do ódio são projetos de morte e não de política. As ações e o discurso de Jair Bolsonaro são o exemplo veemente disto.

Para combater o ódio é preciso amar o mundo e isto é um ato de coragem. Investir e implicar-se nele. Estar com os outros. Valorizar a esfera comum. É preciso ética. O pensamento de Arendt se volta para uma ética da responsabilidade. Esta se desenha como uma força contra a banalidade – uma coletividade que se pretende isenta de seu horror, de seu crime contra a humanidade.

Como pensar uma força contra o Ódio e sua coletividade simulada? Com uma ética da coragem. Algo que perpassa tanto a ética da responsabilidade de Hannah Arendt quanto uma política da amistosidade descrita Byung-Chul Han (2017, p.103) – o sentimento de amor e responsabilidade pelo mundo e um processo de reconstrução do outro, de sua alteridade. Ações do coração, posições ativas.

Acrescentaria, ainda, algo que penso estar na célebre frase de Emma Goldman: se não puder dançar, não é a minha revolução. Para uma ética da coragem, é preciso alegria – um estado de espírito erótico, do regozijar-se da vida e da criação.

Diante do Ódio que toma a forma de movimento de morte, até mesmo nos laços de vida, o agir revolucionário é de alegria erótica, no sentindo que Georges Bataille confere ao erotismo: aprovação da vida até mesmo na morte<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Esta definição de Georges Bataille está em sua obra *O Erotismo* (Autêntica, 2010), que foi o objeto de estudo da dissertação de mestrado *Eu-Tigre: a exuberância erótica em Georges Bataille* (ROSA, Natália; PUC-SP, 2010).

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. (1951) **A Teoria Freudiana e o Modelo Fascista de Propaganda**. Tradução Francisco Rüdiger. Texto original in: Surhkamp Verlag, p.408-433. Frankfurt, 1975. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor\\_Adorno\\_A\\_Teoria\\_freudiana\\_e\\_o\\_modelo\\_fascista\\_de\\_propaganda\\_1951.htm?1349568035#:~:text=Theodor%20Adorno%20%2D%20A%20Teoria%20freudiana,fascista%20de%20propaganda%20%5B1951%5D\\*&text=Durante%20a%20d%C3%A9cada%20passada%2C%20a,por%20parte%20dos%20cientistas%20sociais](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Theodor_Adorno_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda_1951.htm?1349568035#:~:text=Theodor%20Adorno%20%2D%20A%20Teoria%20freudiana,fascista%20de%20propaganda%20%5B1951%5D*&text=Durante%20a%20d%C3%A9cada%20passada%2C%20a,por%20parte%20dos%20cientistas%20sociais). Acesso em: 08/02/2021.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Anistia Internacional Informe 2016/17**: o estado dos direitos humanos no mundo. Verve Traduções. Rio de Janeiro. 2017.

\_\_\_\_\_. **Anistia Internacional Informe 2017/18**: o estado dos direitos humanos no mundo. Verve Traduções. Rio de Janeiro. 2018.

\_\_\_\_\_. **Informe Anual 2019**. Los derechos humano en las Americas. Retrospectiva 2019. Español. Febrero de 2020.

ARENDDT, Hannah. (1958). **A Condição Humana**. Tradução Roberto Raposo. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. (1973). **As Origens do Totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

\_\_\_\_\_. (1963) **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução André Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

BALANDIER, Georges. **A Desordem: elogio do movimento**. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BON, Gustave Le. (1895) **Psicologia das Multidões**. Tradução de Mariana Sérvulo da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO, Inaê. **'Vim procurá-lo e o encontrei morto', diz irmã de venezuelano linchado por brasileiros em Roraima**. G1. 8 de novembro de 2018. Acesso em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/09/08/vim-procura-lo-e-o-encontrei-morto-diz-irma-de-venezuelano-linchado-por-brasileiros-em-roraima.ghtml> Acesso em: 15/7/ 2020.

BRASIL ECONÔMICO. (2020) **Mais de 180 empresas já boicotam o Facebook; entenda o movimento**. IG.COM.BR. Economia. 29 de junho de 2020. Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2020-06-29/mais-de-180-empresas-ja-boicotam-o-facebook-entenda-o-movimento.html> Acesso em: 26/10/2020.

BUARQUE, Beatriz; CRETTON, Márcio. **Mapa do Ódio no Brasil**: percepções e recomendações para políticas públicas. Wordss Heal The World. Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.wordshealtheworld.com/wp-content/uploads/2019/10/HATE-MAP-IN-PORTUGUESE.pdf>. Acesso em: 08/02/2021.

BULLA, Beatriz. ” **Estudo liga crimes de ódio a discurso de líderes políticos**. Levantamento da Universidade da Califórnia aponta aumento de ataques ligados a raça, religião, etnia ou gênero desde 2015”. In: Mundo. TERRA.COM. 25 de Outubro de 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estudo-liga-crimes-de-odio-a-falas-de-presidentes-e-a-atentados-nos-eua,576472537dc4fee3d043fdf1ed8f98e95445231s.html>. Acesso em: 14/02/2021.

CAPETTI, Pedro; CANÔNICO, Marco Aurélio. **Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem 47% no país**. Num ano em que as queixas de intolerância religiosa caíram, as agressões a praticantes de candomblé e umbanda aumentaram. In: Sociedade. G1. 21 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/denuncias-de-ataques-religioses-de-matriz-africana-sobem-47-no-pais-23400711>. Acesso em: 14/02/2021.

CARVALHO, Bernardo. **Discurso de Ódio se Propaga em Meio a Mudanças no País**. In: Folha de São Paulo, Ilustríssima. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1665543-discurso-de-odio-se-propaga-em-meio-a-mudancas-no-pais.shtml>. Acesso em: 15 /10/ 2015.

COSTA, Ana Maria M; ROSA, Miriam Debieux; PRUDENTE, Sérgio. (org) **As escritas do Ódio**: psicanálise e política. São Paulo: Escuta/FAPESP. 2018.

COSTA, Emily. **Após ataques de brasileiros, 1,2 mil venezuelanos deixaram o país, diz Exército**. G1. GLOBO.COM. 19 de agosto de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/19/pacaraima-tem-ruas-desertas-apos-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos.ghtml>. Acesso em: 15/7/2020.

DADOUN, Roger. **A Violência: ensaio acerca do Homo Violens**. Tradução Pilar Ferreira de Carvalho. Rio de Janeiro: DIFEL. 1998.

DEUTSCHE WELLE. **"É preciso soar alarme sobre a expansão do neonazismo no Brasil"**. Antropóloga prepara livro sobre cena extremista no Brasil e aponta existência de 334 células no país, com pelo menos 5 mil membros ativos. Grupos se concentram no Sul e Sudeste, mas já se expandem para o Centro-Oeste. In: Notícias /Brasil. DW.ON. 21 de Novembro de 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/%C3%A9-preciso-soar-alarme-sobre-a-expans%C3%A3o-do-neonazismo-no-brasil/a-51354617>. Acesso em: 14/02/2021.

ECO, Umberto. **Construir al Enemigo e Otros Escritos**. Tradução Helena Lozano Miralles. Buenos Aires: Editora Lumem. 2013.

\_\_\_\_\_. (1995) **O Fascismo Eterno**. Tradução Eliana Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do Caos**. Tradução Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio. 2020.

FLANZER, Sandra N. **Sobre o Ódio**. Rev. Interações, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, pp. 215-229. Universidade São Marcos. São Paulo. 2006.

FONTAINE, Jean de La. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução: Malhão. Rio de Janeiro: EBAL, 1975.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Alemanha denuncia extrema direita por 'caça' aos imigrantes**. 27 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/merkel-denuncia-extrema-direita-por-caca-aos-migrantes.shtml> Acesso em: 15/7/2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. “**Como Facebook Ajudou Trump a Encontrar Seu Eleitorado: teste que parecia inocente na rede social ajudou a traçar perfis psicométricos de mais de 50 milhões**”. In: Mercado. 23 de Agosto de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/como-o-facebook-ajudou-trump-a-encontrar-seus-eleitores.shtml> Acesso em: 20/10/2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. “**Em ano eleitoral, jornalistas já foram alvo de 137 casos de violência, diz Abraji**. Pessoas públicas, incluindo deputados eleitos, estão entre os autores de violações.” in: Eleições. São Paulo. 9 de Outubro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/em-ano-eleitoral-jornalistas-ja-foram-alvo-de-137-casos-de-violencia-diz-abraji.shtml> Acesso em: 12/02/2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. “**Líderes do G7 Querem Que Empresas retirem Conteúdo Extremista das redes**”. in: Mundo. 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/05/1887714-lideres-do-g7-querem-que-empresas-removam-conteudo-extremista-das-redes.shtml>. Acesso em: 20/10/2020.

FONTENELLE, André. **André Glucksmann – “Há uma Onda de Ódio no Planeta”**. Entrevista da Semana. Revista Época. Edição n. 485. Agosto de 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG78873-9556-485,00-HA+UMA+ONDA+DE+ODIO+NO+PLANETA.html>. Acesso em: 20/07/2016.

FREUD, Sigmund. (1930) **O Mal-Estar na Civilização**. In: Obras Completas. Volume 18. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

\_\_\_\_\_. (1920) **Para Além do Princípio de Prazer**. In: Obras Completas. Volume 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

\_\_\_\_\_. (1921) **Psicologia das massas e Análise do Eu**. In: Obras Completas. Volume 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

\_\_\_\_\_. (1913) **Totem e Tabu**. Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

G1. (2017) “**Alemanha Vai Multar em 50 Milhões Rede Social que Mantiver Post Com Discurso de Ódio**”. GLOBO.COM. in: Tecnologia. 30 de junho de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/alemanha-vai-multar-em-ate-50-milhoes-rede-social-que-mantiver-post-com-discurso-de-odio.ghtml>. Acesso em: 20/10/2020.

G1. (2017) **Facebook é Acusado de Permitir Direcionamento de Propagandas a Grupos Antissemitas**. Tecnologia. 14 de Novembro de 2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-e-acusado-de-permitir-direcionamento-de-propagandas-a-grupos-antisemitas.ghtml>. Acesso em: 20/10/2020.

G1. (2019) **Suásticas são pichadas em quase 80 túmulos de cemitério judaico na França**. 19 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/19/suasticas-sao-pichadas-em-quase-80-tumulos-de-cemiterio-judaico-na-franca.ghtml> Acesso em: 15/7/2020.

GARCIA, Gustavo. “**Whatsapp diz ter Banido Mais de 400 Mil Contas Durante a Campanha Eleitoral de 2018**”. Economia. O GLOBO. 18 de novembro de 2019. Brasília, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/18/whatsapp-diz-ter-banido-mais-de-400-mil-contas-durante-a-campanha-eleitoral-de-2018.ghtml>. Acesso em: 26/10/2020.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. Tradução Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra. 1988.

\_\_\_\_\_. (1982) **O Bode Expiatório**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Editora Paulos. 2004.

GLUCKSMANN, André. **O Discurso do Ódio**. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: DIFEL. 2007.

GREENE, Joshua. (2013). **Tribos Morais: a tragédia da moralidade do senso comum**. Tradução Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

\_\_\_\_\_. **Do Desaparecimento dos Rituais**. Tradução Carlos Leite. Lisboa: Relógio D’Água. 2020.

\_\_\_\_\_. **Morte e Alteridade**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2020.

\_\_\_\_\_. **No Enxame: perspectivas do digital**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do Cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. 2 edição ampliada. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

\_\_\_\_\_. **Sociedade da Transparência**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

\_\_\_\_\_. **Topologia da Violência**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

INGRAHAM, Christopher. **Mortes por armas de fogo nos EUA crescem 37% no governo Trump**. Folha de São Paulo. In: Mundo. 27 de Junho de 2017. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/07/1905214-mortes-por-armas-de-fogo-nos-eua-crescem-37-no-governo-trump.shtml>. Acesso em: 14/02/2021.

IG. (2020) **Facebook remove mais de 22 Milhões de Posts com Discurso de Ódio**. Tecnologia. 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/2020-08-12/facebook-remove-mais-de-22-milhoes-de-posts-com-discurso-de-odio.html>. Acesso em: 20/10/2020.

JN, JORNAL NACIONAL. “**Documento sobre influência da Rússia nas eleições abre crise nos EUA: embate entre Casa Branca e Congresso acontece porque Trump determinou que toda a investigação ficasse sob sigilo. Estratégia de Trump é envolver o Judiciário no impasse.**” In: G1, GLOBO. 5 de novembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/09/documento-sobre-influencia-da-russia-nas-eleicoes-abre-crise-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 26/10/2020.

LEAL, Tatiana. **Assinatura do Ódio no Cérebro**. In: Ciência Hoje ON-Line. 18 de Novembro de 2008. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/assinatura-do-odio-no-cerebro/>. Acesso em: 14/02/2021.

LEGRAND, Sarah H. ‘**Nossa única chance de sobreviver é preservar a democracia liberal**’, diz filósofa húngara **Ágnes Heller**. Aos 89 anos, discípula do filósofo marxista György Lukács que passou por três totalitarismos vê ascensão de ‘novas tiranias’ na Europa, com Orbán, Erdogan e Salvini. In: O Globo.Com. Mundo. 15 de Dezembro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/nossa-unica-chance-de-sobreviver-preservar-democracia-liberal-diz-filosofa-hungara-agnes-heller-23307441>. Acesso em: 30/10/2020.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto. 2015.

MARTON, Fábio. “**Relatos apontam proliferação de ataques às religiões afro-brasileiras**. Casos incluem invasões de templos, destruição de imagens, incêndios de residências e pichações”. In: Ilustríssima. Folha de São Paulo. 24 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/09/relatos-apontam-proliferacao-de-ataques-as-religioes-afro-brasileiras.shtml>. Acesso em: 14/01/2021.

MELLO, Patrícia C. **A Máquina do Ódio**. Notas de uma repórter sobre as *fakenews* e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

MERCURI, Karen T. **Linchamentos Virtuais**. Paradoxos nas relações sociais contemporâneas. Dissertação de Mestrado. 132p. Unicamp: Limeira, SP: 2016.

MORIN, Edgard. **O Enigma do Homem: para uma nova Antropologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política**. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora. 2018.

MÜLLER, Karsten; SCHWARZ, Carlo. **Fanning the Flames of Hate: Social Media and Hate Crime**. 5 de Junho de 2020. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3082972> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3082972>. Acesso em: 29 /07/2020.

NALIN, Carolina. **“Djamila Ribeiro Aciona MP para Questionar Lucro do Twitter com Ofensas às Mulheres Negras”**. Economia. O GLOBO. 11. De Agosto de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/djamila-ribeiro-aciona-mp-para-questionar-lucro-do-twitter-com-ofensas-as-mulheres-negras-1-24580046>. Acesso em: 26/10/2020.

RESENDE, André. G1. **Porrete 'Direitos Humanos' é achado em centro socioeducativo na Paraíba**. Junho de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/06/porrete-direitos-humanos-e-achado-em-centro-socioeducativo-na-paraiba.html>. Acesso em: 14/02/2021.

SAFERNET. **Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos: indicadores**. Safernet Brasil. Disponível em: <http://indicadores.safernet.org.br/> Acesso em: 30/10/2020.

SENRA, Ricardo. **'Sou nazista, sim': O protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus**. In: Folha de São Paulo. 12 de Agosto de 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1909406-sou-nazista-sim-o-protesto-da-extrema-direita-dos-eua-contra-negros-imigrantes-gays-e-judeus.shtml>. Acesso em: 15/7/2020.

SILVA, Rafael Rodrigues. **“Facebook Detalha Esforços Para Combater o Compartilhamento de Ideais de Ódio”**. Redes Sociais. CANALTECH. 17 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-detalha-esforcos-para-combater-o-compartilhamento-de-ideais-de-odio-149997/>. Acesso em: 26/10/2020.

SOLANO, Esther. **Crise da Democracia e Extremismos da Direita**. In: Análise. N.48/2018. Friedrich-Ebert-Stiftung. São Paulo. Maio de 2018.

\_\_\_\_\_. (org). **O Ódio Como Política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SOPRANA, Paula. **"Há um aumento sistemático de discurso de ódio na rede", diz diretor do SaferNet**. Apesar de o número de denúncias contra a intolerância ter caído, há uma subnotificação relacionada a conteúdos ofensivos e segregacionistas. In: Experiências Digitais. Revista Época. 7 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2017/02/ha-um-aumento-sistematico-de-discurso-de-odio-na-rede-diz-diretor-do-safernet.html>. Acesso em: 5/10/2019.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Um Amor Feliz**. Tradução Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TAVARES, Joelmir. **“Ustra era um monstro que me torturava com choque e ria', diz vítima de militar**: Vereador Gilberto Natalini conta detalhes de violência e critica Bolsonaro por chamar coronel de 'herói nacional'. In: Poder. Folha de São Paulo 11 de Agosto de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/ustra-era-um-monstro-que-me-torturava-com-choque-e-ria-diz-vitima-de-militar.shtml>. Acesso em: 19/01/2021.

TARDÁQUILA, Cristina. **Coalizão inédita de checadores flagra 50 notícias falsas em 48 horas**. AGÊNCIA LUPA. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/10/29/coalizao-checadores-50-noticias-falsas-48-horas/> Acesso em: 20/10/2019.

TERRA. (2020) “**Governo Alemão Quer Endurecer Leis Contra Discurso de Ódio**”. In: Notícias. 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/governo-alemao-quer-endurecer-leis-contradiscorso-de-odio,015f2b704995e8457076d6185ad11f3eq1wslyob.html>. Acesso em 20/10/2020.

TODOROV, Tzvetan. **O Medo dos Bárbaros**. Para Além do Choque das Civilizações. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Ed. Vozes. 2010.

UOL, Notícias. **Período Eleitoral Fez Aumentar Denúncias de Racismo na Web**. In: Tecnologia. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/10/periodo-eleitoral-fez-aumentar-denuncias-de-racismo-na-web-diz-safernet.htm>. Acesso em: 10/ 10/ 2015.

WAAL, Frans de. **Eu, primata: porque somos como somos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Era da Empatia**. Lições da Natureza para uma Sociedade mais Gentil. Tradução Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

ZEKI, S.; ROMAYA, JP. **Neural Correlates of Hate**. PLoS ONE 3(10):e3556. Victoria University of Wellington. 29 de Outubro de 2008. New Zealand. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0003556>. Acesso em: 26/06/2018.